

DAS PROFECIAS À PREMONIÇÃO

Carlos Bernardo Loureiro



**Passado,
presente
e futuro se
fundem para
constituir
a eternidade.**



DAS PROFECIAS À PREMONIÇÃO

Carlos Bernardo Loureiro

Em toda a história da Humanidade, as profecias e os profetas deixaram marcas inapagáveis.

Cercados por aura de mistério e associados a poderes mágicos e sobrenaturais, povoaram a imaginação de todas as gerações.

Carlos Loureiro consultou cerca de 40 obras para escrever este livro, em que a tese da visão futura é evidenciada através de espantosos fatos premonitórios, desde os tempos bíblicos até os dias de hoje.

Em conotações com o assunto tratado por Allan Kardec, o autor busca, à luz da Doutrina Espírita, e em fontes científicas atuais, compreender certa ordem de fatos cuja explicação permanece misteriosa.

Neste livro o leitor encontrará abrangente levantamento das profecias e dos profetas mais conhecidos, além de esclarecedoras informações sobre o significado e a importância da profecia. Deparárá também com a certeza da existência da vida além do véu que nos encobre o mundo espiritual.

Conheça, entre outras, as profecias de João Batista, João Evangelista, Merlin, Joana d'Arc, Leonardo da Vinci, Nostradamus.

"Nada em toda a história do pensamento humano — heliocentrismo, evolução, relatividade — foi mais verdadeiramente revolucionário ou radicalmente contraditório para o pensamento contemporâneo do que os resultados da investigação da psiprecognitiva."

Dr. Joseph Banks Rhine

SUMARIO

<i>Palavras ao Leitor</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
Profetismo hebraico.....	17
Os nābi'	18
O profetismo greco-romano	22
O oráculo de Delfos	26
— A gruta do oráculo	27
— O treinamento das sacerdotisas	30
O oráculo de Dodona	31
Os augúrios romanos	34
O profetismo nas comunidades cristãs.....	37
João profetiza o advento do Messias.....	39
Jesus profeta.....	41
Jesus profetiza a vinda do Consolador	46
O apocalipse de João	47
A cultura pré-colombiana	51
A profecia entre os celtas	53
Merlin e Joana d'Arc	56
Os profetas escandinavos	58
Profetas da Idade Média e da Renascença	60
Roger Bacon.....	60
O Filósofo.....	61
O Profeta	61
Robert Nixon.....	63
Leonardo da Vinci.....	66
As profecias de Nostradamus	71
A Revolução Francesa.....	76
A ascensão de Napoleão Bonaparte	79
Luis Pasteur	80
Adolfo Hitler	80
Hiroshina e Nagasaki.....	82
As incríveis predições de Jacques Cazote sobre a Revolução Francesa.....	83
O profetismo místico-religioso na era moderna.....	91
Visões do paraíso na Terra.....	94
Os cultos proféticos caribeanos.....	96
Os estudos pioneiros de Kardec sobre a precognição.....	97
As pesquisas sistemáticas sobre premonição.....	102
Charles Richet classifica os vários tipos de premonição.	103

1. Autopremonição	108
2. Premonição sonambúlica.....	118
3. Premonição espiritual	122
4. Premonição acidental	130
Presentimento	137
FIP — Futuro influenciando o presente.....	139
Premonição e morte aparente	142
Premonição e livre-arbítrio	143
Causa e efeito e finalidade.....	149
Premonição psicocinesia	153
As pesquisas de J. B. Rhine	155
Precognição espontânea com intervenção do agente	157
As crianças e a precognição espontânea	161
As pesquisas do Dr. W. H. C. Tenhaeff.....	164
Tenhaeff e os sonhos proféticos.....	169
As pesquisas de Samuel G. Soai	170
As experiências de Russell Targ e Harold Puthoff.....	172
As pesquisas de Gerald Feimberg	174
A Teoria das Coincidências	175
O Inconsciente Coletivo	177
Conceito de espaço e tempo.....	181
A Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica	184
A teoria do matemático C. H. Hinton.....	187
A visão espiritual.....	191
<i>Seleção bibliográfica sobre profecia e precognição.....</i>	<i>195</i>

PALAVRAS AO LEITOR

"Nossos olhos são feitos de tal modo que vêem facilmente o que es'á fora deles, mas precisam de um espelho para se verem a si mesmos."

Giambatista Viço

PREFÁCIO

Teoria da Relatividade, desenvolvida por Albert Einstein (1879-1955) que obedece a duas etapas: a Restrita, em 1905, e a Geral, em 1915, foi a mais importante revolução científica deste século XX, que marcha para o fim. Com ela, o tempo e o espaço aparecem como "coisa", podendo sofrer deformações sob o império da gravidade. O desdobramento da Teoria da Relatividade mostrou que, dependendo da velocidade, o tempo diminui para um viajante, podendo mesmo atingir o ponto de fluxo zero, se o móvel que o transporta se equiparar à velocidade da luz, cerca de 300.000 Km/s. Daí por diante, qualquer acréscimo de velocidade fará o tempo caminharem sentido contrário, para os passageiros do veículo.

Esse conceito teórico matemático deu motivo a que se escrevessem inúmeros livros e contos sobre viagens ao passado. Já o conceito do colapso gra-vitacional, que Wheeler denominou de "buraco negro", desenvolvido matematicamente por Schwarchild, a partir das equações de Einstein, nos fala de um fenômeno que, além de esmagara matéria de uma estrela até que desapareça do nosso espaço, modifica o "contínuo espaço-tempo", levando a que, no bojo dele, o espaço flua, e o tempo adquira a propriedade da extensão. Assim, teoricamente, poder-se-ia, no interior do "buraco negro", deslocar-se no tempo, enquanto o espaço se move num ritmo e direção específicos, continuamente.

O "horizonte de eventos" do buraco negro, segundo alguns teóricos, poderia ser usado para deslocamentos, tanto na direção do passado, quanto do futuro.

Todavia, antecedendo e transcendendo a ciência humana, o Espírito encarnado vem praticando — sem qualquer formulação matemática — a proeza de visualizar, quer no tempo, quer no espaço, desde tempos imemoriais. Carlos Bernardo Loureiro, este notável be-letrista e pesquisador espírita — naturalmente baiano —, soube enfeixar neste volume a grande odisséia dos que possuem a mediunidade de premonição, desde a mais primitiva idade, até os tempos atuais. Feiticeiros, profetas, xamãs, santos, yogis, faquires etc. Tiveram, e têm, como médiuns, em muitas oportunidades, a ca-

pacidade de penetrar o futuro, vendo o que ainda não existe, para perplexidade de doutos e ignorantes. Isso está cientificamente provado, embora a má vontade de muitos. Mas Bernardo também demonstra que o Espiritismo é o único saber que oferece um caminho viável para o entendimento da faculdade de visão do futuro, do qual Jesus deu inúmeras demonstrações.

Este livro vem suprir uma lacuna no contexto da bibliografia espírita, em língua portuguesa, e ninguém melhor do que Carlos Bernardo, verdadeiro espírita, na definição kardequiana, para fazê-lo, pois além de inegável erudição, seu devotamento à causa do Espiritismo, no atendimento aos que sofrem dos males terríveis da obsessão, não tem hora nem lugar para se fazer presente. Este o aspecto da vida do autor, que merece ser divulgado. Contam-se às centenas os que receberam a cura de graves problemas físicos e mentais, por seu intermédio, pois sua abnegação o faz merecedor da assistência dos Samaritanos Invisíveis.

Enfim, amigo leitor, ao percorreres as páginas deste livro, não apenas estarás adquirindo o saber que transmitem, mas absorvendo o influxo espiritual do seu autor, uma alma verdadeiramente boa, cuja existência é uma seqüência de conquistas morais, nascidas de uma persistência e rigidez de caráter inquebrantáveis.

Djalma Argollo Ilhéus, Bahia, 4 de novembro de 1997

PROFETISMO HEBRAICO

Profetismo é a doutrina fundada sobre as predições de profetas.

Os profetas já existiam entre os povos primitivos, principalmente entre os sensitivos, tendo tomado caráter todo peculiar entre os israelitas. Os profetas de Israel falavam em nome de Deus e exerceram enorme influência na vida religiosa e social do *povo eleito*. Depois de Moisés, considerado o *pai dos profetas*, surgem os que atuaram durante a primeira fase da monarquia em Israel (Samuel, Elias e outros), e mais tarde, no início do século VIII a.C., vários profetas em Israel e Judá se tomaram figuras de protesto contra a corrupção dos reis e do povo (Amos, Isaías, Jeremias, Ezequiel). Nesse tempo passam a redigir, em forma elevada e poética, suas próprias profecias, inaugurando novo período na literatura hebraica.

Ao lado do anúncio da destruição — se o povo permanecesse no erro — prometem paz e felicidade, se obedecesse a Deus. Os profetas anunciavam a vinda de um Messias e o estabelecimento do Reino de Deus pelos remanescentes de Israel. As profecias em Israel cessaram com o último dos profetas menores¹, embora os cristãos mencionem João Batista como o último profeta, que anuncia a chegada do Cristo, como o Messias prometido pelos profetas antigos.

OS NĀBI'

Os profetas de Israel (nābi') usavam certos distintivos: um manto de pele e um cinto de couro, um sinal na testa e as cicatrizes das feridas decorrentes de seus estados de profunda excitação. Quando o Espírito os arrebatava, eles profetizavam, *tornavam-se outros homens* (I Samuel 10:6 e 9), ficavam num estado psíquico anormal que se manifestava em cantos, gritos ou invocações repetidas sem fim, gestos (muitas vezes simbólicos), movimentos rítmicos e danças, acompanhadas de instrumentos musicais. Tal estado podia chegar ao êxtase e era contagioso. Às vezes cutilavam-se a si mesmos com as suas armas até sangrar, arrancavam suas vestes ou desmaiavam (I Samuel 19:24). Esses nābi' parecem ter apoiado a atividade religiosa e política de Samuel, propugnador das tradições israelitas. Mais tarde, sob Elias e Eliseu, tomaram parte na luta contra o culto de baal² (I Reis 18:4, 13 e 22); daí a perseguição sanguinolenta da dinastia de Amri contra eles. Foi um nābi' quem, por ordem de Elias, pregou a revolta contra essa dinastia e ungiu o rei Jeú (II Reis 9). Contribuíram, portanto, para salvar o culto de Javé em Israel e opugnaram a influência da religião cananéia — outros nābi' agiram de modo mais individual: Nata e Gad sob Davi, Aías sob Jereboão, Jeú sob Baasa, Holda sob Josias. Residiam geralmente na corte e tinham também alguma função no templo, onde davam oráculos. Em geral intervinham espontaneamente para comunicar a vontade de Deus. Assim como nas demais cortes orientais havia adivinhos e sábios, assim agiram os nābi' na corte do

¹ 1. Profetas menores: São chamados menores não por causa de sua pouca influência ou importância, mas por causa do tamanho de seus escritos.

² 2. Baal: nas religiões siro-palestinaenses muitas divindades eram relacionadas com determinados lugares. O povo as imaginava como habitando árvores sagradas, fontes, cumes de montanhas, rochedos etc. Dava-se-lhes o nome de BAAL (hebraico BA' AL), isto é, senhor do respectivo lugar. O Antigo Testamento reúne estes deuses (que não tinham nome próprio) sob o nome de BA' ALIM. De origem, são deuses ou Espíritos da Natureza. Para maiores informações consulte-se a obra de M. J. Lagranje — *Etudes sur les Religions Sémitiques* (Paris, 1905).

rei Davi, provavelmente na de Saul, a fim de transmitir ao rei as decisões de Javé. Poder-se-ia chamar esses nãbi' de "*profetas cortesãos.*" M.Q depois do cativeiro do povo hebreu, persistiu a opinião de que numa corte devia haver profetas. Entretanto, os profetas clássicos, cujas palavras foram transmitidas por escritos, condenaram os nãbi'. Depois do século V não houve mais nãbi'.

Muitos pensam que o fenômeno dos nãbi', em Israel, deveu-se à influência cananéia. Alegam que, conforme o itinerário egípcio de Wen-Amon, existia em Canaã no século XII, de acordo com 1 Rs. 18:22 a 29, e ainda no século IX, e que, de outro lado, só apareceu em Israel no tempo de Samuel. Mas essa opinião parece pouco provável, se considerar-se os nãbi' como propugnadores das autênticas tradições israelitas e adversárias da cultura cananéia.

A polêmica dos profetas clássicos contra os nãbi', fez surgir o problema dos verdadeiros e dos falsos profetas. De um lado os profetas censuraram os nãbi' por serem mentirosos, jactanciosos e impostores, que predizem, por dinheiro ou para agradar ao rei ou ao povo; que cometem adultério, que se embriagam, fazem esquecer o nome de Deus e iludem o povo (Jeremias 23:32; 29:8; Ezequiel 13:10), predizendo paz e prosperidade. De outro lado não negavam que esses nãbi' recebessem visões e tivessem sonhos, o que supunha revelação da parte de Deus. Tratava-se de sonhos naturais que eles, de boa fé, julgavam serem de inspiração divina, apregoando-os como tais. Os exe-getas católicos opinam que os verdadeiros profetas se distinguem dos falsos pela missão pessoal que recebiam de Deus. Essa solução, sugerida, também, por textos do Antigo Testamento (exemplo: Deute-ronômio 18:21; Jeremias 14:14; 23:21 e 32; Ezequiel 13:6) não é plenamente satisfatória, porque também os profetas falsos às vezes eram enviados por Deus. Alguns identificam os falsos profetas como sendo aqueles que anunciavam a salvação (paz e prosperidade) como se fosse consequência necessária da aliança com Javé. Isso é exato para a maioria dos profetas combatidos por Miquéias, Jeremias e Ezequiel. Miquéias afirma que os nãbi' ameaçavam com a guerra quando os seus serviços não eram pagos; Jeremias acusa-os de profetizarem por Baal. Ainda é Jeremias que admite que um nãbi' será reconhecido verdadeiro, se a profecia se concretizar. Ezequiel, por sua vez, acusa-os de não terem exortado Israel à conversão, diante da decadência moral e religiosa. Em Deute-ronômio há uma predição determinando que um nãbi' pode seduzir o povo ao culto de outros

deuses, falando em nome deles ou falar presurosamente. Os falsos profetas, portanto, não podem ser caracterizados como profetas da felicidade, nem os verdadeiros como profetas da punição. Aliás, também os verdadeiros profetas anunciavam a salvação, caso o povo se convertesse. A diferença entre as duas categorias está antes na idéia que tinham a respeito de Deus e da Aliança. Os falsos profetas pensavam, como o povo, que Javé, pela sua aliança, estava para sempre e incondicionalmente ligado a seu povo; esqueciam que Javé era um deus ético, que havia concluído a aliança por mera graça, visando o bem moral e religioso do que a prosperidade material e nacional do seu povo; esqueciam que Javé, por isso, mandaria não prosperidade mas calamidades, enquanto Israel não se convertesse a Ele. É essa precisamente a doutrina de todos os verdadeiros profetas. É provavelmente nesse sentido que Jeremias pergunta aos falsos profetas se Javé, então é (apenas) um Deus de perto (que sempre socorre seu povo), e não de longe (que se afasta quando o povo não lhe obedece).

O caráter das profecias de Israel, seria, basicamente, o de fazer emergir o significado divino dos acontecimentos. A palavra dos profetas de Israel não era uma palavra abstrata. Sempre supõe presente ao espírito do povo, a Aliança. Ela mede a realidade segundo a medida do sentido da Aliança. É ela que cristaliza e unifica seus diversos pronunciamentos.

O PROFETISMO GRECO-ROMANO

Na Grécia primitiva, acreditava-se que o tempo se repetia, em ciclos recorrentes.

Heráclito, entretanto, postulou a contínua e infundável mudança de tudo, à semelhança de uma correnteza fluvial. "Jamais", sentenciou, "nos banhamos nas mesmas águas de um rio". Ele se referia, naturalmente, ao "rio do tempo".

Parmênides, ao contrário, considerou uma ilusão o mundo da mudança e do tempo; sua razão lhe dizia que a sucessão de fenômenos, o devir, a morte, eram enganos dos sentidos; existia apenas um ser único, indivisível, imutável, intemporal. Zenão de Eléia, seu discípulo, demorou-se na postulação de paradoxos absurdos: demonstrava que o corredor Aquiles, de pés ligeiros, jamais alcançaria a tartaruga, e a flecha disparada nunca chegaria ao alvo!

O médico Hipócrates estudava os sonhos como sintomas clínicos à semelhança de seus colegas modernos. Ensinava a seus discípulos que era possível prever o futuro pela consulta aos astros, e pelo menos uma vez deu-lhes exemplo, traçando horóscopos e enviando-os antecipadamente a combater uma epidemia.

Sócrates dizia-se acompanhado de um intermediário entre a Divindade e o homem, um "daimon" ou «theos» _ "oráculo familiar dentro de mim", ou voz interior, a que hoje chamamos capacidade clarividente ou precognitiva. Frequentemente, em público, Sócrates *parava*, ouvia e obedecia à voz ou transmitia seus avisos. Certa ocasião, o oráculo íntimo instou para que Sócrates avisasse ao jovem Cármenes de que não deveria participar de certa competição esportiva; Cármenes desprezou a advertência e acabou ferido. Em outra oportunidade, Sócrates e Timarco bebiam juntos, antes de este partir para executar um plano assassino; o oráculo de Sócrates avisou Timarco de que não deveria ir, mas não mereceu atenção — Timarco foi morto, ao tentar pôr em prática o seu nefasto objetivo.

Em seu livro "O Daimon de Sócrates", o historiador romano Plutarco citou o passeio de Sócrates no campo, com seus discípulos. A voz interna o instou a parar, enquanto os amigos continuaram por uma passagem estreita. Pouco depois voltaram, correndo e rindo, cobertos de lama, em meio a um bando de porcos. Este poder precognitivo do sábio ateniense o apresentava aos tolos como alucinado e aos sábios como visionário.

O historiador grego Xenofonte mencionou a fala de Sócrates no tribunal que injustamente o condenou:

"Todos dizem e acreditam, como eu, que os deuses conhecem o futuro e o revelam a quem lhes apraz; nunca falei senão a verdade e informei desses avisos aos meus amigos, nunca sucedeu que eu lhes adiantasse o que não fosse verdadeiro."

No diálogo TIMEO, Platão afirmou que o tempo é "a imagem móvel da eternidade imóvel". Ele via o tempo como um fator de ordem no caos e o sonho premonitório como uma capacidade inata da alma, centelha divina. "A alma tem o dom de profetizar e o dom da profecia suplanta em dignidade e perfeição a arte das adivinhações", escreveu o discípulo maior de Sócrates no Fedro.

"Numa terra de oráculos", sentencia Adelaide Petters Lessa, "350 anos antes de Jesus, Aristóteles chegou a essa dúbia conclusão a respeito dos fenômenos premonitórios: "É tão difícil não to-

mar conhecimento da evidência quanto acreditar nela." Segundo o estagirita, sem a mente para enumerar o antes-e-depois, não haveria tempo, já que o tempo era a percepção do antes-e-depois no movimento, e o cálculo desse antes-e-depois pela mente. A princípio, Aristóteles adotou o ponto de vista platônico de que o sonho premonitório era um dom dos deuses e da alma. Mas, em ensaio posterior sobre o dom divinatório, mudou de opinião. É ainda a Dra. Petters Lessa quem informa: "Se os deuses queriam comunicar-se com os homens, poderiam fazê-lo tão bem durante o dia quanto no sono, e deveriam escolher seus recipientes com mais cuidado."

Aristóteles admitiu dois tipos de sonho como apresentando valor premonitório inteligível: o sonho que predizia o estado de saúde do sonhador, pela penetração da consciência em sintomas existentes mas ignorados durante as horas de vigília; e o sonho que trazia em si sua própria confirmação porque sugeriria a quem o sonhou o curso de suas ações. As concepções aristotélicas, embora não conclusivas, oferecem-se como valiosa consulta para quantos pretendam traçar o perfil das cogitações ancestrais sobre o futuro do homem³.

Enquanto isso, para os estoicos (seguidores da doutrina de Zenão) o supremo bem do homem consiste em viver em harmonia consigo mesmo, com seus semelhantes e com a natureza, ou seja, procurando evitar os conflitos. Reuniram uma vasta coleção de casos premonitórios, utilizados por Cícero em seu ensaio sobre o dom divinatório. Ensinavam que o futuro era predeterminado, e, portanto, possível o conhecimento antecipado do que estava por vir. Acreditavam na Providência Divina: o sonho premonitório assumia a função de seu veículo.

Na antigüidade clássica vigorava, pois, esta distinção: sonhos de mau agouro eram resultantes de causas antigas, já observadas, e podia-se esperar que seus efeitos atuassem no futuro; sonhos de intuição divina, durante o sono ou em estados alterados de consciência, constituíam auxílio dos deuses na apreensão do nexos entre causas e efeitos, numa espécie de clarividência vicaria. Os antigos acreditavam viver num universo finito de modestas dimensões, sendo totalmente conhecidas, pelo menos de seus deuses, todas

³ 3. O filósofo neoplatônico Plotino discordou das idéias esposadas por Aristóteles em suas "Enéades". A inteligência divina, ensinava, abarca, simultaneamente, todas as coisas, e eternidade é a "idade genuína de Cronos", cujo nome é Plenitude.

as circunstâncias presentes, determinantes do futuro. Daí porque Plutarco escreveu: "se houvesse uma infinidade de mundos, o dom divinatório seria impossível". Para ele o sonho era "o mais velho dos oráculos".

O ORÁCULO DE DELFOS

"As profetisas de Delfos e Dodona, tomadas por um delírio divino, prestaram numerosos serviços à Grécia."

Platão

O Oráculo de Apoio, em Delphoí, depois chamado Delfos, na Fócida, é sem dúvida, o mais conhecido e mais conceituado de todos os oráculos da antigüidade. Ao longo dos séculos, visitantes de todo o mundo conhecido dirigiam-se a esse local considerado sagrado, com o intuito de fazer toda a sorte de perguntas. Muitas dessas perguntas permanecem gravadas em tabuinhas de chumbo mole. Originalmente, o Oráculo era dedicado às divindades ctonianas. Em seguida, foi dedicado a Possêidon. No século VII, a.C. passou a prestar culto a Apoio Delfino, deus insular e cretense.

A caverna ou gruta, em Delfos, é mencionada como santuário oracular nos registros minoanos de 1500 a.C. Nesse tempo ela era dedicada à deusa Ge ou Gaia, a deusa da terra, freqüentemente citada como Mãe-Terra. É proveniente dessa raiz que temos a palavra geografia — o desenho ou mapeação da Terra, e geologia — o estudo da Terra.

Do século VII ao século IV a.C., esse santuário oracular assegurou o poderio de Delfos. De quatro em quatro anos, os jogos Pítios, em Delfos, congregavam os habitantes das cidades gregas, à semelhança dos jogos olímpicos. As disputas entre facções rivais pelo controle do rico e célebre santuário desencadeou cruentas guerras sacras. O prestígio de Delfos começou a declinar no fim da era helenística, e desapareceu no início de nossa era, arruinado pela indiferença religiosa e pelo ostracismo cristão.

A GRUTA DO ORÁCULO

Para se penetrar na gruta oracular transpunha-se uma porta baixa, que descambava em um aposento de cerca de 18 pés de profundidade e 12 de largura. À frente, erguia-se uma grande estátua dourada do deus Apolo e próximo a ela uma pedra em forma de ovo coberto de inscrições tão antigas que já nem podiam ser distinguidas. Este era o sagrado Omphalo. À sua direita jazia um sarcófago baixo, feito de pedra, e as inscrições nele gravadas diziam ser aquela a tumba de Dionísio. Diretamente à sua frente, no centro exato do aposento, uma mulher envergando graciosas vestes clássicas, sentava-se sobre uma peça que lembrava uma grande taça e que repousava sobre uma trípole entrelaçada por serpentes. Ela era jovem de aparência agradável. Seu corpo era esbelto, suas mãos de dedos cumpridos, graciosas, e sua pele tinha um aspecto acetinado: era a Sacerdotisa de Delfos, escolhida entre as donzelas mais nobres e dotadas de sensibilidade paranormal. Diante de um consulente, a sacerdotisa entrava em uma espécie de transe: seu corpo começava a tremer; no princípio eram breves arrepios mas logo estava sendo sacudida por tremores contínuos. Sua face dócil e bonita, quando em repouso, contorcia-se em máscara de dor e angústia num momento e, a seguir, de prazer e alegria. Quando, em seu delírio, pareceu estar prestes a cair no chão rochoso, começou a falar. Surpreendentemente sua voz era profunda, masculina e doce quando pronunciou as seguintes palavras ao suplicante:

*"Eu sei todas as coisas.
Posso contar os grãos de areia e medir os oceanos. Tenho ouvidos para o silêncio e sei o que o homem mudo quer dizer.
Sim, os meus sentidos são feridos pelo cheiro da tartaruga coberta por sua concha, Agora, cozinhando no fogo, num caldeirão com a carne de um carneiro.
Bronze embaixo, na vasilha, e bronze em cima, para cobri-la."*

Tendo proferido essas palavras, a pitonisa perdeu a consciência.

O consulente chamava-se H'Alatte, emissário do Rei Cressus, da Lídia.

H'Alatte estava intrigado. O oráculo, para ele, não dissera coisa com coisa. Nada fazia sentido. Encarava as palavras da pitonisa como sendo confusos murmúrios de uma mulher mais preocupada com problemas culinários do que com as instruções do deus. Entretanto, assistido pelos sacerdotes, escreveu a mensagem conforme fora enunciada e preparou-se para partir em direção a Sardis, capital da Lídia.

Quando as instruções do oráculo foram apresentadas ao Rei Cressus, ele não conteve a sua admiração, e disse que as declarações do oráculo eram exatas. Ele não realizara nenhum dos seus deveres de monarca naquele dia. Em vez disso transformara-se em cozinheiro, atividade que não praticava desde a juventude. Tomara uma tartaruga e um carneiro, cortando ambos em pedaços. Depois, colocou-os em um caldeirão de bronze e levou ao fogo. A partir daí, o Rei Cressus sempre consultava a Pitonisa de Apolo.

Os cronistas da época e do futuro não entenderam como a pitonisa foi capaz de ver, claramente, o que estava acontecendo a centenas de quilômetros. Qual teria sido a técnica empregada? Indagavam, admirados. O fenômeno teve a sua perfeita explicação com o advento das pesquisas sobre a Clarividência.

O TREINAMENTO DAS SACERDOTISAS

O treinamento das sacerdotisas obedecia a mesma técnica posta em prática em Delfos, Dodona e Trophonius. Jovens de boa saúde, voz clara e natureza dócil eram escolhidas e recebiam as vantagens de uma educação que, naqueles dias, estava somente ao alcance da aristocracia. Todas se desenvolviam, psiquicamente, até certo grau, mas apenas algumas atingiam o nível que as qualificaria para representar o deus.

Esclarece Joseph J. Weed (vide: *"Complete Guide to oracle and prophecy Methods"*, 1971) que naquele tempo a impressão geral era de que cada sacerdotisa não falava por si mesma, mas agia como intérprete do deus a quem o santuário era dedicado. No caso daquelas que eram médiuns de transe é claro que uma entidade falava através dela. Quem ou o que possam ter sido essas entidades não é possível dizer. Em sua maior parte eram seres altamente evoluídos, conforme se pode verificar pela excelência de seus conselhos e pela exatidão das profecias.

Em Delfos eram empregados somente médiuns de transe; mas, em quase todos os outros santuários eles estavam em minoria e às vezes não eram prestigiados. Quase todas as sacerdotisas, em função, falavam em estado de plena consciência e assim transmitiam as impressões que recebiam. Estas impressões se desenvolviam de vários modos. No templo de Zeus, em Dodona, as sacerdotisas geralmente focalizavam sua atenção na sussurante folhagem de um gigantesco carvalho. Este, na realidade, um recurso para anestesiar seus sentidos objetivos e permitir que um segundo estágio da percepção alcançasse sua mente consciente.

Quando, no inverno, as árvores se despiam de sua folhagem, era usado um enorme gongo de bronze. Enquanto ele balançava ao vento, muitos badalos nele pendurados davam batidas em intervalos irregulares e era concentrando-se na cacofonia resultante que a sacerdotisa obtinha uma mensagem. Outros métodos, porém, eram brutais: exigia o sacrifício de animais e o exame de suas entranhas. Presumia-se que cada deus tinha seu animal favorito.

Delfos, evidentemente, desempenhara um papel importante no contexto social e religioso da velha Hélade. As ruínas de seus muitos monumentos podem ainda ser vistas ali. Era o Oráculo mais rico e maior, pelo menos na Grécia Continental. Os seus únicos rivais eram construídos na Ásia e na ilha de Délos (onde se supunha ter nascido Apoio). Os gregos chegaram a acreditar, em dado momento, que Delfos, e não Délos, era literalmente o centro do mundo.

O ORÁCULO DE DODONA

O Oráculo de Dodona, no templo de Zeus, ficava a noroeste do mundo grego clássico, perto da fronteira albanesa com a Grécia moderna, a alguns quilômetros para o interior e localizado numa fenda sob a cadeia do Pindó. Segundo Homero, os seus sacerdotes tinham os pés sujos, dormiam no chão e interpretavam o som do vento num grande carvalho. Há muitas provas da atividade do Oráculo no fim da idade do bronze, mas não há qualquer registro que testemunhe a continuidade, além dessa idade histórica, do famoso santuário. Durante o tempo de vida de Homero, Zeus estava aí entronizado com uma deusa chamada Dione. Havia, ainda, em Do-

dona, o culto de uma deusa secreta e algumas estranhas crenças sobre animais sagrados.

Os edifícios de Dodona eram pobres e escassos, até aos tempos helénicos, e a maior parte das ruínas que hoje são visíveis, muito belas e harmoniosas, têm origem tardia. A mais proeminente é o teatro de arena, construído após a morte de Alexandre, o Grande, no tempo de Pirro, de Epiro, e que foi recentemente restaurado. Sobre o teatro encontra-se a acrópole murada; por baixo, era um estádio, onde se distinguem as extremidades curvas, dando a idéia de uma ferradura.

Supõe-se que Ulisses (personagem central da "Ilíada", de Homero) visitou Dodona. A maior parte dos clientes do Oráculo parece ter sido constituída de gente simples; vinham mais frequentemente de terras próximas ou do Norte, do que do centro do mundo grego. O núcleo do santuário era uma imensa árvore sagrada. Os cultos de Dodona, guardadas as devidas proporções, se pareciam com aqueles praticados pelos celtas, em que o sempre majestoso carvalho assumia papel de flagrante e místico destaque nas elucubrações premonitórias dos taumaturgos.

Com o correr do tempo, a partir das conquistas de Alexandre, no século IV, a.C., outros oráculos apareceram, em vários pontos dos territórios conquistados. Destaca-se o de Claros, sediado na área que é hoje a Turquia, próximo ao Iraque. Era muito procurado pelos colonizadores gregos. Os que consultavam este oráculo organizavam uma caravana anual, contratando-se um coral incumbido de cantar hinos a Apoio. Os consulentes eram conduzidos à noite, numa única fila, que serpenteava por entre os caminhos tortuosos de um labirinto, até uma espécie de cenáculo. Nesse ponto, aguardavam, sob a luz de tochas, enquanto a pitonisa debruçava-se sobre uma fonte de águas borbulhantes que tinham o poder de inspirar a profecia.

As profecias dos Oráculos gregos refletem o exercício natural da mediunidade naquela recuada era, cujas leis que a regem seriam esclarecidas pelas pesquisas de Kardec. A verdade é que a mediunidade serviria de lastro aos processos mágicos, abrindo caminho para o desenvolvimento das religiões mitológicas e das religiões reveladas, que se apoiavam na crença dos homens — deuses, conhecedores dos mistérios da vida e da morte. Os dons mediúnicos reafirmaram a crença nos poderes divinos, através dos

fenômenos produzidos por indivíduos que os possuíam, no caso específico, os profetas e as sibilas.

OS AUGURIOS ROMANOS

Na antiga Roma a divinação dividiu-se em diversas funções distintas. Ressaltava-se o Augúrio. A arte dos Augúrios era o estudo dos eclipses, dos trovões, do comportamento de pássaros e outros animais e de vários sinais chamados auspícios. Os augures suplicavam a aquiescência divina nas decisões dos líderes sociais. O certo é que os augures exerciam fundamental influência sobre a vida dos cidadãos e o destino das comunidades.

O sistema posto em prática pelos augures foi assimilado dos etruscos. Com o transcorrer do tempo a arte de augurar se institucionalizou em Roma, a ponto de os augures se congregarem num colegiado formal, ao lado dos pontífices (administradores das cerimônias públicas) e guardiães dos LIVROS SIBILINOS (urna coleção de antigas profecias oraculares). As predições dos augures eram devidamente registradas e arquivadas em locais secretos.

Para os augures romanos, o relâmpago era considerado uma comunicação direta de Júpiter, o pai de todos os deuses, e os raios de luz eram interpretados de acordo com o setor do céu do qual caíam: raios vindos do oeste era sinal de maus presságios e os do norte de bons presságios. Relâmpagos do noroeste, significavam novas ruínas; eram especialmente temidos. Um raio oriundo do noroeste caiu sobre a estátua de César, derretendo a sua primeira letra. Como a letra C era o numeral romano para 100, os augures predisseram que ele viveria apenas mais cem dias — o que realmente ocorreu! Admite-se que a forma mais elaborada de divinação clássica tenha sido a busca de sinais dos desígnios divinos nas entranhas de animais sacrificados. Denominada aruspicação, essa prática chegou aos gregos e romanos através dos etruscos ou das culturas da Babilônia e da Assíria. Sua teoria subjacente era a de que, quando um animal era sacrificado, ele era absorvido pelo deus ao qual havia sido oferecido, estabelecendo-se um canal direto com a divindade. Abrindo a carcaça, o arúspice imaginava estar perscrutando a mente divina e observar o futuro. Essa técnica é descrita minuciosamente em um trecho de "*ELECTRA*", de Eurípedes, poeta trágico (480-406 a.C.), onde permite ao arúspice prever sua morte próxima. Eis o relato:

"Egisto toma das mãos de Orestes as vísceras sagradas e as observa. Falta um lobo no fígado. Os vasos próximos da vesícula apresentam, aos seus olhos, saliências funestas. Orestes pergunta: 'Por que esse ar desanimado?' — 'Estrangeiro', responde Egisto, 'receio uma cilada do exterior. Tenho um inimigo mortal, o filho de Agamenón, e ele está em guerra contra minha casa'."

A importância que os romanos atribuíam aos presságios e às profecias dos augures ficou revelada quando do assassinato de Júlio César.

No capítulo 81 de sua "Vida dos Dozes Césares", Suetônio relata o seguinte fato:

"Prodígios manifestos anunciam a Júlio César que seu assassinato estava sendo tramado. Alguns meses antes, colonos levados até Cápua por causa da lei Júlia, quando preparavam o terreno para os alicerces de casas de campo, encontraram algumas sepulturas muito antigas. O trabalho passou a ser feito, então, com grande cuidado, tendo sido encontrado um grande número de vasos de feitio antiqüíssimo. Dizem que, no túmulo no qual repousava Capys, o fundador de Cápua (século VI a.C.), foi encontrada uma placa de cobre, na qual, em caracteres gregos, firmava-se a seguinte profecia:

"Quando for descoberta a ossada de Capys, o descendente de Júlio (filho de Enéias, do qual a família de César — a gens Júlia — descendia) será morto pela mão de um de seus amigos, e logo sua morte será vingada pelas desgraças da Itália."

Suetônio garante que César tomou conhecimento dessa profecia através de um amigo íntimo, Cornélio Bálbus, que presenciara os fatos.

César ainda recebeu um segundo aviso. Certo dia, enquanto estava num templo para assistir a um sacrifício, o augure Spurinna Vistritius, que oficiava, anunciou a César que nas semanas seguintes ele estaria sob a ameaça de um grande perigo; "César"— disse o arúspice — "*desconfie dos idos de março*". Os idos de março eram o décimo quinto do mês. No dia 15 de março do ano 44

a.C., Júlio César, o conquistador da Gália, um pouco cansado, não estava com vontade de sair. Finalmente, consentiu em ir ao Senado por causa da insistência de Brutus⁴. A caminho do Senado, César encontra o augure Spurinna Vistritius, e o interpela irônico:

"Então? Os idos de março já chegaram, e nenhum mal me aconteceu!"

"Sem dúvida", respondeu Spurinna. "Os idos de março já chegaram, mas ainda não se foram."

Alguns minutos mais tarde, Júlio César caía apunhalado por Marco Júnio Brutus...

O colégio dos augures foi dissolvido no quarto século de nossa era por um édito do ano 392, assinado pelo imperador Teodósio, então envolvido pelo sistema ultramontano nascente, de funestas e aterradoras conseqüências para a Humanidade. Fato por sinal previsto pelo próprio Cristo, levando em conta, provavelmente, as inferioridades humanas, que se expressam pelo caudal de paixões que suscitam conflitos e profundas dissensões sociais.

O PROFETISMO NAS COMUNIDADES CRISTÃS

Nas primitivas comunidades cristãs havia vários profetas que prediziam o futuro (Atos 11:27; 21:10).

Provavelmente os quatro filhos de Felipe (21:9) exerciam, como pregadores inspirados, certa autoridade nas comunidades cristãs e exortavam e consolavam os irmãos com as suas palavras. Paulo de Tarso sabia que nem todos que julgavam ser profetas eram realmente inspirados pelo Espírito de Deus. Havia falsos profetas, que diziam profetizar em nome de Jesus, mas não cumpriam a vontade do Pai ou não reconheciam Jesus como o Cristo.

As *PROFETISAS*. No Novo Testamento, Ana, filha de Fanuel, é chamada de profetisa; isso supõe que ela era cheia do Espírito de Deus; por uma revelação desse Espírito reconheceu o menino Jesus como o Messias (Lucas 2:36-38)

⁴ 4. Marco Júnio Brutus (85-42 a.C.). Depois de Farsália, onde combateu no exército pompeiano, Brutus, sobrinho de Catão, abandonou a causa de Rompeu, César concedeu-lhe sua proteção e em 45 a.C., ele foi feito pretor. Mas, em César, Brutus viu um pretendente à Monarquia. Paladino do regime republicano, pôs-se à frente da conjuração fomentada por Cássio, abatendo o seu protetor "nos idos de março". A conjuração fracassou. Brutus juntou-se a Cássio no Oriente. Mas, Otávio e Antônio aniquilaram em Filipos (Grécia), em 42 a.C., o exército republicano de Brutus e Cássio. Ambos cometeram o suicídio.

O *MESSIAS PROFETA*. Nos séculos em torno do início da Era Cristã aguardava-se a vinda de um profeta ou até de O *PROFETA*, mas tal profeta não era identificado como o Messias. Mesmo a figura de Elias, embora representado alguma vez como aquele que combaterá o Anticristo, nunca é mais do que um pregador de penitência, que tem de preparar o caminho para o Messias e para o reino de Deus. Por outro lado, muitas vezes são atribuídas ao Messias funções proféticas, sendo ele considerado como um segundo Moisés. Os rabinos interpretaram-no, primeiramente, como o Messias davídico, atenuando, porém, o mais possível, os textos sobre sofrimentos, que não conseguiram combinar com a idéia de um Messias triunfante; e não queriam saber nada de uma morte ignominiosa do Messias. Como os textos, entretanto, eram claros demais, aparece nos escritos rabínicos, pelo fim do século II d.C., a opinião de que esses textos não dizem respeito ao Messias davídico, mas a um outro Messias de grau inferior, que chamavam o Messias "*filho de José*" ou "*filho de Efraim*" e que precederia o verdadeiro Messias.

JOÃO PROFETIZA O ADVENTO DO MESSIAS

Afirma John P. Meier (vide: "*A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*") que o retrato que emerge de João Batista é o de um profeta judeu do século I, trazendo uma mensagem escatológica com alguns traços apocalípticos.

João, em verdade, anunciava um julgamento iminente e violento, que estaria por se abater sobre Israel, e contra o qual o povo pecador poderia proteger-se apenas através do arrependimento interior, da reformulação completa da vida exterior, João tem algumas características em comum com outras figuras de judeus penitentes daquela época, na região do Vale do Jordão, notadamente os membros da seita de Qumran. (Sobre Qumran, vide a obra de J. C. Trever: "*The Untold Story of Qumran*", 1965.)

Em determinado momento ele fala da vinda de alguém superior a ele próprio, "alguém mais forte". Não está claro, observe-se, que esse "alguém mais forte" seria um personagem angelical ou humano, um "Filho do Homem" celestial, ou um Messias terreno. Talvez a linguagem vaga de João seja indicação de que a sua profecia era obscura até para ele mesmo.

Entretanto, e como assinala Flávio Josefo⁵, o Batista exerceu um profundo impacto sobre os judeus de seu tempo, tanto que Heredes Antipas, o tetrarca da Galiléia, houve por bem eliminá-lo com um "golpe preventivo", para que sua influência sobre as massas não fosse usada para fins de sedição. Ainda é Josefo quem afirma que as idéias de revolta política não estavam na mente do profeta, mas do próprio Hérodes.

Foi a esse profeta escatológico, com sua exclusiva prática do batismo, que Jesus aderiu no rio Jordão. Afirmam alguns exegetas que Jesus se tornara discípulo de João. Outros indícios nos Evangelhos, especialmente no quarto, sugerem que Jesus talvez tenha permanecido por algum tempo no círculo mais íntimo dos discípulos de João. Em determinado momento, Jesus teria deixado esse grupo, possivelmente levando consigo alguns dos antigos seguidores de João, dando início, efetivamente, ao seu magnífico ministério. Entre os interpretadores dessa conexão entre Jesus e João Batista, destacam-se as figuras de Hendrikus Boers e de Paul Hollenbach.

Resumindo: João Batista foi um profeta judeu independente, cuja atuação se deu por volta do ano 28, após o nascimento de Jesus. A sua influência entre os seus discípulos era tão profunda que estes se recusaram a ser cristãos; após a sua morte, tornaram-se, segundo John P. Meier, espécie de rivais do cristianismo nascente.

JESUS PROFETA

Duas obras assumem notória importância no campo das pesquisas sobre o caráter profético do messianismo cristão: *"L'essence duprophétisme"*, de O. Neher (Paris, 1955) e *"Christologie du Nouveau Testament"*, de O. Cullmann (Neuchâtel, 1958).

Não é comum atribuir a Jesus o título de profeta. Mas, o de pregador e taumaturgo que retoma, embora em época conturbada por disputas políticas e militares, as tradições dos mais consagrados profetas de Israel.

⁵ Josef ben Mattatias, político militar e historiador judeu (37 ou 38 — 100, da Era Cristã). Escreveu duas grandes obras: "A Guerra dos Judeus", escrita nos anos imediatamente seguintes à queda de Jerusalém, em 70 (predita, por sinal, por Jesus), e "Antigüidades Judaicas", muito mais extensa, nos anos 93 d.C.

No momento em que Jesus inicia o seu messia-nato, a multidão acreditou reconhecer nele um profeta:

Marcos 6:15: *"Outros falavam que ele era Elias. Mas alguns afirmavam: — 'Ele é profeta, como um daqueles profetas antigos'."*

Marcos 8:28: — *"Quem o povo diz que eu sou?"— perguntou Jesus aos seus discípulos.*

E eles responderam:

"(...) que és Elias; e outros, que és um dos profetas."

Esse reconhecimento foi motivado inicialmente pelos fenômenos suscitados pelo Mestre. Assim, entre outros exemplos, após Jesus fazer voltar à vida física o filho da viúva de Nairn:

Pouco tempo depois, Jesus foi a uma cidade chamada Nairn. Seus discípulos e uma grande multidão foram com ele. Quando chegou perto do portão da cidade, ia saindo um enterro. O defunto era filho único de uma viúva, e grande número de pessoas da cidade ia com ela. Quando Jesus a viu ficou com muita pena dela, e disse:

— *"Não chore."*

Aí ele chegou mais perto e tocou no caixão. E os que o estavam carregando pararam. Então Jesus disse:

— *"Moço, eu ordeno a você: levante-se!"*

O jovem sentou-se e começou a falar, e o Mestre o entregou à mãe. Todos ficaram com muito medo, e louvaram a Deus, dizendo:

— *"Que grande profeta apareceu entre nós!"*

Os extraordinários fenômenos provocados por Jesus deixaram os seus contemporâneos perplexos, aterrorizados, sem entender exatamente o que estava acontecendo. Foram, a seguir: 1) a absoluta e serena autoridade de sua pregação, suas predições a respeito do futuro, que confirmaram a suspeita de que se estava face a face com o maior de todos os profetas (jamais alguém, até o Mestre de Nazaré, se pronunciara com tamanho conhecimento do Ser e do mundo);

2) após o diálogo com a Samaritana, em que Jesus revelou os trâmites mais íntimos daquela descendente dos assírios. Esta conversa amistosa entre o Mestre e a Samaritana termina assim:

— *"Agora eu sei que o Senhor é profeta"* — concluiu a mulher. — *"Nossos antepassados adoravam a Deus neste monte*

(Monte Garizim), mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde devemos adorá-lo⁶."

Em seguida, Jesus profetiza:

— *"Mulher, creia em mim. Chegará o tempo em que ninguém vai adorar a Deus nem neste monte nem em Jerusalém."*

Até Jesus o dom de profecia não mais despontara entre os filhos de Israel. Deus, imaginava o povo, silenciara; não falava, como em tempos idos, pela boca de alguns eleitos. A pergunta que os judeus fizeram a João Batista, evidenciava a esperança de que Deus, rompendo, finalmente, o silêncio, enviasse um profeta, do nível de Moisés ou Elias. Eis o diálogo que houve entre "a voz que brada no deserto" e os líderes de Jerusalém (levitas e sacerdotes):

Perguntado quem era, João Batista respondeu:

— *"Eu não sou o Messias."* Eles tornaram a perguntar:

— *"Então, quem é você? Você é Elias?"*

— *"Você é o profeta que esperamos?"*

— *"Não"* — respondeu ele. Aí disseram a João:

— *"Diga quem é você?"*

João respondeu, citando o profeta Isaías:

— *"Eu sou aquele que prega no deserto."* E profetizou:

— *"Preparem o caminho para o Senhor passar."* Em suma: se o povo judeu aguardava o retorno de

algum dos antigos e notáveis profetas, as opiniões a respeito divergiam. Esse estado de ânimo elucidada, até certo ponto, os opostos julgamentos que se faziam em torno da enigmática personalidade de Jesus e de sua missão entre os judeus. Esse profeta tão aguardado restauraria a glória e o prestígio de Israel, pulverizados pelo tempo e pela incúria.

"A função profética de Jesus" — esclarece Christian Duquoc (*"Christologie: Essai Dogmatique"*) — *"assume o caráter que era reconhecido às profecias em Israel: transmitir a palavra divina, isto é, fazer emergir o significado divino dos acontecimentos. A palavra*

⁶ 6. Os samaritanos, à época de Neemias e Zorobabel, construíram seu próprio templo no Monte Garizim, sob a direção de Manasses, filho do Sumo Sacerdote judaico Jójada, que Neemias havia expulsado de Jerusalém. O templo foi destruído em 128 a.C. Por João Hercano I, porque os samaritanos haviam aderido ao partido dos Selêuzidas (membros da dinastia Macedônia dos Diádocos), que de 312 até 65 a.C. governou a Síria que, àquele tempo dominava a Palestina. O Monte Garizim continuava a ser lugar de culto dos samaritanos.

dos profetas de Israel não era uma palavra abstrata, na verdade. Sempre supõe presente ao espírito do povo, a Aliança⁷."

Entretanto, Jesus não se refere primordialmente à Aliança, apela para uma comunhão jamais cogitada até então: uma comunhão entre o Pai e o Filho. Até esse momento, o segredo do Reino não tinha sido revelado. Jesus não transmite, apenas, a palavra que vem de Deus: a mensagem do Cristo inclui a sua própria pessoa. Seus interlocutores se questionam a respeito de sua identidade. Percebem uma unidade perfeita entre o que anuncia, o Reino, e sua experiência pessoal. Ele diz aquilo que ouve do Pai; mas ele o diz como sendo sua própria experiência. Como os profetas que o precederam ele é estúpidamente perseguido. Seu sacrifício, na cruz infamante, é o resultado de seu arguto e verdadeiro pensamento. Ele não vacila em expor o que sente e pensa sobre as atitudes dos fariseus, e os chama, vis-à-vis, de raça de víboras, epíteto, aliás, que se aplica a todos aqueles que agem movidos pela hipocrisia e pela desfaçatez. A linguagem do profeta é uma linguagem humana. Ela é a expressão de uma consciência humana, que já se sobrelevou às exigências passionais; que se sublimou! No entanto, dizia que o que ele fazia, podíamos fazer, e melhor!...

JESUS PROFETIZA A VINDA DO CONSOLADOR O APOCALIPSE DE JOÃO

"Se vós me amais, guardai meus mandamentos — e orarei a meu Pai e Ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito da verdade (...) (João, Cap. XIV)

^{ti}
"Quando este Espírito da verdade vier, ele nos ensinará toda a verdade, pois não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras." (João, Cap. XVI)

Jesus predisse a vinda do Espírito de verdade, aquele que deveria ensinar todas as coisas e fazer recordar o que ele dissera; de onde se conclui que seu ensinamento não estava completo: "tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não o podeis suportar agora".

⁷ 7. O Reino de Deus está acima das diferenças de classe; do mundo injusto de ricos e pobres; das competições políticas e sociais. O Reino de Deus está dentro de nós; na aspiração da Justiça e do Amor, que é o próprio reflexo de Deus na consciência humana.

Ademais, ele premune que haveriam de esquecer (como efetivamente esqueceram) o que ele dissera, e que desnaturariam os seus ensinamentos, pois o Espírito de Verdade devia fazê-lo recordar, e, de acordo com o profeta Elias, restabelecer todas as coisas.

O Consolador, no pensamento de Jesus, é a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador é o Espírito de Verdade. Essa doutrina é o Espiritismo. Realizou-se, então, com o advento da Terceira Revelação, a mais importante pre-dição do Mestre de Nazaré!

O Apocalipse de João pode ser dividido em quatro grandes instâncias:

1) a Introdução; 2) as cartas às Igrejas; 3) as visões proféticas; 4) o final.

A parte introdutória começa com um título que indica o conteúdo do livro como sendo uma revelação sobre "*o que deve acontecer em breve*", isto é: a volta do Senhor e a consumação dos tempos. Em seguida, João dirige-se às sete igrejas da Ásia com uma saudação que termina com uma doxologia (prece ou cântico cujo fim é glorificar a Deus — *Gloria in excelsis Deo*) e um anúncio da volta do Senhor. Como se poderia esperar de um livro profético, segue-se uma visão de Jesus, que dá ao profeta João a ordem de escrever "*tudo o que viste, tanto o que é agora como o que acontecerá depois disto*" (4:21).

O Apocalipse é elaborado seguindo um esquema adremente determinado. O número sete aparece com um caráter eminentemente estrutural: sete cartas: capítulo 2:3; sete selos: 4:1-8,1; sete trombetas: 8:2--11,19; os capítulos 12:14 podem ser divididos em sete cenas; sete taças: 15:1-16-21, além de sete Espíritos 3:1; sete candelabros 1:12; sete estrelas 1:16; sete cabeças 5:6; sete anjos 8:2. Daí os exegetas tentarem identificar no Apocalipse uma estrutura detalhada, baseada no número sete.

Admite-se por outro lado, que o texto apocalíptico pode ter-se desenvolvido a partir de um núcleo primitivo, quando documentos já existentes podem ter sido utilizados. Sente-se, contudo, que o autor imprimiu ao texto o seu pessoal sinete ideológico. A impressão de desordem e confusão que o livro transmite, pode ser decorrente do fato de o autor ter utilizado um duplo gênero literário (epistolar e apocalíptico) "*e de que especialmente as leis do gênero apocalíptico (um desenrolar esquemático da história combinado com imagens*

bizarras e misteriosas e um estilo antológico) não obedecem a uma severa lógica (in "Bijbels Woor-denbraek", J. J. Romen & Zomen, edição holandesa)".

No centro do Apocalipse está o Cristo. Conquanto não se ignore a sua atuação terrestre (nascimento e morte), é a glorificação que é centralizada: "Eu estive morto e eis que vivo pelos séculos e séculos." Esse "estar vivo" de Jesus exprime-se em diversas imagens: primogênito dos mortos (1:5), o primeiro e o último (1:18), o vivo (1:18), o cordeiro (29 vezes) que é apresentado como "tendo sido morto" (mas agora está vivo), para indicar a continuidade entre a consumação da vida terrestre de Jesus e a sua glorificação: "Jesus é o Senhor e o Juiz do Mundo." Entretanto, ele não vive e reina numa glória desligada do tempo; ele é o Senhor da História; só ele pode revelar os desígnios de Deus (5:5; 6,1) e pôr em movimento os acontecimentos escatológicos. E não acompanha esses acontecimentos a grande distância; ele mesmo luta, chefiando os seus sequazes (19:11-21), decidindo a luta pela sua palavra. O Apocalipse testemunha a presença de Jesus na história do mundo. Jesus conduzirá os seus para a consumação definitiva (22:14). Jesus não é apenas mestre moral e exemplo, mas acima de tudo o primeiro da nova criação de Deus. Todo o Apocalipse está penetrado da idéia da importância universal do Cristo para o mundo e a História.

O Apocalipse é um livro profético que vê no presente e no passado a obra salvífica de Deus. E na base desse presente, cheio de esperança, abre uma perspectiva para o futuro, dando assim conforto e consolação aos que ainda têm de viver de opressão.

Obras que se oferecem à consulta: "UApocalypse, État de la Question", A. Feuillet; "Du Christologie der Apokalypse des Johannes", T. Holtz; "Le Christ dans l'Apocalypse", J. Comblin; "The Syscoptic Traditions in the Apocalypse", Levos.

Fala-se, ainda, do Apocalipse de Pedro, considerado apócrifo, vazado em forma epistolar, à feitura de evangelho. O texto grego do fragmento descoberto entre 1886 e 1887, encerra singulares discordâncias e parece ter sido reescrito. Esse apocalipse refere-se à volta de Jesus, à ressurreição dos mortos e ao juízo final.

O apocalipse de Pedro conseguiu alcançar considerável divulgação tanto no Oriente como no Ocidente, tendo sido objeto de citação por Clemente (um dos chamados pais da igreja). Métodio considerou-o inspirado pelas forças espirituais superiores e, até meados do século V, lido em algumas igrejas da Palestina.

Um outro apóstolo, Tiago, escreveu um Apocalipse. É um diálogo que teria havido entre ele e Jesus, em parte antes da morte do Mestre de Nazaré e outra durante o retorno de Jesus em corpo sutil, fato erroneamente rotulado de ressurreição. Tiago receberia de Jesus aviso sobre seus futuros padecimentos e uma profecia sobre a destruição de Jerusalém.

Tomé também escreveu um Apocalipse, à feitura de epístola, rejeitado pelo "*Decretum gelasianum*." O texto original, em grego, se perdeu, restando, apenas, sobre esse Apocalipse, duas versões latinas. Descreve, louvando-se no Apocalipse de João, os sinais dos sete dias precedentes do fim do mundo. No sexto dia, Jesus retornará, e os justos ressuscitarão. O oitavo dia é reservado para a destruição do mundo. Concepção atávica e doentia de tantos quantos místicos que, através dos séculos, prevêm, para a Terra, uma hecatombe total, como se este nosso planeta fosse o centro do Universo e a imortalidade da alma nada realmente significue.

Destaca-se, ainda, neste contexto, o Apocalipse de Paulo, também considerado apócrifo, escrito em estilo epistolar. A sua introdução reporta-se à descoberta desse Apocalipse, no ano 388, d.C., no subsolo da casa de Paulo, em Tarso. Existem versões copias, siríacas, armênias e eslavas. A versão latina, mais completa e mais antiga, serviu de base a muitas outras reelaborações, em geral, resumidas. Nesse Apocalipse o apóstolo de Tarso recebe a missão de pregar a penitência à Humanidade, cujos pecados estremecem o's céus. Relata, também, à feitura de Dante, uma viagem de Paulo às regiões celestiais; recebe revelações sobre a sorte das almas nas esferas espirituais.

A CULTURA PRÉ-COLOMBIANA

A cultura pré-colombiana é de origem remota. O período clássico (250-950) corresponde ao florescimento dessa civilização.

Entre os povos que, integram a cultura pré-colombiana⁸ destacam-se os astecas e os maias. Quem pretender definir os aspectos

⁸ As culturas pré-colombianas são estudadas de acordo com suas áreas de difusão: a meso-americana (dos estados de Tamaulipas e Sinaloa, no México, até o noroeste da Costa Rica); a circuntantilhana (Antilhas, sul da América Central, Costa Rica, Panamá, litoral atlântico da Colômbia e da Venezuela e, ao sul, até a Guiana); e a andina (até o Chile).

tos apocalípticos desses dois povos, deverá recorrer a quatro fontes básicas:

a) Crônica e lendas, como as profecias dos anos Tuns, os livros do Chilam Balam de Tizimi, Mani e Chu-mayel, os Anais de Cuauhtitlan e a lenda dos quatro sóis (Códice Chimapopoca), e indiretamente, o Popol-Vuh (a bíblia maia).

b) Indicações astrológicas e proféticas nas inscrições lapidares (escrita hieroglífica encontrada nas paredes das construções pré-colombianas) sobre a data em que termina o grande ciclo calendarial maia.

c) Indicações astrológicas e proféticas da famosa Pedra Solar asteca.

d) Indicações astrológicas e proféticas baseadas em cálculos astronômicos, apoiadas na tradição cultural e que estão contidas em tiras de papel (lâminas) denominadas Códices. Dos muitos astecas, dois Códices se destacam — o Códice Chimapopoca e o Vaticanus. Quanto aos maias, ressaltam-se três manuscritos que foram preservados da destruição gerada pela colonização espanhola do século XVI, denominados Códice Tró-Cortesianus ou de Madri e Códice de Dresden (Alemanha) — todos eles com nomes das cidades européias em cujos museus estão cuidadosamente guardados. Embora muito já tenha sido traduzido para as línguas ocidentais, há, ainda, grandes trechos desses raros e históricos documentos que precisam ser decifrados. A língua desses povos pré-colombianos é de difícil compreensão. A sua força imagética é extraordinária.

O Códice de Dresden parece ter sido uma das mais efetivas preocupações dos especialistas em cultura pré-colombiana. Possui 74 páginas, dobradas em forma de sanfona, constituindo uma referência para os sacerdotes-astrônomos maias dos acontecimentos do passado a fim de que se pudesse calcular, por técnicas preditivas, os acontecimentos futuros, baseando-se em ciclos e eras cronológicas. A maioria dos especialistas concorda que esse Códice foi redigido pelos maias-toltecas do Iucatã (época da grande decadência da cultura maia) aproximadamente em 1300 e que muito provavelmente é uma cópia de textos ainda mais antigos.

Das páginas 61 a 74, onde se inscrevem os enigmáticos Números das Serpentes, estão os calendários catastróficos e o fim do mundo (Apocalipse). Este Códice estabelece as bases matemáticas

e astronômicas para se calcular a época do fim do mundo (no conceito maia). Essas bases estão nos Números das Serpentes e nas tábuas de multiplicação, bem como em três diferentes calendários. A última página encerra esses acontecimentos, que podem ser ilustrados pelos deuses que o representam — uma deusa maligna, com o poder de desencadear um dilúvio, e um deus guerreiro, sinal de que nessa ocasião o mundo estaria em guerra.

Um sem-número de pesquisadores vem analisando, meticulosamente, esses preciosos manuscritos, de modo especial o de Dresden. Seus enigmas aos poucos estão sendo decifrados; mas os chamados Números das Serpentes ainda encerram profundos segredos.

A PROFECIA ENTRE OS CELTAS

A poção mágica de Asterix (herói gaulês de histórias em quadrinhos) não é fruto de ficção. Na verdade, os gauleses, e entre os celtas, o consumo de bebidas alucinógenas constituía um ato mágico-religioso, destinado, basicamente, a estimular a inspiração poética e profética.

Uma das pedras do altar de Nantes, descoberta no século XVIII, nas proximidades de Notre-Dame, em Paris, e conservada no Museu de Cluny, mostra o deus em cuja honra se celebravam essas libações na Gália. Trata-se do deus *Cermunnos*, senhor da vegetação e, por conseguinte, da fecundidade material e espiritual. Tem cornos de cervo, essa galhada que cai e volta a crescer, aumentando de ano para ano, só começando a diminuir na velhice extrema, como acontece com as árvores da floresta.

O deus *Cermunnos* era considerado a alma dos vegetais. Quando se moía o trigo, ele morria supliciado, mas retornava na primavera com os brotos verdes dos cereais. Consumindo bebidas produzidas com os grãos moídos, os celtas criam incorporar a própria substância de *Cermunnos*. O homem, embriagado, profetizava pela própria boca do deus...

O mais notável de todos os profetas celtas é Merlin, o Mago, celebrizado nos romances da Távola Redonda.

Merlin (Myrddin) nasceu, conforme a tradição, de uma sacerdotisa que transgrediu seu voto de castidade e atribuiu a gravidez a um Espírito. Nasceu na Escócia, na segunda metade do quinto sé-

culo (d.C.) e se tornou o bardo titular do chefe do clã Gwendolen. Quando a Escócia foi invadida pelos saxões, Merlin ficou ao lado do rei Embreiz Guletik. Sendo, ao mesmo tempo, poeta, profeta e guerreiro, foi, de certa forma, afirma Gérard de Sede (*L'Étrange Univers Dês Prophètes*), o Isaías da causa céltica. Depois da batalha de Arderyd, em 475 d.C., informa Sede, deu-se o confronto entre os chefes dos clãs, quando Gwendolen foi morto, Myrddin, tomado de desespero, quebrou a espada. Não quis mais continuar a profetizar em seu país ocupado pelo invasor e dividido, e foi viver numa floresta. Vagueava, apoiado num cajado, cabelos compridos, ao vento, roupas, esfarrapadas, carregando uma harpa sem corda. Os *"Annales de Cambrie"* afirmam que Merlin morreu louco. Há quem garanta que ele teria ido para Armósica, que hoje é chamada a floresta de Paimpont. E mencionam, tais fontes, que ele se acompanhava pela fada Viviane. Sabe-se, com certeza, que Merlin jamais se recuperou do trauma causado pela batalha fratricida de Arderyd:

*"Tenho cabelos ralos, minhas vestes não me aquecem.
O vale é meu paiol, mas não tenho trigo.
Não tenho safra no verão.
Depois da batalha de Arderyd, nada mais me emociona,
Mesmo que o céu caia ou o mar transborde."*

A tradição céltica, que é riquíssima, atribui a Merlin as obras poético-proféticas: *Tes Pommiers*" (As Macieiras) e *"Lê Livre Noirde Carmarthen"* (O Livro Negro de Carmarthen) e um diálogo entre Merlin e Taliesip, filho de Keridwen, *"a possuída pelos deuses"*.

Deve-se esclarecer que os romancistas franceses da Idade Média, criadores do Merlin das lendas, atribuíram ao mago uma série de profecias, consideradas apócrifas. O certo é que o nome de Merlin atravessou os séculos, em meio a um fantástico clima de mistério e fantasia, tornando-o um ser lendário de extraordinária presença nos fastos da História, não apenas da velha Escócia, de tantas e fascinantes lendas, mas da própria Humanidade!

MERLIN E JOANA D'ARC

Entre as predições de Merlin sobre "coisas que viriam a acontecer", destaca-se a que se refere a Joana d'Arc, "urna donzela maravilhosa que virá do 'Nemus Canutum' para a salvação de nações". Esclareça-se que 'Nemus' é uma palavra de origem latina e significa bosque e 'Canutum', vocábulo latino, que significa branco ou encanecido (antigo). Joana d'Arc nasceu em 1412, numa herdade que fica na à margem do rio Bois Chesnu, em Domrémy (França). "Bois" significa bosque e "Chesnu" é a expressão do francês arcaico que significa branco ou encanecido.

A propósito, Joana d'Arc é reconhecida, por seu turno, como uma profetisa. No curso de sua brilhante e dolorosa carreira militar, ouvia vozes e tinha visões em que era avisada para tomar esta ou aquela decisão e o que o futuro lhe reservava e à própria França. Essas vozes e visões começaram a partir do momento em que a "donzela de Domrémy" entrava na adolescência. Nessa ocasião Joana ouviu uma voz que parecia sair de uma nuvem, dizendo que ela iria realizar coisas maravilhosas. Ela fora escolhida para ajudar ao rei da França. Para tanto ela iria usar roupas de homem e pegar em armas, e comandar um exército. Pouco tempo depois a "profecia por voz direta" se concretizava, integralmente, para espanto de todos. Joana teve pressa de levar a termo a sua missão, porque ela sabia que o seu tempo, no particular, seria escasso. Ela mesmo vaticinava:"(...) tenho pouco tempo. Um ano ou pouco mais." Daí à sua prisão decorreram, apenas, treze meses...

As histórias sobre a faculdade premonitória de Joana são muitas. Entre as quais destacamos a seguinte: próximo ao castelo de Chinon, ela se encontrou com um homem a cavalo que a insultou com palavras duras. Joana, calmamente, lhe disse: "em nome de Deus, você pragueja quando se encontra tão perto da morte?" Nem bem decorreria uma hora desse incidente, o agressor caiu no fosso do castelo e se afogou.

Em 1430, no ápice de seus magníficos triunfos militares, as vozes, que dela não se afastavam, disseram-lhe que a sua missão havia terminado. Logo em seguida ela foi posta a ferros pelos seus próprios compatriotas, sendo julgada em Rouen. Foi condenada à fogueira por um tribunal da Inquisição presidido por Pierre Cauchon, Bispo de Beauvais. No dia 30 de maio de 1431, armou-se

uma fogueira na praça do Velho Mercado, em Rouen, onde se consumiu, aos olhos da estupidez humana, a jovem profetisa francesa, que pagou com a morte, morte infamante, o amor que votava ao seu país. Este momento do martírio de Joana foi imortalizado por Claudel, em seu oratório — "Joana na Fogueira."

OS PROFETAS ESCANDINAVOS

As antigas narrativas religiosas nórdicas também reservam considerável espaço à profecia.

Os Eddas (existem os Eddas poéticos e os Eddas prosaicos) não mostram apenas os próprios deuses entregue ao jogo das adivinhações, mas encontram-se neles notáveis profecias cosmológicas que se referem ao Ragnarok, a saber, o "*crepúsculo dos deuses*", ou melhor ainda, ao fim dos tempos.

Eis a descrição desse acontecimento, um verdadeiro apocalipse, que inspirou Wagner (1813-1883), o imortal autor de "*Tristão e Isolda*":

"Então, Ganglari disse: 'O que há a respeito do Ragnarok? Até agora nunca ouvi falar nisso'.

"Hár respondeu: 'Há muita coisa a dizer. Primeiro teremos um inverno que se chama fimbulvetr (inverno terrível). Então torvelinhos de neve cairão de todas as direções do vento. Teremos um frio rígido e ventos cruéis, e o Sol não aparecerá. Teremos três invernos seguidos, sem verão entre um e outro. Mas antes virão os outros três invernos, e haverá grandes batalhas no mundo inteiro. E os irmãos matarão uns aos outros, movidos pela ganância, e ninguém poupará seu pai ou seu filho em matéria de assassinato ou de incesto (...). Em seguida, acontecerá um fato muito notável: o lobo engolirá o Sol, e os homens descobrirão que isso lhes traz grande prejuízo. Outro lobo engolirá a lua, e isso será também um prejuízo. As estrelas desaparecerão do céu. É preciso dizer que a Terra tremerá. O mar se quebrará sobre a terra, porque a serpente de midgard se contorcerá em sua fúria de gigante e subirá à terra. Quando isso acontecer, heimdall se levantará e soprará com todas as suas forças em Gjallarhorn. Chamará todos os deuses e eles se reunirão em conselho. Então Ódin cavalgará até a fonte de Mímir e lhe pedirá conselho, para si próprio e para o seu exército. O freixo Yggdrasill tremerá, e nenhuma criatura no céu e na terra estará

livre do pavor. Os Ases (deuses escandinavos da Natureza) e todos os einherjar colocam suas armaduras e se dirigem para a batalha na planície.

"Na frente cavalga Ódin com seu elmo de ouro e a bela cota de malha, e sua lança Gungnir. Está indo ao encontro do lobo Fenrir."

Esse fim de mundo, porém, será seguido por sua regeneração. No Edd poético, o vidente profetiza *"a volta dos velhos tempos"*, depois de Ragnarok:

Vejo emergir/ pela segunda vez, / uma terra de ondas, eternamente verde; / as cascatas caem, / a águia plana no alto / e, nas montanhas, / apanha os peixes / Os Ases se reúnem / na planície de Idi. / Falam na grande serpente, / rememoram / os grandes feitos / e as antigas runas / de Fimbulty. / Lá se encontrarão, / entre as folhagens, / as maravilhosas / mesas de ouro / que as pessoas tinham / nos dias de outrora. (*"Lês religions de l'Europe du Nord"*, citada por Gérard de Sede.)

Identifica-se nos Eddas uma intrigante encenação dos ciclos reencarnatórios, que se encontra na base do autêntico e espiritualmente inspirado profetismo.

PROFETAS DA IDADE MÉDIA E DA RENASCENÇA

Dentre os profetas que despontaram na Idade Média e na era do Renascimento destacam-se as figuras de Roger Bacon e Robert Nixon, ambos ingleses, e o italiano Leonardo da Vinci.

ROGER BACON

Roger Bacon, filósofo e profeta inglês, nasceu em Ilchester Somerset, em 1214, e faleceu em Oxford em 1292. Cognominado o *Doctor Mirabilis*, estudou nas Universidades de Oxford e de Paris. Após ter lecionado, por algum tempo, em Oxford foi obrigado a deixar a cátedra, estabelecendo-se em Paris (França), onde levou uma vida agitada. Roger Bacon era de temperamento forte e crítico, o que lhe valeu sérios contratempos com as autoridades eclesiásticas de sua época. A sua obra mais importante é a chamada *"OPUS MAJUS"*, publicando, ainda, *"OPUS MINUS"*, e a *"OPUS TERTIUS"*, todas condenadas pela Inquisição. É um dos maiores representantes da ciência experimental

de seu tempo, e foi o primeiro a perceber a inexatidão do calendário Juliano e os pontos vulneráveis do sistema de Ptolomeu.

O FILÓSOFO

Para Roger Bacon o sentido primordial da Filosofia e das ciências é explicar a verdade revelada na escritura: "*Una est tantum sapientia perfecta qual in sacra Scriptura totaliter continetur.*" Deus ensinou aos homens a filosofar, pois eles por si sós não conseguiram; mas a malícia humana fez com que Deus não manifestasse plenamente as verdades e estas se misturassem com o erro. Por isto, a sabedoria verdadeira encontra-se nos primeiros tempos e por isso há que buscá-la nos filósofos antigos. Bacon reconhece três modos de saber: a autoridade, a razão e a experiência. A autoridade dá-nos a crença; a razão proporciona a compreensão das coisas que formam o objeto de crença; a experiência, constitui a fonte mais sólida da certeza. Conforme Bacon, deve-se entender por experiência não apenas a que se alcança pelos sentidos externos e nos oferece o mundo corpóreo, mas também a experiência proporcionada pela iluminação interior.

O PROFETA

Em sua *Epístola de Secretis*, editada em 1268, Bacon profetizou as seguintes invenções:

— *automóvel*—"... carruagens se deslocarão com incrível rapidez sem o auxílio de animais."

— *elevador*—"... um engenho pelo qual o homem poderá subir ou descer qualquer parede."

— *pontes penseis* — "... sem pilares ou qualquer apoio."

— *navios* — "... barcos poderão ser impelidos sem remos nem remadores, de tal forma que naus de grande porte navegarão rios e mares sob o governo de um único homem, mais céleremente que se fossem tripulados."

— *submarino* — "... possibilitará ao homem viajar no fundo do mar."

— *avião* — "... instrumento de voar no qual um homem, sentado confortavelmente e meditando em qualquer tema, poderá singrar os ares com asas artificiais à feição de aves."

— *bombas* — "... Um material apropriado em quantidade moderada, não maior que o polegar de um homem, faz um ruído horrí-

vel e um fortíssimo clarão. Toda uma cidade ou um exército inteiro pode ser destruído."

Essas previsões foram expressas duzentos anos antes de Leonardo da Vinci. Cristóvão Colombo teria se baseado nas previsões de Roger Bacon que afirmava "*ser o mar entre o fim da Espanha a oeste e o começo da Índia a leste navegável em muitos poucos dias, se os ventos forem favoráveis*". Reagindo às injustas perseguições de parte dos seus superiores da ordem franciscana, escreveu ao papa Clemente IV, relatando que era vítima da incompreensão de seus companheiros eclesiásticos, justificando que suas descobertas científicas não contrariavam os dogmas da Igreja (a propósito, criados à luz das conveniências humanas e do entendimento tacanho das leis naturais). O papa se sensibilizou com a situação de Bacon, solicitando que lhe enviasse, à apreciação — secretamente —, suas teorias. À sorrelfa, longe, então, da vigilância sistemática de seus pares, o filósofo elaborou, rápida e eficientemente, três compêndios científicos: "*Opus Majus*", "*Opus Minus*" e "*Opus Tertius*". O chefe da Igreja Católica leu os trabalhos de Bacon, morrendo um ano depois, em 1268. O novo papa Gregório X, que subiu ao trono com o falecimento do papa Clemente IV, não aprovando a atitude de seu antecessor, ordenou que se queimassem (auto-de-fé) os livros de Roger Bacon. O tribunal da Inquisição condenou o talentoso e genial franciscano a quatorze anos de prisão. Libertado em 1292, viveu mais dois anos e faleceu em Paris.

ROBERT NIXON

O jovem profeta inglês Robert Nixon era um camponês retardado e analfabeto. Filho único de pequenos agricultores do Condado de Cheshire, Nixon nasceu em 1467. Ainda adolescente iniciou-se no trabalho rude da lavoura, única ocupação, julgava sua família, à altura de seu retardo, comparável, dizia-se, à inteligência dos animais de tração. Acrescente-se que Robert Nixon comia desbragadamente e era medonho, assustando as pessoas que o viam pela primeira vez. Sua cabeça era imensa e irregular e seus olhos pareciam que iam saltar das órbitas. Certo dia previu, com admirável precisão, a morte de um animal da fazenda vizinha. Impressionado com o fato, Lorde Cholmondeley, espécie de prefeito em Cheshire, levou-o para a sua propriedade, na localidade de

Royal Valley, a fim de se certificar dos seus dons proféticos. Nada de extraordinário aconteceu, retornando Nixon ao seu arado. Certa ocasião, porém, quando estava trabalhando no roçado, parou, de repente, e se quedou, pensativo, a olhar para o alto. Não falava nada. Apenas perscrutava o céu. O capataz desceu-lhe, no lombo, as correias que usava para estimular os animais. Nixon permaneceu impassível. Uma hora levou nesse êxtase, como se nada existisse a sua volta, levando o capataz, e as pessoas que acorreram ao local, ao desespero. Mais tarde, disse que viu coisas que não sabia explicar, e que nenhum homem viu.

O que o profeta de Cheshire vira eram flashes da História futura da Europa, especialmente da Inglaterra, a exemplo da Guerra civil inglesa de 1642; o grande incêndio de Londres em 1666 (também previsto por Nostradamus); A Restauração: período caracterizado pela volta da monarquia após a morte de Cromwell, e marcado pela retomada do poder por Carlos II, rei da Inglaterra de 1660 a 1685. Nixon "viu", também, o reinado de Guilherme de Orange e a Revolução Francesa.

Em 22 de agosto de 1485, Robert Nixon realizava seu habitual trabalho na lavoura, quando, sem nenhuma razão, parou e mais uma vez, perscrutou o céu. De repente, começou a pular pelo campo, gritando e agitando seu chicote como uma espada:

— "Vamos Ricardo! Avante, Henrique! Avante com a tropa! Agora, Henrique, com toda a tropa! Por sobre o fosso, Henrique! Por sobre o fosso, e a batalha está ganha!" Com um sorriso arrematou: "A batalha terminou. Henrique venceu." E retornou ao seu arado, como se nada tivesse acontecido.

Naquele mesmo dia, 22 de agosto de 1485, na localidade de Bosworth, o Conde de Richmond vencia e matava em cruenta batalha o cruel Ricardo III, e se tornava o rei Henrique VII.

A profecia de Robert Nixon se cumprira integralmente, causando estupefação a todos que dela tomaram conhecimento. Alguns dias depois, ele saía, desesperado, batendo de porta em porta rogando que o protegessem dos homens do rei. — "Eles vão me prender! Eles vão me matar de fome!" Ninguém deu importância aos apelos do profeta. Como é que Henrique VII iria se importar com um sujeito tão insignificante; e, ainda mais, convocá-lo à Cor-

te? E, se assim acontecesse, por que morreria de fome no palácio real, onde imperava a fartura?

Pouco tempo depois, emissários do rei chegavam a Cheshire à procura de Robert Nixon, levando-o, sob a admiração de todos, para a Corte. Henrique VII tivera conhecimento da profecia e queria interrogar Nixon sobre alguns detalhes que ele julgava importantes. Nixon tornou-se um dos favoritos do rei. Um escriba o acompanhava noite e dia, atento a qualquer manifestação profética. Ele, em verdade, predisse muitos acontecimentos, incluindo uma invasão da Inglaterra por soldados com chifres nos capacetes...

A parte do castelo real de que mais gostava Nixon era a cozinha. Sempre com fome, e para o desespero dos cozinheiros, devorava tudo que encontrava pela frente, até mesmo os pratos feitos, com esmero, para o rei. Certa ocasião (corria o ano de 1485), Henrique VII saiu à caça, ficando duas semanas ausente. Os cozinheiros, que não suportavam mais os reiterados ataques de Nixon à despensa real, resolveram trancafiar o profeta em um cubículo e se esqueceram dele. Quando o monarca retornou, sentindo a falta do profeta, perguntou por ele. Descobriram-no no tal cubículo morto de fome e desidratado. Nixon à época, estava na plenitude de seus dezoito anos...

LEONARDO DA VINCI

Leonardo da Vinci, contemporâneo de Copérnico e Cristóvão Colombo, nasceu em Vinci, aldeia da alta Toscana, perto de Florença, em 1452, uma das regiões mais belas da Itália do Norte, e morreu em maio de 1519. Seu pai, Piero, exercia a profissão de notário e era muito estimado dos habitantes da pequena aldeia. Antes do casamento, tivera Leonardo. A mãe, Catarina, uma humilde camponesa, vivera com o filho durante cinco anos, quando Piero, assumindo publicamente a paternidade, se encarregou de sua manutenção e educação. Leonardo já estava com vinte anos, quando Piero se casou com Albiera Amadori, que lhe não deu filhos, falecendo pouco tempo depois do consórcio.

Leonardo viveu por alguns anos em Florença, aprendendo a arte de pintura com o mestre Andrea del Verrochio, que não escondeu o entusiasmo assim que constatou o extraordinário talento do jovem da Vinci, que iria, de fato, tornar-se um dos mais geniais artistas de todos os tempos. Àquela época, Florença estava sob o governo e o domínio político da família Médicis, mas exatamente de Lorenzo de Médicis. Leonardo sentia que precisava lutar, e muito, para conquistar um des-

tacado lugar entre os pintores de sua época, especialmente quando refulgia a genialidade artística do próprio Verrochio e de Botticelli. Em 1582, Leonardo partiu para Milão e ofereceu ao Duque Ludovico, o Mouro, seus serviços de engenheiro militar, escultor e pintor. Eis alguns trechos da carta escrita por Leonardo da Vinci (vide a obra de José Poch Nogueira) ao Duque de Milão, em que se observa, flagrantemente, o seu espírito profético:

"Meu ilustríssimo Senhor:

"Tendo visto é observado, com atenção, as provas do que mestres e autores consideram instrumentos bélicos, venho oferecer-lhe meus préstimos, afirmando que sou capaz de executar as coisas que relaciono a seguir:

"a) sei construir pontes leves, resistentes e fáceis de serem transportadas que possibilitarão, quando necessário, a retirada militar. Sei também como queimar e destruir as dos adversários;

"b) sei como abrir caminhos estreitos e subterrâneos, mesmo por baixo de fossos e rios, sem quaisquer ruídos;

"c) sei fazer carros revertidos, seguros e inatacáveis que, ao penetrarem por entre os adversários com sua artilharia, farão com que se dispersem, permitindo a invasão da infantaria sem grandes riscos ou impedimentos;

"d) e, se necessário, poderei fazer morteiros, bombardas (precursores dos modernos canhões).

"Construirei, ainda, outras máquinas de boa eficácia e até agora desconhecidas. E, no tocante aos combates marítimos, construirei máquinas para ataque e defesa bem como navios que resistirão aos projéteis arremessados pelas mais possantes bombardas.

"E se alguma das coisas enumeradas possa parecer a alguém irrealizável e impossível, estou disposto a prová-la com experiências em sua presença e no local designado.

"Recomendo-me, humildemente,

Leonardo da Vinci"

O Duque de Milão consultando o astrólogo da Corte, Ambrosio de Rósate, sobre as propostas de Leonardo respondeu:

— *"É um maluco a escrever uma série de desatinos." E arrematou: "tereí um grande prazer em desmascará-lo."*

No diálogo que houve entre o Duque Ludovico e Leonardo, na presença de Ambrosio de Rósate, o futuro émulo de Miguel Ângelo se saiu maravilhosamente bem, a ponto de o Duque fazer-lhe irrecusável convite para integrar o seu *staff* na corte de Milão, a despeito das disposições em contrário do invejoso Ambrosio.

Leonardo da Vinci vivia em permanente entrevero com os eruditos da época. Repetia-se, com freqüência, o acerbo diálogo que mantivera com o astrólogo Ambrosio de Rósate, prevalecendo, sempre, a inteligência e a força visionária do autor de a "*Gioconda*". Esse espírito inquieto e irreverente incomodava à sua época, onde se sentia profundamente deslocado. Certa ocasião, apresentou, aos professores da Universidade de Pávia, um aparelho voador, inspirado na teoria científica do vôo dos pássaros. A geringonça parecia um morcego gigantesco. Um homem montado na máquina, com os pés em estribos, imprimia movimento às asas por meio de um sistema de alavancas, roldanas e cordas. E guiava o leme com a cabeça. Os professores examinaram o aparelho voador e declararam que aquilo não passava de uma loucura. Leonardo tentou, a todo o custo, demonstrar a eficiência do aparelho, estabelecendo um paralelo entre ele e o vôo dos pássaros.

Em seguida, Leonardo abriu um armário e retirou um pequeno aparelho que construía com papel e arame, deu-lhe corda e soltou. A maquinazinha, voando, percorreu todo o comprimento da sala. Os professores, aterrorizados, agruparam-se em um dos cantos do ambiente. O pequeno aparelho era UMA ESPÉCIE DE HELICÓPTERO que se sustentava no ar pela ação direta de hélices de eixo vertical.

Os professores de Pávia se retiraram apressadamente, como se fugissem de um bruxo, que tivesse parte com o demonio. Na verdade, Leonardo da Vinci estava, profética e objetivamente, demonstrando um conhecimento estranho e misterioso do futuro, suscitando aos seus contemporâneos assombro e estupefação. Com o seu gênio inventivo e precognitivo fora precursor das casas pré-moldadas, dos planos de urbanismo, das dragas, dos veículos blindados, do pára-quedas, que chegou a desenhar como hoje é. Descreve, em seus estudos, as leis que regulam os movimentos dos ventos e das correntes marítimas, a transmissão do som em ondas através das camadas atmosféricas. Definiu, ainda, a teoria física das ondulações que, na atualidade, é base da hipótese que

explica a transmissão radiotelefônica. Ademais, o gênio de Leonardo da Vinci fê-lo tornar-se, ainda, um dos artífices da geologia histórica, com a interpretação que deu aos fósseis. Idealizou como examinar as estrelas e vê-las em sua forma real através de pequeno orifício feito em papel, e construiu um tubo acústico, pelo qual o Duque de Milão podia ouvir tudo o que se falava em todo o palácio ducal.

O gênio inventivo de Leonardo da Vinci transforma-o no mais hábil profeta de todos os profetas. Ele não apenas predisse o que ia acontecer no futuro, mas, em verdade, ele trouxe o futuro para a sua época, desafiando o tempo. Fora o único a realizar essa formidável proeza. Quem teria sido Leonardo da Vinci, um viajante do tempo, como rezam as lendas de Fo Hi, aplicáveis, também, a José de Arimatéia e ao Conde de Saint Germain?...

AS PROFECIAS DE NOSTRADAMUS

Michel de Notredame, que mais tarde latinizou seu nome para Nostradamus, nasceu em 1503, em Saint-Remy-de-Provence, perto de Avinhão, França, e faleceu em 1566. Sua família, de origem judia, converteu-se ao Cristianismo, por força das perseguições⁹. Estudou Medicina em Montpellier. Levando doze anos de uma vida errante no Sul da França, acabou por fixar-se em Salon, perto de Aix. Médico brilhante, combateu com êxito recusava-se a sangrar os pacientes, uma prática comumente usada, e inócua, no século XVI) uma epidemia (peste), oportunidade em que divulgou o seu receituário a que deu o título de *Fardements*. Mais tarde abandona a Medicina, para desgosto de seus inúmeros pacientes, e se entrega ao estudo das ciências ocultas. Redigiu profecias em excelentes versos, dos quais publicou sete centúrias em 1555. Essas obras, consideravelmente aumentadas, apareceram por diversas vezes. A morte de Henrique II era predita numa dessas quadras que o fizeram cumulado de honras e riquezas por todos os soberanos da

⁹ . Segundo Kurt Allgeier (*"Die Grossen Profhezeiungen des Nostradamus in Moderner Deutung"*), no sangue do jovem Nostradamus pulsava forte e onerosa herança. Os antepassados paternos provinham da tribo de Issacar, de onde haviam emanado diversos grandes profetas do Antigo Testamento. Portanto, podia-se afirmar que havia "laços sangüíneos" diretos entre Isaías, Jeremias, Malaquias e Nostradamus. O avô Johann de St. Remy ensinou-lhe Astrologia e Astronomia, explicou-lhe as leis celestes e mostrou como era possível ler o futuro através das constelações.

Europa. Diversas obras tentaram dar a chave da linguagem sibilina do profeta. Costuma-se citar a de autoria de E. Guynand: "A Concordância das Profecias de Nostradamus com a História" (1593). Seu irmão João, que faleceu em 1590, era procurador no Parlamento e foi um cancionista de renome. Deixou: "Vidas dos Mais Célebres e Antigos Poetas Provençais que Floresceram no Tempo dos Condes da Provença" (1575).

Para melhor entender Nostradamus é preciso ler seus dois prefácios. O primeiro prefácio é dedicado a seu filho César, pois Nostradamus sabia que não lhe restaria tempo para discutir com ele as profecias. César era seu filho temporão; seu pai ultrapassava o 52º ano de idade quando ele nasceu, e só lhe restavam 11 anos de vida. O segundo prefácio é dedicado ao rei francês Henrique II (1547-1559). Trata-se do mesmo rei que defendeu o vidente das terríveis autoridades eclesiásticas. Henrique II perdeu a vida depois de ser ferido num torneio, por ter feito pouco caso do aviso de Nostradamus. Este predissera que o monarca seria ferido nos olhos.

Eis alguns trechos de ambos os prefácios. Prefácio ao filho César. "Vida e Saúde

"Tua chegada tardia, meu filho César Nostradamus, me leva a registrar por escrito o que venho acumulando há anos em costumeiras vigílias noturnas. Que seja teu legado após a morte física de teu pai. O que chegou ao meu conhecimento através da essência de Deus, e das revoluções astronômicas, deve beneficiar toda a Humanidade. Por ter sido vontade de Deus de te fazer vir a este mundo, és incapaz de compreender, com teu pouco entendimento, o que eu teria que explicar.

"Portanto, só posso te deixar por escrito o que o decorrer do tempo desgastaria, tornando-o irreconhecível. Mas o dom hereditário de prever coisas ocultas está encerrado em meu íntimo. Também é preciso levar em consideração que os acontecimentos da Humanidade são sempre incertos, e que tudo é regido e governado pelo inconcebível poder de Deus."

"Acerca da capacidade de discernimento, que se completa com a capacidade de discernimento divina, quero revelar-te o seguinte:

"Só quem sabe dos acontecimentos futuros está em condições de refutar com firmeza as ilusões fantásticas que podem surgir.

"As peculiaridades dos locais avistados podem ser registrados na memória por inspiração divina.

"Depois, estes registros são confrontados com os sinais celestes, a fim de determinar a época que lhes corresponde.

"São, portanto, três passos: saber oculto, talento e capacidade e poder divino. E diante da face de Deus, presente, passado e futuro, em perpétua alternância, se fundem para constituir a eternidade. Pois tudo está claro e evidente diante de teus olhos...

"Por isso, meu filho, poderás compreender facilmente, a despeito de teu ainda frágil entendimento, que as coisas futuras podem se anunciar através das luzes celestes noturnas, que são naturais, e através do espírito da profecia."

E Nostradamus termina com estas palavras:

"Preciso terminar, meu filho. Aceita o presente de teu pai Miguel de Nostradamus. Espero que saibas entender claramente cada uma das profecias contidas nas quadras. Que Deus te conceda a vida eterna, e real e duradoura felicidade.

Salon, 1º de março de 1555."

Prefácio ao Rei Henrique II

As últimas três centúrias (VIII, IX e X) Nostradamus dedica ao rei francês Henrique II. Henrique II faleceu em consequência das feridas sofridas durante um combate, em um torneio, com um jovem oficial de nome Montgomery, Capitão da Guarda Escocesa do rei.

A dedicatória é vazada nestes termos:

"Ao invencível todo-poderoso e cristianíssimo Henrique II, rei da França.

"De Miguel de Nostradamus, mui respeitoso e obediente servidor e súdito.

"Vitória e Justiça.

"As inspirações proféticas noturnas nascem de um instinto natural. Foram redigidas em versos; no entanto, o ardor poético supera as regras da boa arte de versejar.

"A maioria dos versos foi posta em consonância com cálculos astronômicos. Abrangem anos, meses, semanas, e referem-se a regiões, zonas e à maioria das localidades e cidades de toda a Europa. Referem-se também a regiões da África, e parte da Ásia, até onde as mudanças vindouras provocarem alterações climáticas para muitas dessas regiões. Além disso, os versos oferecem pontos de vista naturais variados.

"Alguns objetarão: para o vulgo, o ritmo dos versos é tão fácil de entender quanto é difícil compreender seu sentido. A maior parte das quadras proféticas, meritíssimo rei, é deliberadamente obscura — para que nem todos saibam como devem ser lidas, e muito menos interpretadas. Apesar disso, espero ter registrado neste trabalho os anos, cidades, metrópoles e regiões nas quais ocorrerá a maior parte do que profetizei, principalmente entre 1585 e o ano de 1606.

"Começo com a época atual, 14 de março de 1547. Daqui perscruto o futuro longínquo até o acontecimento que, após cuidadosos cálculos, prevejo para depois da entrada do 7- milênio. Então conforme indicarem meus cálculos astronômicos e meus conhecimentos, os inimigos de Deus e da Igreja começarão a aumentar desordenadamente. Tudo isso foi augurado e calculado em dias e horas escolhidos, e depois resumido da melhor maneira que me foi possível. É o dia de Minerva, a deusa da sabedoria, que não recusou o seu generoso amparo. Registrei aproximadamente tantos acontecimentos futuros quanto passados, incluindo os presentes. Desta forma, no decorrer dos tempos, em toda a parte se poderá reconhecer o futuro aqui anotado. Não há motivo para suspeitas. Não há exagero.

"Depois de morto, minha obra será mais apreciada do que agora que estou vivo. Mesmo que eu tiver incorrido em erros ao compulsar os séculos, ou caso as predições não corresponderem ao que cada qual gostaria de ouvir.

"Espero da mercê de Vossa Imperial Majestade que me conceda perdão. Testemunho perante Deus e os santos que não tive a intenção de manifestar, neste prefácio, qualquer idéia contrária à fé católica (Nostradamus queria evitar as perseguições da Inquisição) ao acrescentar os cálculos da Astronomia aos meus conhecimentos."

Eis algumas das mais notáveis profecias de Nostradamus:

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Em cerca de vinte quadras, Nostradamus trata da REVOLUÇÃO FRANCESA, registrando, em severas palavras, as atrocidades que seriam cometidas em nome de delirantes anseios de liberdade.

Na quadra X/7, embora elogiasse o "*Rei Sol*", culpa-o, até certo ponto, pela eclosão do movimento de revolta ao Absolutismo, pelo seu desregramento, pela esbórnia, pelo enclausuramento faustoso, enquanto o povo sofria de fome, aviltado pelas doenças. Cita a data de 1792 como início de uma nova era para a Humanidade, especialmente para o mundo Ocidental. Eis os termos com os quais predisse, admiravelmente, o conflito social:

*"Então um Bourbon provará ser muito bom.
Sua pessoa traz o sinete da legalidade.
Mas também o odiado sangue e nome,
Por isso será injustamente condenado à morte
após sua fuga."*

Luís XVI, neto de Luís XIV, era possuidor de afável caráter. Mas, como monarca da grande nação francesa, era fraco e incompetente. Na verdade, Luís XVI recebera um país que, nos dois últimos reinados, vira esgotar-se e dilapidar-se os seus recursos materiais em verdadeiras orgias palacianas, em guerras inúteis e gastos desnecessários. A revolta, os ressentimentos, o ódio, a fome, tudo alimentado por longo tempo, desabaram sobre as cabeças coroadas dos descendentes da casa dos Bourbons¹⁰.

Napoleão foi exilado para a pequena ilha de Elba, de onde fugiu por 100 dias, durante os quais o seu Império cresceu de novo. Renunciou, definitivamente, ao Poder na pequena ilha de Santa Helena, em meio do Atlântico.

¹⁰ Entre os que atacaram o mosteiro St., Lazaré na noite de 12 de julho de 1788, havia pessoas que diziam estar "procurando pão." A marcha das mulheres sobre Versalhes começou com motins do pão nas padarias e no Hôtel-de-Ville. A burguesia e o povo agiram numa causa comum; mas, enquanto a primeira agiu tentando derrotar as tramas das aristocracias, o povo estava preocupado com o pão (*Ymélant 1'intérêt dupain*).

LUIS PASTEUR

As profecias de Nostradamus sobre acontecimentos mais recentes também são notáveis. Nesta predição ele cita o nome do microbiologista e uma data. É incrível!

"Pasteur será celebrado como um deus Quando a lua completar o seu grande ciclo."

Luis Pasteur, químico e biólogo francês (1822-1895), é fundador da microbiologia. Suas primeiras pesquisas, referentes à Cristalografia, originaram a estereoquímica. Descobriu as bactérias anaeróbias, o que conduziu a estabelecer sua doutrina da não espontaneamente da geração de germes. Em 1881, iniciou os estudos sobre a raiva, com o espírito, Dr. Paul Gibier, que levaram ao aperfeiçoamento de uma vacina. Como predisse Nostradamus, Pasteur, em seu tempo, foi elevado ao panteão das celebridades, pelo que fez, com absoluto desprendimento, pelo ser humano.

ADOLFO HITLER

Nostradamus fez várias previsões, extraordinariamente corretas sobre Hitler. Alguns versos sintetizam a vida do ditador alemão e profetizam que sua morte em Berlim, em 1945, jamais será satisfatoriamente elucidada.

*"Nas montanhas da Áustria, perto do Reno,
Nascerá de pais humildes
Um homem que pretenderá defender a Polônia e a Hungria
E cujo destino nunca será determinado."*

Outros versos referem-se aos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, a partir do momento em que o exército alemão invadiu a França através do rio Reno. Conquanto a maior parte da Europa estivesse unida contra Hitler ou "Hister" conseguiu vitórias surpreendentes sobre as forças aliadas.

*"Uma fera selvagem é furibunda atravessará os rios,
A maior parte do campo de batalha estará contra Hister."*

O profeta francês refere-se, assombrosamente, "*a armas ouvidas nos céus*" e a "*máquinas de fogo voador*" — referências inequívocas à aviação, aos bombardeios e até às primeiras bombas V, que aterrorizaram os ingleses.

Nostradamus chega a ponto de descrever, com detalhes, a figura de um piloto em tempo de guerra, com sua máscara de oxigênio, capacete e óculos, como "*semiporco, semi-homem, quando as batalhas são travadas nos céus.*"

HIROSHIMA E NAGASAKI

As devastadoras bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki foram assinaladas pelo vidente provençal, de modo a não deixar dúvidas:

"Perto do porto e em duas cidades haverá duas calamidades até então nunca vistas."

As cidades a que se referiu Nostradamus são Hiroshima e Nagasaki — ambas são portuárias e tanto a explosão, e principalmente a radiação, constituíram o ponto crucial da Segunda Guerra Mundial, representando, diga-se de passagem, a vingança norteamericana pelo bombardeio, pelos japoneses, a Pearl Harbour.

Nostradamus, como de resto os mais notáveis profetas, são acusados de aves agoureiras — predizem, normalmente, acontecimentos funestos, desastrosos. Afirma Kurt Allgeier ("*Die Grossen prophezei-ungen des Nostradamus in Morderner Deutung*") que o profeta francês tem sido comparado a Cassandra, a infeliz princesa troiana que vaticinou o triste fim de sua cidade.

Na verdade, as predições dos profetas, através do tempo, refletem, sem embargo, os resultados das atitudes criminosas, negligentes e irresponsáveis do homem sobre a face do planeta onde vive ou tenta (sobre) viver. Raros são os "*olheiros do futuro*" que prevêm fatos notáveis e alvissareiros para a Humanidade, conquanto os desastres sempre tragam, em si mesmos, o germe do progresso tecnológico e científico e algum amadurecimento moral. E ainda segundo Nostradamus, por mais que o ser humano contribua para tornar a vida um rosário de medos, apreensões e pessimismos, jamais conseguirá acabar com a vida na Terra. O "planeta azul" permanecerá girando em torno do Sol, e conhecerá, embora em futuro ignoto, definitivos momentos de prosperidade espiritual,

ponto de partida para a consolidação de idéias fecundas e imperecíveis. Afinal de contas, o homem é um sertrino, constituído de corpo, perispírito e Espírito. O corpo perece em função de doenças e catástrofes; o perispírito que à alma fluidicamente reveste, são ambos inextinguíveis, perenes, nada os afetará, nem mesmo a ação desintegradora da energia nuclear...

AS INCRÍVEIS PREDIÇÕES DE JACQUES CAZOTTE SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA

Não apenas Michel de Nostradamus predisse a eclosão da Revolução Francesa, em que desponta o sacrifício do rei Luís XVI e da Rainha Maria Antonieta. O poeta e escritor Jacques Cazotte (1720-1792) realizou, em fins de 1788 ou começo de 1789, impressionantes profecias sobre o que iria acontecer (e aconteceu) nos bastidores da Revolução, quando seriam levados ao patíbulo nobres e intelectuais que, de uma forma ou de outra, contrariariam os postulados revolucionários.

Jacques Cazotte fora convidado para participar de uma tertúlia na residência senhorial de Sébastien Roch Nicholas Champont, membro da Academia de Letras e um dos favoritos do rei Luís XVI. Entre os convivas, além de Cazotte, figuravam: o Marquês de Condorcet, Jean Antoine Nicolás Caritat, filósofo e matemático, mais tarde deputado da Revolução e presidente da Convenção; Jean Silvian Bailly, astrónomo, escritor e membro da Assembléia Constituinte; o Visconde Felix Vicq d'Ázur, um dos homens mais ricos da aristocracia francesa; Guillaume de Lamoignon, um dos ministros do rei, seu confidente e, mais tarde, seu defensor no tribunal revolucionário; o Sr. de Nicolai; o Sr. Jean Antoine Boucher; Jean de Laharpe, descrente, ateu, que desprezava Jacques Cazotte, e outros ilustres convidados.

Em meio à alegria do seletto grupo de intelectuais, em que pontificavam os cânones da filosofia Voltai-reana, Jacques Cazotte, que até então se mantivera em estranho mutismo, manifestou-se em tom muito sério:

— *"Senhores, todos serão testemunhas dessa grande e sublime revolução que tanto desejam. Os decretos da Divina providência são imutáveis. Todos aqui a verão."* Responderam-lhe, divertidos, que ele profetizava o que todos sabiam. — *"Mas as conse-*

qüências"— advertiu Cazotte — *"sabem quais serão as consequências para cada um dos senhores?"*

O Marquês de Condorcet foi o primeiro a querer saber. Com ar fingido e ingênuo, disse: — *"Um filósofo não se desgosta de encontrar um profeta. Adiante Habakuk vai falar"*— "Condorcet"— prossegue Cazotte

— *"o senhor morrerá sobre o pavimento de um cárcere, tomando o veneno comprado para furtar-se ao carrasco, vitriolo que os próximos tempos o obrigarão a sempre carregar consigo."*

Alguém lembrou que Jacques Cazotte, autor de *"O Diabo Amoroso"*, costumava sonhar de olhos abertos. Todos riram. Condorcet, mordaz, irônico, volta a interpelar o vidente: — *"Sr. Cazotte, o conto que inventou agora não é tão agradável como o seu "Diabo Amoroso." Mas que diabo lhe trouxe à mente esse cárcere, esse veneno e esse carrasco? Que tem isso com a filosofia e a razão?"*

"Exatamente"—retrucou Cazotte —, *"em nome da Filosofia, da Humanidade e da Liberdade, quando a razão for a rainha, encontrarão os senhores o seu fim. Acontecerá precisamente durante o reinado da Razão. Na França, nesse tempo que há de vir, só haverá tempo da Razão."*

Nicholas Champfort que não conteve o riso, um riso sarcástico, zombeteiro, perguntou: — *"Não o senhor, Cazotte, um dos sacerdotes desse futuro?"* — "O Senhor", respondeu Cazotte — *"será um dos sacerdotes dessa Rainha e muito honrado de o ser; cortará suas veias com 22 cortes de navalha; e, todavia, a morte só o alcançará dois meses depois."*

O Visconde Felix Vicq d'Azur começou a cantar *"DE PRO-FUNDIS"*. Cazotte prosseguiu: — *"Vicq d'Azur, o senhor canta o hino de seu funeral. Não abrirá as veias o senhor mesmo, receoso do tremor de suas mãos; entretanto, depois de ordenar a um amigo que lhe sejam abertas seis vezes ao dia, ao fim de um ataque de gota, morrerá à noite. Ouça: o relógio vai soar a hora de sua morte."*

As 12 badaladas da meia-noite se fizeram ouvir. Os presentes se ergueram involuntariamente e Cazotte profetizou: — *"Nicolai, o senhor morrerá na guilhotina. Bailly, apesar de seu grande saber e obras, será executado pelas mãos do povo. Senhor de Lamorgnon, morrerá na guilhotina."*

Gracejou Boucher: — *"Ah, Deus seja louvado! O senhor Cazotte só mata acadêmicos. Ele acaba de realizar uma execução em*

massa. Quanto a mim... Graças a Deus..." — "Senhor Boucher morrerá na guilhotina", sentenciou friamente Cazotte.

Comentavam todos, simultaneamente: — "Ele jurou exterminar todos!..."

— "Não, não fui eu quem jurou", interrompeu-os Cazotte, e disparou: "A guilhotina ou o suicídio, eis o destino que os espera!"

"Os que levarão os senhores à morte serão todos filósofos, terão nos lábios a toda hora as mesmas frases que os senhores proclamam hoje, repetirão seus princípios e máximas, declamarão os versos de Diderot."

Diziam uns aos ouvidos dos outros: "Vê-se que lhe falta um parafuso..." Alguém se lembrou de perguntar: — "Quando acontecerá isso Sr. Cazotte?" — "Seis anos não se passarão e tudo que eu predisse estará cumprido". Comentou, com desprezo, o ateu Laharpe:

— "Que milagre que eu não estarei nisso, arreganhando meus dentes para a ralé!"

— "Não estará, Senhor Laharpe, por um milagre extraordinário: sua conversão ao cristianismo. Vejo-o humílimo, de joelho ante um altar, beijando a mão de um padre, buscando paz de espírito à sombra do claustro e pedindo perdão por seus pecados num confessionário."

Exclamações estrepitosas. Nicholas Champport gritou: — "Ah, que alívio! Se devemos morrer só quando Laharpe for cristão, nós seremos imortais." Interferiu a duquesa de Gramont: "Nós, mulheres, não nos metemos em revolução, nosso sexo será poupado, apesar do nosso interesse por ela."

— "Sexo, senhora", adverte Cazotte, "não a defenderá desta vez; será tratada como os homens, sem diferença". — "Mas então, Sr. Cazotte, é o fim do mundo que profetiza." — "Senhora duquesa será conduzida ao patíbulo, e muitas outras damas com sua graça, na carroça do carrasco, com as mãos atadas às costas." — "Espero, nesse caso, que eu vá, pelo menos, em carruagem com ornamentos fúnebres." — "Não, duquesa, damas de posição superior à sua irão em carroça, com as mãos amarradas às costas." — "Damas de hierarquia superior a minha? Princesa de sangue real?" — "Sim, e dama superioras princesas."

Um clima de aversão dominou o ambiente. O anfitrião e os seus convidados manifestaram-se irritados. Para desfazer a péssi-

ma impressão, a duquesa de Gramont comentou, jocosamente: — *"Não me deixarão nem mesmo ter um confessor?"* — *"Não, nenhum confessor; ninguém o terá; o último supliciado a ter um confessor, por piedade, será..."* — Cazotte interrompeu-se, mas alguém não se conteve: *"Quem será o feliz mortal a ter esse privilégio?"*:

"Seu último privilégio: será o rei de França!" Nicholas Champport deu por encerrado o encontro: *"Basta"*— disse ele a Cazotte — *"já durou demais esse gracejo lúgubre."* Ho momento em que Cazotte ia se retirando, em silêncio, a duquesa de Gramont perguntalhe: — *"Sr. Profeta, que previu toda a nossa 'boa sorte', nada diz a respeito da sua?"*— *"A senhora leu sobre Jerusalém, a cidade sitiada?"* — *"Quem não leu? Conte-me, refresque-me a memória"*— solicitou a duquesa. — *"Durante o assédio, um homem fez sete dias seguidos o percurso das muralhas, à vista dos sitiados e dos agressores, gritando sem parar, sinistramente: 'Ai de ti, Jerusalém, ai de ti, desgraçada! Ai de mim!' No sétimo dia, ao acabara lamentação, uma pedra enorme, lançada pela catapulta do inimigo, o matou..."*

Todos os presentes ao jantar, oferecido por Sebastian Roen Nicholas Champport morreram durante a Revolução Francesa, conforme previra Jacques Cazotte, inclusive o próprio...

Os aterradores enunciados precognitivos de Jacques Cazotte surpreenderam pela sua matemática precisão. São das mais incríveis jamais preditas ao longo da História da Profecia. Várias mortes brutais foram previstas com detalhes:

1. O marquês de Condorcet, envenenou-se no pavimento de um calabouço (1794);

2. Nicholas Champport tentou o suicídio com 22 navalhadas nas veias, falecendo de gangrena dois meses depois, devido a tratamento errado;

3. Vicq d'Azur, ordenando a abertura das veias seis vezes ao dia, morreu, numa madrugada, de um ataque de gota;

4. Nicolai, Bailly e Boucher morreram na guilhotina; '

5. A duquesa de Gramont morreu na guilhotina, conduzida em carroça pelo carrasco, tendo as mãos atadas às costas; não teve direito a um confessor...

6. O rei Luís XVI foi o único a ter um confessor antes de morrer guilhotinado;

7. Damas da nobreza e a rainha, conforme predisse o enigmático profeta, foram levadas ao vergonhoso patíbulo, fruto da insanidade que tomou conta daqueles que fizeram uma revolução em nome da *liberdade*, da *igualdade* e da *fraternidade*, corolários, como afirmou Marat, da mensagem do Cristo!?!...

8. Jean de Laharpe, conforme a profecia de Cazotte, converteu-se ao cristianismo, e se internou em um mosteiro.

Todos os acontecimentos vaticinados por Cazotte. se realizaram exatamente dentro do prazo previsto: *seis anos* (1789-1794), na França da Idade da Razão... (!)

Jacques Cazotte não pôde fugir (conforme ele próprio predisse) ao destino que lhe estava reservado. Preso, por motivo irrelevante, foi encarcerado na Abadia de Paris. Alguns dias depois, comparecia diante do Tribunal Revolucionário. Obteve o perdão, graças aos esforços de sua filha, Isabel, junto às autoridades competentes. Ambos, pai e filha, após tantas tribulações, foram para casa, sendo recebidos, com festa, por parentes e amigos.

M. De Saint-Charles disse-lhe, na ocasião:

"— Até que enfim, salvo!"

" — Não será por muito tempo" — respondeu Cazotte, sorrindo tristemente... *"Um momento antes de sua chegada tive uma visão. Imaginei ver um guarda que vinha procurar-me da parte dos revolucionários. Fui obrigado a segui-lo. Compareci diante do 'mairie' de Paris, o qual me fez conduzir para a 'Conciergerie' e, dali, para o Tribunal Sangrento. A minha hora chegou."*

Saint-Charles abandonou o velho Cazotte, julgando que tinha falado a um louco...

A 11 de setembro de 1892, entrou-lhe em casa um gendarme, trazendo uma ordem de prisão. Foi levado para a 'Conciergerie'. Aí, ninguém o pôde visitar. Só Isabel teve permissão para ficar junto ao pai até o derradeiro dia, neste plano de provas e expiações. Desta vez, os seus rogos não conseguiram demover os juizes de sua injusta sentença.

Cazotte foi condenado à morte, após um interrogatório de 27 horas consecutivas!

Quanto ao lábeu de apócrifas lançado sobre as suas profecias, ressalte-se o que a condessa de Genlis respondeu a Montesquieu: *"Eu queria ter o rasgo de Monsieur Cazotte. Mais de cem vezes ouvi relatar as suas predições por Laharpe (Jean Francois,*

crítico francês — 1739-1803), antes da Revolução. E elas se cumpriram com espantosa precisão. Eis um dos grandes mistérios da vida"...

O PROFETISMO MÍSTICO-RELIGIOSO NA ERA MODERNA

Em épocas recentes surgiram, em várias partes do mundo, expressivos movimentos proféticos substancialmente fundamentados em elementos da religiosidade dos cultos católicos, defendida, através dos séculos, por coortes missionárias e catequistas.

No dia 3 de abril de 1843, milhares de pessoas congregaram-se nas colinas da Nova Inglaterra, à espera do fim do mundo. Apesar do malogro que as deixou decepcionadas, não perderam a fé no homem que profetizara o cataclismo — William Miller, um fazendeiro e antigo ateu, que se dedicava a prever o dia do juízo final.

Tendo meditado sobre os livros de Daniel e do Apocalipse, Miller fez as suas primeiras profecias em 1831. As referentes ao fim do mundo foram reforçadas por fenômenos de estrelas cadentes em 1833, halos em torno do sol e o aparecimento de um cometa espetacular em 1843. O *"New York Herald"* publicou a profecia de Miller, segundo a qual o mundo seria destruído, pelo fogo, no dia 3 de abril daquele ano. Houve fanáticos que mataram seus familiares e se mataram, na suposição de que os primeiros mortos seriam os primeiros a entrar no céu. Em Wesford, o doido do lugar fez soar uma grande trompa, e os adeptos de William Miller, gritaram: *"Aleluia, chegou a hora!"* O louco, que pelo visto não o era tanto, replicou sarcasticamente: *"Loucos, ide cavar batatas, que o Anjo Gabriel não as cavará em vosso lugar!"*

Sem se deixar desencorajar, Miller reviu a data, marcando-a para 7 de julho. Algumas famílias envolveram-se em sudários e dirigiram-se para os cemitérios, onde esperaram pelo fim do mundo. Alguns seguidores de Miller venderam tudo quanto possuíam, embora se ignore o que pensavam fazer com o dinheiro... No dia 8 de março admitiu que errara nos seus cálculos e considerou 22 de outubro como a data do Juízo Final. Finalmente, no dia 23 de outubro, os adeptos de Miller começaram a duvidar, especialmente aqueles que tinham vendido todos os seus haveres. O mundo continuava a girar lentamente em torno do Sol, enquanto o profeta pre-

servara todos os seus bens. O movimento que chegara a possuir mais de 100.000 adeptos se desfez...

O BEDWARDISMO: movimento profético da Jamaica, fundado por Alexander Bedward, por volta de 1920.

Bedward era operário do distrito de Mona, ex-adepto da igreja Wesleyana. Bedward organizou à sua volta um grupo de fiéis, que se espalhou, gradualmente, por toda a ilha. Ele agia sobretudo como eloqüente pregador e profeta, anunciando sua iminente subida ao céu tal qual Elias, e o seu sucessivo retorno, ocasião em que escolheria os merecedores para reconduzi-los ao céu. Profetizava que o mundo seria destruído pelo fogo.

Bedward era, além disso, um poderoso médium de cura; seu culto foi um culto apocalíptico de cura. Valia-se, para praticar suas curas, de elementos como água de rio, imposição de mão etc. Quando sua profecia do fim do mundo, anunciada para o dia 31 de dezembro de 1920, foi desacreditada pelos acontecimentos, ele declarou que o Onipotente havia decidido protelar o advento do fim e da regeneração do mundo para os eleitos. Finalmente, foi preso e encerrado em um manicômio.

CIDADE DO JUÍZO FINAL — movimento religioso que em 1978 reuniu um grupo de 70 pessoas, numa fazenda a noroeste de Nova Gales do Sul, na Áustria, à espera do holocausto nuclear que deveria ocorrer a 13 de outubro daquele ano. Baseava-se na obra de seu líder John Strong, intitulada "*The Doms Day Globe*." Dizendo-se inspirar-se no profeta Daniel, pregava que a União Soviética desencadearia um ataque nuclear contra o Ocidente atingindo a Austrália.

VISÕES DO PARAÍSO NA TERRA

O nome de Silvestre José dos Santos, cognominado o Profeta, é, hoje, inteiramente desconhecido. Mas, nos idos de 1817 instalou-se na província de Pernambuco, no monte chamado Rodeador, constituindo, então, um vilarejo, com quase 500 adeptos, a que chamou Cidade do Paraíso Terrestre. Analfabeto, mas dotado de certo conhecimento da religião católica, construiu uma capela em local por ele designado como sagrado, onde "*ouvia*" as orientações proféticas de uma Santa, entre as quais destaca-se a que se referia à saída, de dentro da pedra onde fora edificada a capela, do rei D. Sebastião com seu exército. Configurava-se, aí, não se sabe se consciente ou inconscientemente o

Sebastianismo, que assumiu, em Portugal, caráter messiânico de notável repercussão. Esperavam os sebastianistas o retorno triunfal do rei D. Sebastião, da dinastia de Avis, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, realizada a 4 de agosto de 1578, contra as forças do Sul-tão Abb al-Malik.

Na cidade do Paraíso Terrestre os seus habitantes gozavam da "imortalidade", e se fossem atacados, vaticinara a Santa, D. Sebastião os tornariam invisíveis. Cada vez mais os provincianos de Pernambuco acorriam, em massa, ao "*Paraíso*" de Silvestre José dos Santos. Segundo o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), autor da História Geral do Brasil (1854), os que se dirigiam à cidade fundada pelo profeta eram "*movidos por curiosidade e superstição uns, levados outros por ambição e cobiça.*"

A comunidade formava uma confraria ou irmandade; possuía organização religiosa liderada pelo profeta. Quando a confraria chegasse a mil integrantes, D. Sebastião surgiria e todos sairiam a libertar os santos lugares, efetivando-se, assim, o Paraíso na Terra...

O MAHDISMO — movimento profético e messiânico surgido no Sudão, África. Segundo as previsões mahdistas, o dia do Juízo Final seria enunciado após uma série de conturbações, culminando com o aparecimento de um MAHDI (o bem guiado). O reino do MAHDI seria destruído pelo Anticristo (Dajjal), mas o Profeta retornaria, triunfante, mataria o Anticristo, e realizaria a Justiça na face da Terra, segundo preconiza o Islamismo.

As concepções proféticas do MAHDI suscitaram uma série de agitações no mundo muçulmano. O mais importante, implantou-se no Sudão, tendo à frente o profeta Muhamad Ahmad.

No Camerão Setentrional, África, surgiria, mais tarde, uma vertente do MAHDISMO, segundo o qual o MAHDI, já veio e desapareceu: na era moderna prevalece o Anticristo (Dajjal), onde estaria definido o perfil do fim do mundo que acontecerá mil e quatrocentos anos depois da morte do profeta. O MAHDISMO, alimentado pela sua tradição profética, inclui-se entre os mais importantes movimentos nativistas e salvacionistas que atualmente proliferam no continente africano, em que a religião muçulmana conseguiu se impor e exercer uma reconhecida e poderosa influência.

O HARRISMO — movimento criado na década de 50, na Libéria e na Costa do Marfim (África), tendo como líder Willians Wade Harris, nascido em 1850 na Libéria, que aprendeu a ler na missão Wesleyana. Em 1914, anunciou que o arcanjo Gabriel lhe apareceu, chamando-o à missão profética.

O movimento HARRISTA existiu até 1927. Após a segunda guerra entretanto, o HARRISMO ressurgiu com inusitado vigor, sendo reabertos os templos então existentes e construídos outros tantos. O neo-harrismo é mais atuante na Costa do Marfim, destacando-se a sua fusão com a religião católica.

OS CULTOS PROFÉTICOS CARIBEANOS

Em 1929 o antropólogo americano Willian Sea-brook escreveu um livro sob o título "*A Ilha Mágica*", em que registra e analisa os cultos proféticos do Haiti. Os haitianos, especialmente os residentes no interior do País, idolatram uma grande serpente — Dambala Quedo, um guerreiro sangrento — Ogum Badagris e o deus da morte e do desconhecido — Papa Nebo.

Embora Papa Nebo seja o deus da morte, o espírito dos cemitérios e dos Zumbis é o aterrorizante barão Samedi, tido como um negro alto, de longas barbas brancas, cartola e casaca negras — e comanda os seres das sombras. Os meios para invocá-lo são os seguintes: coloca-se uma cruz de madeira no chão com três velas brancas acesas na sua extremidade inferior, uma cartola de seda negra na superior e costura-se, em cada braço da cruz, um hábito de monge. Em seguida, deve-se orar muito para chamá-lo e levar consigo instrumentos de escavação, além de uma mala contendo folhas de bálsamo, outras ervas e raízes. O barão, ao chegar, revela a sua presença sacudindo a aba de cartola e balançando o hábito. E então ele dá ordem para que seja desenterrado um cadáver que, representando Papa Nebo, responde a todas as perguntas feitas sobre o futuro. Este e outros cultos proféticos não diferem daqueles praticados pelos iniciados em magia negra na Europa medieval. Os ritos podem variar; mas, o fundo a maioria das crenças se assemelha. Seus objetivos dirigem-se, basicamente, para desvendar o futuro, interpretar os sonhos, divulgar a imortalidade, ainda que para tanto seja utilizado um cadáver não apenas dos cemitérios do Haiti, mas de qualquer parte deste plano corpóreo, onde a ânsia de conhecer o porvir leva o homem a práticas exóticas e até absurdas.

OS ESTUDOS PIONEIROS DE KARDEC SOBRE A PRECOGNIÇÃO

Na obra "A Gênese" (*"La Gênese — Lês Miracles et lês Predictions Se/on lê Spiritisme"*), Allan Kardec trata, em capítulo específico, da Presciencia, também conhecida por Metagnomia Profética, Pré-conhe-cimento, Premonição, Previsão e Preestesia.

Eis as considerações pioneiras do Codificador do Espiritismo sobre o momentoso assunto:

"Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem ainda menos a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenômeno, para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa a causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já de si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mostrando-nos, ao demais, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das Leis Naturais."

A fim de ilustrar as suas idéias, Kardec oferece o seguinte exemplo:

"Tomemos, para comparação, um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

"Suponhamos um homem colocado num cume de uma alta montanha, a observar a vasta extensão da planície em derredor. Nessa situação, o espaço de uma légua pouca coisa será para ele, que poderá facilmente visualizar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno, de um extremo a outro da estrada que lhe esteja diante dos olhos. O viajor, que pela primeira vez percorra essa estrada, sabe que, caminhando, chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples previsão da conseqüência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d'agua que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde

se lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em per-lustrar o caminho. Tirei-lhes os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Supo-nhamos que esse homem desça do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajor, lhe diga: 'Em tal momento de sua jorna-da encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido.' Estará predi-zendo o futuro, mas o futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois que, para ele, esse futuro é presente."

Em seguida Allan Kardec elucida:

"Os Espíritos desmaterializados são como o homem da mon-tanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas, a exten-são e penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. (...) Nos Espí-ritos inferiores, no entanto, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem afastar-se do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo."

E acrescenta o Codificador, mais adiante: "A teoria da presciencia talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fun-damental.

"Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, seja no estado de êxtase, seja no de sonambulismo, vêem os acontecimentos como que desenhados num quadro." Admite Kar-dec, a propósito, que "não raro acontece que aquele pensamento não passa de um projeto, de um desejo, que se não concretize em realidade, decorrendo, daí os freqüentes erros de fato e de data nas previsões". Em conclusão:

"A forma geralmente empregada nas predições faz delas ver-dadeiros enigmas, as mais das vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, de que Nostradamus nos oferece o tipo mais completo, lhes dá certo prestígio perante o vulgo, que tanto mais valor lhes atribui, quanto mais incompreensíveis se mostrem,

(...) Hoje, as circunstâncias são outras; o positivismo do século dar-se-ia mal com a linguagem sibilina. Daí vem que presentemente as predições já não se revestem dessas formas singulares; nada têm de místicas as que os Espíritos fazem; eles usam a linguagem de toda gente, como o teriam feito quando vivos na Terra, porque não deixaram de pertencer à Humanidade.

"Avisam-nos das coisas futuras, pessoais ou gerais, quando necessário, na medida da perspicácia de que são dotados, como fariam conselheiros e amigos. Suas previsões, pois, são antes advertências, do que predições propriamente ditas, as quais implicariam uma fatalidade absoluta."

E assim finaliza Kardec:

"A Humanidade contemporânea também conta seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo hão traçado, em seus escritos, a marcha futura de acontecimentos a cuja realização agora assistimos.

"Essa aptidão decorre, muitas vezes, da retidão do juízo, no deduzir as conseqüências lógicas do presente; doutras vezes, também resulta de uma especial clarividência inconsciente, ou de uma inspiração vinda do exterior. O que tais homens fizeram quando vivos, podem, com razão mais forte e maior exatidão, fazer no estado de Espíritos livres, quando não têm a visão espiritual obscurecida pela matéria."

AS PESQUISAS SISTEMÁTICAS SOBRE PREMONIÇÃO

As pesquisas sistemáticas sobre premonição datam da fundação da "Society for Psychical Research" — SPR, de Londres, em 1882. Um considerável número de casos passou pelo criterioso exame de seus eminentes pesquisadores, publicados, posteriormente, em seus *Proceedings*¹¹.

¹¹ Afirmou Alan Gauld, com relação à SPR: "Devem existir poucas organizações que atraíram membros tão notáveis. Dentre os físicos, S/rWilliam Crookes, Sir John Joseph Thomson, S/rOliver Lodge, Sir William Barret e dois Lordes Rayleigh. Dentre os filósofos: Henri Sidgwich, Henri Bergson, Ferdinand Schiller, L. P. Jacks, Hans Driesch. Entre os psicólogos: William McDougall, Sigmund Freud, Walter Franklin Prince, Carl G. Jung e Gardner Murphy. Além de Charles Richet, Conde de Balfour e outros."

O Professor Henri Sidgwich, que fora catedrático de Filosofia na Universidade de Cambridge, um dos fundadores da SPR, ao divulgar o programa da Sociedade, declarou:

"É preciso colocar o incrédulo perante este dilema: admitir que os fenômenos são inexplicáveis, pelo menos para eles, ou acusar os investigadores de mentira e desonestidade, ou de cegueira, isto é, de diversos defeitos intelectuais e morais só compatíveis com a imbecilidade absoluta."

A extensa coleção de casos de precognição constitui a base de duas extraordinárias obras: "*Phantasms of the Living*", de autoria de Frederic Myers, Edmund Gurney e Frank Podmore, e "*Human Personality and its Survival of Bodily*", da lavra de Frederic Myers.

Durante a década de 1880, a S.P. R., na Inglaterra, coligiu grande número de casos de precognição. A fim de realizar experimentos que se relacionassem com a questão de maneira absolutamente fidedigna, levaram-se em consideração apenas os relatos baseados em provas concretas de autenticidade quase tão rigorosas como em um tribunal. Às vezes, é verdade, tornava-se impossível obter provas dessa natureza. Em conseqüência, muitas experiências, e conforme a natureza dos fatos, tiveram de ser excluídas. As coleções resultantes compuseram-se, pois, de material selecionado.

CHARLES RICHET CLASSIFICA OS VÁRIOS TIPOS DE PREMONIÇÃO

O Dr. Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina) definiu a precognição como a indicação, pelo sujeito, de um fato que ainda não ocorreu e que, todavia, nenhuma sagacidade e nenhum acaso permitiriam prever.

Em seu "*Tralado de Metapsíquica*" admite que se conhecêssemos a totalidade das coisas presentes, conheceríamos, de igual modo, a totalidade das coisas futuras. Nossa ignorância do futuro é devida à nossa ignorância também absoluta do presente. E cita Laplace que, em sua obra "*Essai Analytique Sur les Pro-babilités*", chega ao seguinte ente-de-razão:

"Uma inteligência que conhecesse todas as forças de que a Natureza é animada, e a situação relativa dos seres que a com-

põem; se, entretanto, fosse tão vasta para submeter esses dados à análise, abraçaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do Universo e os dos mais leves átomos. Nada lhe seria incerto, e o futuro como o passado seriam abertos aos seus olhos."

Cada conhecimento futuro, seja qual for, é a conseqüência talvez fatal, do estado atual das coisas. O presente está cheio do futuro, pois o futuro depende exclusivamente do presente. Ora, com relação à Crip-testesia (conhecimento que se tem pela percepção paranormal), temos sobre a realidade, mesmo longínquas, conhecimento extraordinário. Inconscientemente, somos perturbados por múltiplas vibrações que nos trazem múltiplas noções, mas que são fechadas à nossa vida psicológica normal. Assim a noção (inconsciente) do presente talvez nos permita perceber, às vezes, num rápido clarão, as conseqüências, isto é, os acontecimentos futuros.

Quaisquer que sejam nossos esboços de hipóteses para explicar a premonição, isto não passaria de uma discussão frágil e imperfeita. E enfatizou o fundador da Metapsíquica: *"Contentar-me-ei em estabelecer que a premonição existe. Pouco importa que não a compreendamos. É um fato. Isto basta à Ciência."*

À luz da Metapsíquica, destacam-se três condições necessárias para que se possa falar de premonição:

1º — É preciso que o fato enunciado seja independente da pessoa que teve a premonição. Por exemplo: A..., no estado sonambúlico, anuncia que vai ter uma crise de sono ou de diarréia, ou tal ou qual fenômeno, como uma síncope grave por exemplo, em dez dias, em um mês, ou mesmo em um ano. Não se trata de premonição, pois o inconsciente de A... permanecerá desperto, e será perfeitamente capaz de agir sobre os órgãos desse mesmo paciente, para determinar, na hora desejada, letargia, diarréia ou síncope. Esses fatos entram simplesmente nos casos clássicos de auto-sugestão hipnótica.

2º — É preciso que o enunciado do fato não possa ser devido à sagacidade nem ao acaso.

A parte referente à sagacidade é difícil. Um indivíduo perspicaz, examinando bem as coisas atuais, depois de ter tomado conhecimento exato delas, pode, de certa forma, prever o acontecimento futuro. A verdade é que as verdadeiras premonições não podem ser devidas à sagacidade dos indivíduos que as indicaram. Referem-se, muitas vezes, a detalhes mínimos, ultrapassando prodigiosa-

mente o limite de toda perspicácia e também de toda coincidência fortuita. É preciso, por outro lado, e para que haja premonição, que o acaso não possa desempenhar nenhum papel. Assim, também, cada premonição é um caso especial que merece ser estudado em todos os seus detalhes e analisada, escrupulosamente, de maneira que não se possa invocar a auto-sugestão, nem a sagacidade, nem o acaso.

O próprio Charles Richet cita um fato que ele atribui ao acaso e não à premonição. Entretanto, os leitores são convidados a examinar os trâmites do episódio narrado pelo ilustre fisiologista francês, e tirar as suas próprias conclusões:

"No dia 20 de maio de 1918, estava eu em Paris. No momento em que ia voltar às ambulâncias do "front" (frente de batalha), escrevo em minha agenda, na data e na folha de 24 de setembro desse mesmo ano, as palavras "FINIS BELLI" (FIM DA GUERRA). Nesse momento (20 de maio de 1918) nenhuma espécie de perspicácia me poderia fazer prever que a Primeira Guerra Mundial terminaria dentro de quatro meses. As aparências — e mesmo minha opinião — eram de que a guerra que atormentou a Europa duraria pelo menos um ano. Ora, no dia 24 de setembro de 1918 deu-se a assinatura do armistício da Bulgária, e essa data de 24 de setembro é tão importante para o fim da guerra como a de 11 de novembro de 1918."

Charles Richet atribuiu (como firmamos linhas atrás) o acontecimento ao puro acaso. Entretanto, ele mesmo, adiante, se pergunta: *"Por que escrevi, na minha agenda, na data de 24 de setembro de 1918, estas palavras: 'FINIS BELLI'?" responde: "Ignoro. Precedentemente, jamais havia feito previsão análoga."*

Teria o prêmio Nobel de Medicina estado, por alguns rápidos instantes, em uma espécie de transe sonambúlico, e assim previu o fim da Primeira Guerra Mundial!?

Fato parecido de premonição aconteceu com "Sir" Arthur Conan Doyle, por ele próprio relatado nos seguintes termos (vide *"La Nouvelle Revelation"*, de A. C. Doyle):

"No dia 5 de abril, acordo com a sensação de que uma comunicação me foi feita; não me lembro senão de uma palavra que ressoava constantemente nos meus ouvidos; essa palavra era PIAVE. Palavra que, segundo minhas recordações, me era absolutamente desconhecida. Segundo o índice de um Atlas, vi que era um rio da Itália, a 40 milhas atrás das operações de guerra dos italianos, os quais, nessa época, seguiam vitoriosos. Fiquei tão impressionado que tomei nota do sonho e a fiz assinar por minha esposa e o meu secretário. Ora, seis

meses depois, contra toda a verossimilhança, furiosos combates se desencadearam sobre PIAVE, que se tornou a linha fronteira das trincheiras entre o exército italiano e o exército austro-húngaro."

3º O que é preciso examinar com cuidado extremo são as condições nas quais o fato foi recolhido. Importa desconfiar das paramnesias¹², que fazem crer, com toda a boa fé, que não é um acontecimento (ou uma paisagem) novo que se apresenta aos nossos olhos. Imagina-se que é o "*já visto*", e, às vezes, a alteração da memória é bastante intensa para que se afirme ter sido uma premonição, embora não houvesse tal.

A única resposta possível a esta objeção (grave) da paramnesia é que, antes que a suposta predição se realize, se faça o relato circunstanciado dela a duas ou três pessoas, ou, o que é melhor ainda, se tomem algumas notas numa caderneta. (Na atualidade o perci-piente pode utilizar-se dos recursos audiovisuais.)

Se houve um registro exato dos sonhos, supostamente premonitórios, tem-se, assim, um quadro fiel dos que se realizaram. Então, poder-se-á fazer uma comparação instrutiva entre seu número e o número de sonhos que não se realizaram.

O Dr. Charles Richet dividiu a Premonição em quatro grandes classes (vide: "*Revista de Metapsíquica*", número 01,1951):

1. AUTOPREMONIÇÃO
2. PREMONIÇÃO SONAMBÚLICA
3. PREMONIÇÃO ESPIRÍTICA
5. PREMONIÇÃO ACIDENTAL E DE ACONTECIMENTOS FORTUITOS

1. AUTOPREMONIÇÃO: é a premonição que o paciente fez com relação a si próprio.

Em "*Un Cas d'auto-prémonition*", o Dr. Gustave Geley relata surpreendente caso de autopremonição de doenças e de morte, cuja precisão de detalhes é maravilhosa. É um relato dramático, minuciosamente controlado pelo autor de "*Do Inconsciente ao Consciente*":

"Trata-se do Sr. Dencausse, pai da Sra. Freya, a qual deu, como se sabe, por diversas vezes, belos exemplos de lucidez. Em maio de 1916, o Sr. Dencausse, com 76 anos de idade, anuncia, apesar de sua boa saúde, que morreria antes do inverno. Nesse

¹² Paramnesia: memória supranormal pela qual o percipiente tem e confunde recordações latentes ou adormecidas no subconsciente.

cómenos, emagrecia e se alimentava mal. Em 24 de outubro declara que sabia o dia da sua morte, que seria no dia de Todos os Santos. No dia 28 de outubro, Geley, chamado, não encontra nenhuma lesão orgânica; era uma ligeira bronquite sem febre. O Sr. Dencausse declara, então, que morrerá no dia de Todos os Santos, ao bater da meia-noite, sem sofrimento, sem agonia.

"Na segunda-feira, 30, tudo ia bem; mas, na terça-feira, 31, declarou-se uma pneumonia com febre. No dia 1 de novembro, estava mais fraco; mas não podia falar e fazer suas últimas recomendações. Às 23 horas e 30 minutos chama a mulher: "*Que horas são?*" A Sra. D... Para enganá-lo, diz: "*Duas horas da madrugada*". O doente respondeu: "*Não, não é meia-noite. À meia-noite morrerei!*"

"À meia-noite virou-se para o lado da parede. Nesse momento o pêndulo batia as doze badaladas. Sem falar, o Sr. Dencausse levantando a mão, indicou o pêndulo com o dedo. Mas a mão caiu sobre o leito. O Sr. Dencausse estava morto sem ter exalado um só suspiro..."

Um outro caso, ainda mais notável, é relatado pelo Dr. W. De Sarmyn, em sua obra: "*Contribution à L'étude de Certames Facultes Cerebrales Inconnues*", Lausanne (França):

Jean Vitalis, de 39 anos de idade, homem robusto e vigoroso, viu-se atacado de reumatismo articular agudo. No 16^o dia de sua moléstia, o Dr. W. de Sarmyn, que o tratava, o encontra sentado no leito, sorridente, quase curado. No entanto o Sr. Vitalis lhe diz: "*Doutor, tive uma visão; meu pai, falecido há alguns anos, veio visitar-me e me disse que precisava de mim. Virá buscar-me às nove horas esta noite.*" Todo o dia passou bem para Vitalis. Suas dores desapareceram. Sua temperatura estava normal; comeu com bom apetite. Às 20 horas, o Dr. de Sarmyn examinou o paciente e declarou que ele estava perfeitamente curado. Jean Vitalis estava muito alegre. Ri-se e conversa-se à sua volta. Às nove horas, levanta-se do sofá onde estava sentado, e diz: "*A hora chegou*"; depois, pula na cama, arruma as almofadas, curva a cabeça, dizendo: "*Adeus, adeus*", logo após estende-se e não se mexe mais — estava morto, sem um exterior, sem um suspiro!...

O Professor Ernesto Bozzano, em sua Monografia "*Lês Phénomènes Prémonitoires* (edição francesa), relata o seguinte caso de autopremonição:

O pintor Giovanni Segantini trabalha dias e dias sobre a neve, descortinando e idealizando uma paisagem da Engadine (região suíça do Vale Alpino do Inn), para fazer o quadro — A MORTE, destinado a uma importante exposição em Paris. Antes de o terminar, sonhou que, na verdade, estava a reproduzir a cena de sua própria morte — fato que se deu treze dias depois, tal qual o ideara. A esposa de Segantini confirma tal fato numa carta escrita ao pesquisador de Turim (Itália), Cesare de Vesme (autor da obra "*Lê Merveilleux dans les Jeux de Hasard*", edição francesa), e em que se lê: — "A MORTE, quadro por ele pintado, representa-lhe realmente o fim de sua existência física. O caixão em que ele foi para a última morada do seu corpo saiu do 'chalet' em que ele passara todo o tempo em que pintara o fatídico quadro — a paisagem é tal qual pintara ele; a mulher que chora junto ao ataúde era eu efetivamente!..."

Um dos mais célebres casos de autopremonição aconteceu com o Presidente norte-americano Abraão Lincoln (1809-1865).

Lincoln e sua esposa Mary entrelinham alguns amigos na Casa Branca, pouco depois das 22 horas, de uma quarta-feira, quando os visitantes se despediram, com exceção de Ward Will Lamon, do Senador Harían e sua filha, e do Secretário do Interior, Usher. Para reinício de conversa, Mary Lincoln observou que a face do seu marido parecia solene. O Presidente replicou que tinha um peso na consciência.

Diante dos rostos imediatamente sérios de seus amigos, Lincoln pronunciou as seguintes palavras: — "parece que há 16 capítulos no Velho Testamento, e 4 ou 5 no Novo, referentes a sonhos. Existem numerosas outras passagens na Bíblia, onde se mencionam visões. Se acreditamos na Bíblia devemos aceitar que, em tempos remotos, os Espíritos vinham ter com os homens durante o sono e se faziam conhecer através dos sonhos".

Com gestos medidos, Lincoln prosseguiu: "Hoje em dia os sonhos são considerados asneiras e, com exceção das velhas e donzelas apaixonadas, ninguém os conta." Sua esposa, preocupada com o tom grave de Lincoln e ela própria vítima de pesadelos, perguntou--lhe: "Você acredita em sonhos?"

"Não posso dizer que sim", respondeu ele, "mas tive um, há noites, que me persegue desde então. Depois que me aconteceu, pode parecer estranho, ã. primeira vez que abri a Bíblia, foi no Ca-

pítulo 28 do Livro da Gênese, que relata o maravilhoso sonho de Jacó. Folheei o velho livro e, onde quer que eu o abrisse, meus olhos tombavam sobre passagens que condiziam com meus pensamentos — visitas sobrenaturais, sonhos, visões etc."

Mary comentou: "Você me assusta. Que acontece?" O Presidente tratou de desviar o assunto, mas a primeira-dama insistiu em conhecer o sonho do marido. Com melancolia, ele cedeu:

"Há dez dias, fui dormir muito tarde. Demorei-me à espera de importantes despachos. Assim que deitei, adormeci de cansado. Imediatamente, comecei a sonhar. Parecia haver uma quietude de morte ao meu redor. Então, soluços reprimidos como se diversas pessoas estivesse chorando. Pensei que havia deixado a minha cama e que perambulava no andar inferior. Neste, o silêncio era quebrado pelo menos piedoso soluço de invisíveis pessoas enlutadas. Andei de sala em sala; havia luz em todas elas; todos os objetos me eram familiares. Nenhuma pessoa viva ali estava, mas os mesmos sons dolorosos me acolhiam ao prosseguir a caminhada. Onde estavam as pessoas que soluçavam? Eu me sentia intrigado e alarmado. Qual seria o significado daquilo tudo?... Cheguei à sala Oriental, onde entrei... ali deparei com uma surpresa que me provocou mal-estar. Ante mim havia um cadafalso no qual jazia um cadáver em roupas de funeral. À sua volta, estacionavam soldados montando guarda; e havia uma multidão de gente olhando lamentosamente para o cadáver, cuja face estava coberta. — 'Quem morreu na Casa Branca?', perguntei a um dos soldados. 'O Presidente... um assassino o matou!' Levantou-se um rumor de pesar da multidão, que me acordou..."

Segundo o depoimento de Ward Will Lamon, testemunha histórica da autopremonição de Lincoln, o Presidente concluiu seu relato do sonho com estas palavras reveladoras: "Não mais dormi naquela noite, e o sonho me causa estranho aborrecimento desde então."

Em 14 de abril de 1865, quando da capitulação dos estados sulistas, após a sangrenta Guerra de Secessão, Abraão Lincoln era assassinado no "Ford's Theatre", de Washington, por John Wikes Booth, membro de uma famosa família de atores e simpatizantes da causa dos sulistas.

Booth avançou calmamente até o camarote presidencial que não tinha guarda, e disparou um único tiro, fatal, na nuca de Lin-

coln. Embora tivesse quebrado uma perna ao saltar para o palco, Booth conseguiu fugir num cavalo que o aguardava. Duas semanas depois, encontrado escondido num celeiro na Virgínia, foi morto a tiros — ou matou-se — enquanto o celeiro era incendiado pelos agentes do Governo.

Nove outros homens foram implicados na conspiração de Booth; quatro foram enforcados, quatro cumpriram longas penas e um absolvido do crime.

Cumpriu-se, integralmente, a autopremonição de Lincoln.

Autopremonição de morte acidental

O Sr. D... sonha que está em uma hospedaria onde encontra amigos seus, todos falecidos. Fazem-no prometer que voltará a vê-los exatamente dentro de seis semanas. Acordado, o Sr. D... conta o sonho, brincando. Seis semanas depois, exatamente, o Sr. D., é morto num acidente com um cavalo.

O Dr. Von Gudden antes de partir para a sua propriedade de Hochenswangon, sonha que se afoga e se debate com um homem no fundo da água; conta esse sonho à esposa. Alguns dias depois é encontrado no fundo do lago que existia em suas terras...

O barão Joseph Kronheim, citado por Alberto Seabra (vide: "Fenômenos Psíquicos"), relata o seguinte:

"A Sra de Lukawiski despertou alta madrugada com os gritos do marido a pedir socorro e a debater-se em movimentos de pessoa que está se afogando. Acordou o marido, e ele narrou que acabava de sonhar que estava a bordo de um navio que submergiu devido a um abaloamento. Sentira-se, então, engolido pelas ondas. Tal sonho gerou-lhe a convicção de que assim seria no futuro, convicção de que nada o conseguiu dissuadir, e por isso pôs em ordem seus negócios. Decorreram, porém, dois meses, e já então se lhe começava a apagar a sinistra impressão, quando o Ministro das Relações Exteriores, a que era subordinado, lhe ordenou que fosse para um certo porto no Mar Negro. Ao despedir-se da esposa, reviveu-lhe o sonho de um modo indelével: — ele vira o porto, o navio, o momento do choque, o pânico a bordo. '— Quando receberes o telegrama que te der notícia da minha trágica morte — disse ele à mulher —, ao te vestires de luto não cubras o rosto com véu negro que eu tanto detesto.' Ela o recriminou, severamente, lem-

brando que tivera, apenas, um sonho, ou melhor, um terrível pesadelo. Lamentavelmente, o Sr. De Lukawiski estava absolutamente certo — aconteceu o abalroamento de dois navios no Mar Negro: o 'Wladimir' e o 'Sineus', e as águas revoltas tragaram o inditoso funcionário russo. O sonho se realizara até no seguinte pormenor: no sonho ele lutara com um passageiro para se apossar de um salva-vidas — fato que se reproduziu, integralmente, O passageiro era Sr. Henicki, que conseguiu apoderar-se do salva-vidas e sobreviveu ao naufrágio..."

O caso a seguir aconteceu com Robert Morris, Sênior, pai do notável financista norte-americano Robert Morris.

Robert Senior era agente de uma companhia de navegação de Liverpool (Inglaterra). Era então costume, quando chegava um navio procedente de porto estrangeiro, seu capitão receber a bordo a visita do representante principal da companhia a que se destinava a carga, bem como os amigos que ele trouxesse consigo. Ao saírem os visitantes do navio, costumava-se dar a salva de um tiro em sua honra.

Na noite anterior à sua projetada visita a um desses navios, Robert Senior sonhou que, após um alegre dia a bordo, por uma fatalidade ele fora ferido com o tiro dado em sua honra. Tão vivido fora o sonho que na manhã seguinte ele resolveu desistir da visita. Falou francamente ao oficial do navio Capitão Mathew, contando-lhe o sonho e que sua família era conhecida por seus sonhos premonitórios, rigorosamente exatos sobre desastres. Todavia, Mathew acabou persuadindo-o a ir a bordo, prometendo-lhe que não se daria nenhum tiro de saudação. Depois da reunião, quando os visitantes estavam prestes a retornar, no escaler, à praia, a tripulação, a bordo do navio, tornou-se impaciente. A mesma insistia em fazer a salva habitual.

Robert Senior aquiesceu, relutantemente, à saudação ao ser assegurado pelo Capitão que este acompanharia os visitantes até a praia e que só se daria o tiro depois que o mesmo Capitão desse um sinal, erguendo a mão. Este só seria feito quando estivessem todos distantes e seguros.

Mas, enquanto eles remavam, afastando-se do navio, uma mosca veio pousar no nariz do Capitão Mathew, e ele, distraídamente, a espantou com a mão. O atirador, supondo que este gesto fosse o sinal combinado, deu o tiro de saudação, e um

dos estilhaços atingiu o braço de Robert Senior, quebrando-o e ficando o estilhaço encravado na carne. Ali não havia nenhum tipo de socorro médico. Poucos dias depois, se manifestou uma gangrena, e Robert Senior morreu do ferimento, como ele premunirá...

No livro de Rodney Marsden — "*Psychic Experience for Your*", registra-se um expressivo caso de autopremonição de morte acidental, narrado pela parapsicóloga norte-americana Thelma Moss. Um estudante que pesquisava o câncer pediu para conversar com ela sobre um sonho. A Dra. Thelma concordou em ouvir o jovem e este trouxe um quadro, pintado por sua irmã, descrevendo o sonho — nele via-se sua própria irmã sentada no banco da frente de um automóvel. Segundo o sonho, um outro automóvel, vindo em direção oposta, chocou-se contra o dela e soltou uma das rodas esquerdas, a qual se transformou numa caveira. Duas semanas depois da visita do estudante, a Dra. Thelma Moss recebeu a notícia de que todos os eventos descritos pelo jovem estudante registrados no quadro aconteceram com rigorosa precisão e sua irmã teve morte instantânea, ficando presa às ferragens do veículo...

2. PREMONIÇÃO SONAMBÚLICA

A vidente de Prévost, Frederica Hauffe é autora de inúmeras e autênticas profecias, narradas pelo Dr. Justinus Kerner (18 de setembro de 1786, Ludwigsburg — 22 de fevereiro de 1862, Weinsberg)¹³.

Eis alguns casos:

Frederica Hauffe predisse que a Sra. L..., que jamais havia visto, vinha a ela chorando com uma criança morta nos braços. Seis semanas depois, esta senhora paria e perdia o filho.

Numa outra circunstância a vidente viu um indivíduo seu conhecido, que acabara de morrer; estava preocupado por lhe falar da filha, ameaçada por um acontecimento grave. Quatro semanas

¹³ . O Dr. Justinus Kerner é um dos mais destacados pioneiros no campo das pesquisas paranormais. Publicou uma série de obras que encerram os frutos de suas pesquisas ao longo dos anos, especialmente as que realizou com a médium Frederica Hauffe: "História de Duas Sonâmbulas" (1824); "A Vidente de Prévost" (1828); "História de Alguns Possesses de Nossa Época" (1834); "Fenômenos do Domínio da Natureza" (1836); "Da Possessão, Mal Demoníaco Magnético" (1836). O Dr. Kerner era um excelente poeta, "uma alma doce e sonhadora". Escreveu: "*Gedichte*" (poesia); "*Der Letzte Blumenstrauss*" (O Último Ramo de Flores, 1853).

mais tarde, esta jovem sofria sério acidente, quase levando-a à morte.

O Dr. A. Rostan afirma que a vidente, adormecida predisse que uma amiga sua, que não estava muito doente, ia morrer de hemorragia em exatamente seis dias, o que foi verdade, tanto para a hemorragia quanto para a data.

Outros casos de premonição sonambúlica

O Dr. Liébault, narra o seguinte e notável caso.

Em casa de uma sonámbula, o Sr. L... sabe que perderá o pai dentro de um ano, que será soldado, que se casará, que terá dois filhos e morrerá com 26 anos. Tudo se realiza fielmente. Com a aproximação do acontecimento fatal, o Sr. L... se viu preso de agoniante hipocondria. O Dr. Liébault prescreveu uma receita, preparada com antecedência, que o tranqüiliza completamente. Mas, aos 26 anos, o Sr. L... morreu em circunstâncias jamais esclarecidas.

O Dr. Eugênio Osty, da Sociedade de Metapsíquica de Paris, recebe de uma sonámbula, que via pela primeira vez, as seguintes indicações: *"Reside numa cidadezinha no centro da França; seu quarto está situado numa pequena praça. Dali você vai ao seu escritório. Homens vão e vêm. É um ir e vir constante. Quantos papéis. Você os olha e escreve. Quantas folhas de papel."* Ora, em 1904, o Dr. Osty era nomeado médico-chefe em Vierzon, cidade no centro da França. Alojou-se numa casa, correspondendo à descrição da sonámbula. Teve durante a guerra um trabalho administrativo que consistia sobretudo em assinar uma montanha de papéis.

O Dr. Charles Roux registrou três impressionantes premonições, feitas por três sonámbulas diferentes, a uma mesma pessoa.

A Sra. A..., esposa do Dr. A..., consulta uma sonámbula que lhe diz: *"Dentro de pouco tempo a Sra. terá que enfrentar uma catástrofe na família."* Um tanto perturbada, visitou uma segunda sonámbula que informa: *"A enfermidade de sua filha vai iniciar-se brevemente; sentirá fortes dores no ventre e será operada. Mas, não ficará curada."* A terceira sonámbula, a quem a Sra. A... entrega uma luva, a pedido da sensitiva, esclarece: *"Esta luva pertence a uma pessoa que ficará muito doente. O ventre está atrozmente dolorido; é uma dor difusa, há pus, é uma peritonite, mas não ficará curada."*

De fato, dez dias depois desta última predição, a filha da Sra. A..., de 15 anos, que gozava de perfeita saúde, é repentinamente atacada de peritonite superaguda. É preciso operá-la com urgência; encontra-se pus (pneumococos) no peritônio. Por infelicidade, e confirmada a predição, a jovem morreu.

Este caso de premonição devida a três pessoas diferentes é dos mais notáveis, não apenas pelo renome do Dr. Charles Roux, muito criterioso com relação aos fenômenos psíquicos, mas pela lisura com que essas sensitivas sempre se conduziram em suas atividades.

O Naufrágio do Titanic

Em 10 de abril de 1912, dia da partida do navio TITANIC do porto inglês de Southampton, Jack Marshall, esportista britânico, encontrava-se com sua família no mirante de sua casa, na ilha de Wight, contemplando o transatlântico afastar-se em viagem inaugural, rumo a New York. O gigantesco navio reduzia-se, no longínquo horizonte, a um perfil miniaturizado. Subitamente, sua esposa exclamou, horrorizada: "Ele vai afundar, antes de chegar à América!" O marido esclareceu que os engenheiros navais haviam declarado que ele era insubmergível. Possui compartimentos estanques. Em sua vidência sonambúlica (que se pode verificar, abruptamente, em estado de vigília), a Sra. Marshall assistia à trágica submersão do TITANIC e à morte inevitável de centenas de passageiros congelados nas águas. Em dado momento exclamou, presa de grande aflição: — "Façam alguma coisa! São cegos? Vão deixá-lo afundar? Salvem essa gente! Salvem!" Joan Marshall, filha do casal, narrou em sua autobiografia "*Far Memory*" (Memória Distante) que sua mãe falava com a fisionomia transtornada, com o olhar vidrado, como se realmente estivesse assistindo a todo o monumental drama dos naufragos. Os esforços para acalmá-la, conta, ainda, a autora, foram em vão. E mais: até a madrugada do dia 15 de abril de 1912, a Sra. Marshall viveu momentos de súbitos sobresaltos, tanto em estado de sono como em estado de vigília.

O TITANIC, após a partida da Inglaterra, atracou em dois portos — Cherburgo e Queenstown, a fim de receber mais passageiros.

Na fatídica madrugada, uma bruma espessa cobria a face tranqüila do Oceano Atlântico. O *iceberg*, com qual o navio colidiu, abriu extenso rombo em cinco de seus compartimentos estanques, levando-o inexoravelmente, ao fundo.

3. PREMONIÇÃO ESPIRÍTICA

As premonições espíricas obedecem a características específicas. O paciente, em vez de ficar passivo e ser, durante a sua vida normal de vigília ou de sonho, invadido pelo fenômeno metapsíquico (expressão de Richet), conhece o futuro por via mediúnicamente, seja pela escrita automática, seja pela prancheta e por manifestações psicofônicas, incluindo, aí, o fenômeno de voz direta.

E.M. ..., secretária de William Stead, era de saúde delicada e humor desagradável. Stead pensou em dispensá-la. Júlia, o Espírito guia, escreveu, automaticamente, pela mão do ilustre publicista britânico — *"Seja paciente, ela virá reunir-se a nós no fim do ano."* Em julho, E.M. ... esteve muito doente. Júlia escreveu: *"Ficará boa, mas sucumbirá antes do fim do ano."* Em dezembro

E.M.... teve uma recaída; Júlia escreveu: *"Ela não virá aqui de um modo natural, mas será antes do fim do ano."* No dia 10 de janeiro, E. M. ... estava extremamente doente e Júlia escreveu: *"Enganei-me por alguns dias, mas tudo o que eu disse é verdade: dê-lhe os seus adeuses."* No dia 12 de janeiro, num acesso de loucura, E. M. ... atirou-se pela janela.

Um outro caso de PREMONIÇÃO ESPIRÍTICA aconteceu no final do século XIX, envolvendo o Príncipe Carlos da Dinamarca:

Em 1890 a corveta dinamarquesa "Heimdal" fazia um cruzeiro pelo Mediterrâneo. Cadetes da Escola Naval estavam a bordo em viagem de instrução.

Sobre a ponte dois jovens, um deles o príncipe Carlos da Dinamarca, de dezoito anos, e o outro seu amigo de infância, Herdebred, olhavam as costas longínquas, com o desejo de aportar o quanto antes.

— *"Acreditas, perguntou este, que vamos ancorar em Málaga?"*

— *"Não estou melhor informado do que você, respondeu o príncipe. Meu avô ordenou expressamente que eu fosse tratado como os demais camaradas."*

No dia seguinte, a corveta entrou no porto de Málaga e foi concedida aos cadetes permissão para desembarque. Dirigindo-se ao encarregado da tripulação, perguntou-lhe Herdebred:

— *"Você que conhece todos os povos do Mediterrâneo, diga-me o que há que verem Málaga?"*

— *"Muitas coisas, mas, especialmente, a simpática médium de premonição Dolores de Isla, que tem um café na rua Carmem."*

À tarde, todos os futuros oficiais da real marinha dinamarquesa estavam no café da rua Carmem, sentados em frente a uma garrafa de vinho *Pedro Ximenez*."

Naturalmente curioso em saber o seu futuro, o príncipe, que em nada se distinguía de seus companheiros, interpelou a dona da casa.

— *"Poderia a senhora predizer-me o futuro?"*

A médium cravou seus olhos no jovem cadete e ficou um pouco pensativa. Súbito, retrocedendo alguns passos, olhou o jovem fixamente e o interrogou com voz alterada:

— *"Mas, quem é você?"*

— *"Como todos os meus companheiros, cadete da Marinha Dinamarquesa."*

— *"Vejam outra vez. Talvez me tenha enganado. Quer vir a este canto, sob a luz?"*

— *"E por quê?"* — perguntou o príncipe, com ligeira ironia — *"Sot» essa lâmpada verás as tenebras do meu futuro? O que a impede de fazer, agora, e em voz alta, suas revelações?"*

— *"Você e eu"*, respondeu a médium em tom respeitoso, mas altivo — *"falta saberse convém que os seus companheiros ouçam o que lhe vou dizer."*

O príncipe levantou-se e seguiu a médium ao sítio indicado. Ali, em voz baixa, ela lhe falou ao ouvido algumas palavras que ninguém pôde ouvir.

Quando voltou ao seu lugar, o jovem estava pálido e tão transtornado que nenhum de seus camaradas atreveu-se a perguntar o que lhe havia revelado Dolores de Islã.

Decorrido um mês, a viagem de instrução terminou. A Heimdál entrou no porto de Copenhague. Sobre a ponte da corveta e sempre juntos, os dois amigos, Herdebred e o príncipe Carlos passeavam silenciosamente, quando, de repente, este, como se tivesse saído de um sonho disse:

— *"Recorda da médium de Málaga?"*

— *"Seguramente."*

— *"O que ela me disse não é mais do que uma insensatez. As pessoas ponderadas não deveriam preocupar-se com estas coisas. Entretanto, entre o céu e a terra há muitos mistérios que os sábios não podem desvendar. Você tem tido sempre para mim uma amizade sincera; antes de separar-nos quero fazer-lhe uma confidencia. Anotei, por escrito, palavra por palavra, o que disse Dolores de Isla. O papel está colocado dentro de um envelope fechado, lacrado e selado. Prometa-me guardar este envelope até o dia em que pedir que o abra na minha presença. No caso que eu morra você tem a liberdade de romper o lacre e ler o seu conteúdo, pois então tudo será falso.*

Depois, entregou o envelope a seu amigo. Tinha a seguinte inscrição:

— *"Málaga — 1890 — Carl."*

Herdebred recebeu-o e colocou em sua carteira. Decorreram dez anos. Herdebred os passou viajando por todos os mares.

Em uma manhã de julho do ano de 1900, no Boulevard Strand, uma das maravilhas do mundo em Copenhague, reencontraram-se o príncipe e seu amigo Herdebred.

Feliz encontro!

Apertos de mão, abraços, recordações de infância, da escola, viagens etc.

"Lembra-se, ainda, da profetisa da Málaga?" — perguntou o príncipe.

"Como não. Guardo sempre o envelope em uma das minhas gavetas, fechada a chave!"

"Bom, então, far-me-á o obséquio de vir almoçar comigo ao meio-dia. Minha mulher e eu estaremos a sós. Conhece a alegria que ela sente ao receber os meus amigos. Leve o envelope e terá a explicação do enigma.

À hora aprazada, Herdebred estava em Bregdad, local combinado.

O almoço passou-se alegremente. Ao servir-se o café, os dois amigos ficaram a sós.

— *"Bem",* perguntou o príncipe, *"e o envelope?"* Herdebred abriu a sua carteira e depositou sobre a mesa o envelope fechado. No primeiro momento o príncipe desatou a rir; mas, rápido, tomou uma expressão séria e, depois de fazer um movimento para dominar-se antes de falar, disse:

• *"Sabe, querido amigo, quantas palavras estúpidas estão traçadas nesta folha e que tanto me têm atormentado? Mas, louvado seja Deus, pura mentira foi o que me predisse em Málaga a pseudoprofetisa. Abra o envelope e leia o conteúdo.*

Herdebred tomou uma faca de cima da mesa e abriu o envelope, lendo o seguinte:

— *"Você terá um trono, mudará de nome, sem mudar de idioma."*

Houve um momento de silêncio. O príncipe interrompeu-o.

— *"Você compreende quanto um jovem de dezoito anos se tenha impressionado por uma tal profecia, feita tão longe de seu país e por uma mulher que não tinha a menor idéia de quem ele era. Você sabe o quanto tenho amado o meu irmão. Só a sua morte poderia tornar possível o cumprimento do vaticínio.*

O príncipe levantando-se, passeou ao longo do aposento, tomado de profunda emoção. Em seguida, sentou-se e continuou:

"Dez anos faz, que cada vez que Cristiano, esse irmão leal, sofria a mais leve indisposição, passava eu indivisíveis inquietações; a perspectiva de sua morte me infundia tristeza e pavor. Felizmente, tudo se arrefeceu quando meu irmão se casou e teve um herdeiro, o pequeno Frederico. E, finalmente, há poucos dias nasceu mais um vigoroso menino, distanciando-me, ainda mais, na linha sucessória do trono da Dinamarca.

"Compreendi, então, que tudo quanto disse a bruxa de Málaga é falso."

Entretanto, cinco anos depois desse encontro, em 13 de novembro de 1905, o príncipe Carlos da Dinamarca, aos 33 anos de idade, era levado ao trono da Noruega, trocando seu nome pelo de Haakon VII, sem mudar de idioma!

A médium Dolores de Isla, da distante Málaga, estava absolutamente certa, profetizando, de forma admirável, em meio, não exatamente de um ambiente recatado, respeitoso, mas da balbúrdia de um bar cheio de ruidosos jovens marinheiros. Este exemplo parece adequar-se perfeitamente às concepções do Prof. Charles Richet sobre a PREMONIÇÃO ESPIRÍTICA. Vejamos, agora, um caso de Premonição Espiritica, por VOZ DIRETA.

Pascal Forthuny (1872-1962), famoso paragonístico francês, ao longo de uma conferência realizada no Instituto de Metapsíquica de Paris, França revelou:

"Mencionarei uma trágica profecia feita por mim em 1924, com três meses de antecedência. Disponho de documentos comprobatórios. Se, como eu, todos os sensitivos tivessem o cuidado de datar e guardar os trâmites de suas predições, depositando-os em lugar seguro; e, se mais tarde, comparassem os pormenores dos acontecimentos verificados com seu registro prévio, todos seriam testemunhas de que as pre-cognições não são uma hipótese, mas uma realidade indiscutível, porque sucedem centenas de vezes.

"Certo dia, no silêncio e na solidão da zona rural, em minha propriedade campestre, eu estava sentado à minha mesa de trabalho, absorto numa composição poética, quando, subitamente, uma voz autoritária soou em meus ouvidos, ordenando-me que fosse sem demora a Paris, ao Instituto de Metapsíquica, e procurasse pelo Dr. Gustave Geley, seu diretor, a fim de preveni-lo da morte próxima de um médico francês na Polônia, vítima de acidente aéreo. Obedeci, viajando apressadamente à "Cidade Luz". O Dr. Geley vivia com a família no Instituto. Eles me receberam com a bondade de sempre, depois do jantar, quando todos ainda se achavam juntos.

"Expliquei o motivo de minha visita. Ouviram-me descrever a voz que me ordenara a viagem a Paris e o anúncio da morte de um médico francês pela queda do avião que o transportaria à Polônia. Cabe-me salientar que, naquela ocasião o Dr. Geley não tinha planos de viagem. Ele me perguntou, bruscamente:— A quem se refere esse aviso de morte?"

"Disseram-me, posteriormente, e empalidecí. Contudo na ocasião, eu não sabia a quem a premonição se referia, pois a voz não mencionara o nome da vítima; a pergunta, porém, me deixou confuso. Tentei forçar minha capacidade de intuição e cheguei a dizer o nome de um médico famoso, mas foi um erro. A voz não quis revelar a totalidade de seu segredo.

"Três meses depois, o Dr. Geley encontrava-se em Varsóvia, capital da Polônia, para uma representação científica, ao término da qual o convidaram a fazer, de avião, a viagem de regresso, e ele aceitou. Após um quarto de hora de vôo, o aparelho perdeu altura e se espatifou no solo. Os dois passageiros e os aviadores morreram, todos, instantaneamente. Era o dia 14 de julho de 1924.

"O Dr. Geley havia tomado nota da infeliz e verídica premonição. Entre os papéis de nosso infeliz amigo, e consagrado autor de 'O Ser Subconsciente', encontrou-se o documento comprovante dessa premonição espírita."

4. PREMONIÇÃO ACIDENTAL

O Prof. Charles Richet denomina acidentais as premonições que sobrevêm nas pessoas normais, sem que haja qualquer experimentação. É a premonição que as encontra imprevisível e surpreendentemente. Essas inopinadas premonições são também as mais interessantes e mais numerosas que as premonições experimentais.

Tanto Richet como Ernesto Bozzano classificam essas premonições em:

- a — Premonição de doenças ou de mortes devidas a causas naturais.
- b — Premonições de mortes acidentais.
- c — Premonições de acontecimentos fortuitos.

Premonição de doenças ou de mortes devidas a causas naturais

São inúmeros os casos de premonições dessa espécie. Citaremos, apenas, os que nos parecem mais ilustrativos.

Narra-se a história de um pastor chamado Ulrich, de uma aldeia alemã, que vê em sonho um amigo seu, também pastor, morrendo. Conta esse sonho à esposa, vai ao templo e faz seu sermão habitual, sempre perseguido pela tenacidade do sonho. Durante o dia vê chegar uma empregada da aldeia de R... onde residia o pastor seu amigo, que lhe solicita para ir batizar uma criança. *"Por que não vai o pastor X... ?"*— Porque ele não pode, acaba de morrer.

Assim o pastor Ulrich *"VIU"* a morte de X... onze horas antes, em circunstâncias idênticas a do sonho.

A Sra. Buscarlet escreveu à Sra. Moratief, no dia 11 de dezembro, uma carta, que foi conservada, expressa nos seguintes termos: *"Tive um sonho esquisito. Estávamos, você e eu, num campo, quando passou um carro de onde saía uma voz que nos chamou. Era Olga Popof, que nos disse: 'Chamei-as para lhes dizer que a Sra. Mitchinoff abandona o Instituto no dia 17.'"*

Duas semanas depois, a Sra. Mitchinoff morria de uma difteria aguda no dia 16, e no dia 17, às 12 horas da madrugada, levaram o seu corpo para uma capela vizinha, com receio de contágio.

Este caso foi relatado, com observação crítica, por C. Flournoy nos *"Arquivos de Psicologia"*, de Genebra (Suíça), 1904.

O Prof. Ernesto Bozzano conseguiu registrar um caso de premonição a longo prazo.

J. Edinburg, estudante de Medicina, em 1930, teve um sonho do qual não se lembra senão uma data: 9 de junho de 1935. Conta ao cirurgião assistente e lhe diz — *"É a data da minha morte ou de uma grande desgraça para mim"*, e escreve no porta-chapéus do hospital: 9 de junho de 1935 — J.F.E.*

Passaram-se cinco anos. O Dr. Edinburg casa-se e sua esposa morre no dia 9 de junho de 1935. Voltando ao hospital o Dr. Edinburg faz constatar a dois de seus amigos o que escrevera, há cinco anos, no porta-chapéus — *"9 de junho de 1935"*.

Este magnífico caso de premonição, se se desejar aplicar o cálculo das probabilidades, poder-se-ia dar, em cinco anos, uma probabilidade $1/365 \times 5$ seja mais ou menos $1/1800$ (como se na roleta o vermelho saísse onze vezes seguidas). Porém, raciocinar assim seria um grande erro contra o bom senso, pois, então, não se levaria em conta a causa que apresentou, ao pensamento do Dr. Edinburg, esse número exato. Retornando à comparação da roleta, nada mais é do que dizer: *"Sei que o vermelho vai sair onze vezes seguidas!?!..."*

O que constituiu a premonição é que o número foi indicado uma única vez e sem engano. Se 1800 estudantes indicassem, em cinco anos futuros, uma data fatal cada um, seguramente, encontrar-se-iam coincidências, mas não houve senão um que fez esta previsão, e a previsão foi justa. Não se pode falar do acaso, pois houve uma causa que pôs esse número exato diante dos olhos do Dr. Edinburg.

Premonições de mortes acidentais

Tenta-se invocar para explicar as premonições de mortes naturais — pelo menos quando são próximas — uma espécie de conhecimento sobre o estado orgânico das pessoas cuja morte (ou enfermidade) seja prevista. Sobre a premonição de mortes acidentais, pela sua imprevisibilidade, torna-se impossível fazer-se qualquer tipo de insinuação ou levantar-se suspeição quanto a sua validade.

Em *"La Morí et Son Mystère"*, o ilustre astrônomo francês Camille Flammarion relata o seguinte e histórico fato:

O Capitão de Montluc narra em seus "*Commentaires*" que previu, em sonho, a morte do Rei Henrique II, mortalmente ferido num torneio, em 1559. *"Na noite anterior ao dia do torneio sonhei que via o Rei sentado em uma cadeira, tendo o rosto todo coberto de gotas de sangue e não podia descobrir seu mal, senão o sangue no rosto. Ouvia dizer: 'Ele está morto'; outros: 'Ainda não'. Via os médicos e cururgiões entrar e sair do quarto... e, ao meu despertar, encontrei-me em lágrimas; não pude deixar de chorar durante muito tempo! Minha mulher procurou confortar-me; porém, não posso tomar outra interpretação a não ser de sua morte. Diversos amigos a quem contei o sonho não me levaram a sério. Entretanto, quatro dias depois, um mensageiro chegou de Nérac avisando que o Rei Henrique II sofrerá fatal acidente em um torneio, em Navarra (Espanha)."*

O Prof. Ernesto Bozzano, em "*Lê Phénomènes Prémonitoires*", edição francesa, relata o seguinte:

O Dr. Haye, em Norwalk (EUA), sonha que três jovens colegas de seu Instituto se afogaram. Ele, por isso, recomenda, aos seus alunos, grande prudência. No dia seguinte, no momento da partida das crianças para um passeio, renova suas recomendações. No entanto, o acidente realizou-se e três crianças se afogaram.

Premonições de acontecimentos fortuitos

O Dr. E. Sermyn, autor da obra "*Contribution à L'Étude des Facultes Cerebrales Méconnues*", relata o seguinte caso, tipicamente de premonição de acontecimento fortuito.

Estava ele em sérias dificuldades financeiras, a ponto de não ter um tostão para o necessário. Certa noite, deitou-se a chorar, meditando na desproporção que havia entre o seu saber profissional e a sua situação material. Sonhou, então, que um homem de meia-idade tirava de um grande bolso de sua roupa um punhado de moedas e pôs a contar — "um, dois, três, quatro" — pondo as mesmas, uma a uma, na palma de sua mão. Parou na vigésima terceira. O médico as apertava com força, tão contente se via. Acordou, como é natural, com as mãos fechadas, mas vazias, naturalmente... Na manhã seguinte, lá se foi o Dr. Sermyn para a farmácia, a dar consulta gratuita aos pobres. Doente puxa doente e, nesse dia, um de seus operados de catarata apresentou-lhe alguém para ser operado da mesma moléstia, avisando-o de que o paciente

podia pagar. A cirurgia foi combinada para o dia seguinte e feita com bom êxito, mas sem ajuste de preço. O doente, muito agradecido, repetia de vez em quando — "Deus o abençoe, doutor, o Sr. restituiu-me a visão, que considero mais preciosa que a própria existência. Deus lhe dê todos os bens de Abraão e Isac." "Será tudo?", dizia o cirurgião de si para si. Terminado o penso, pôs-se a examinar se as ligaduras estavam em ordem, foi então que teve a impressão de que já tinha visto aquele senhor. Onde, porém, fora isto? perguntava a si mesmo.

"Quando, entretanto, ele meteu a mão no bolso", diz o Dr. Sermyn, "nesse momento me veio à memória o sonho em que já nem mais pensava. Tinha a certeza que o paciente ia tirar do bolso, um bolso grande, um saquinho cheio de moedas. Quando ele tirou um punhado delas, reluzentes, estendi a mão, convencido de que contaria até vinte e três. O sonho realizou-se nos mínimos detalhes. O aposento, bem como o homem, que estava agora com um dos olhos enfaixados, eram exatamente os mesmos do meu sonho e, lá como aqui, ambos contaram até a vigésima terceira moeda, pondo-as, uma a uma, na mão que eu lhe estendia."

"No mundo estranho do sonho" — arremata o Dr. Sermyn — "o Espírito de quem dorme parece extraviar-se através das dimensões desconhecidas do tempo e do espaço."

Charles Dickens, célebre romancista inglês (Landport, Portsmouth, 1812 — Gad's Hill, Rochester, 1870) certa vez sonhou estar recebendo a visita de uma mulher que usava um xale vermelho e que se apresentou como Miss Napier.

"Por que Miss Napier?", ele se perguntou ao acordar. "Não conheço Miss Napier alguma..." mas, poucas horas depois, dois amigos do autor de "*David Copperfield*" bateram à sua porta, acompanhadas de uma estranha que desejavam apresentar-lhe. Seu nome era Napier. Era a Miss Napier do sonho de Dickens, e estava usando um xale vermelho...

O pesquisador inglês H. F. Saltmarsh, autor da obra "*Fore-knowledge*" (Londres, G. Bell & Sons, 1938), com base nos extraordinários "*Proceedings*" da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, de Londres, registra inúmeros casos de sonhos premonitórios de natureza fortuita: urna certa Sra. Mackenzie sonhou estar sentada na sala de visitas de sua casa com vários convidados, incluindo um certo Sr. J. Ela desculpou-se por um momento para ir inspecionar o

jantar e, ao voltar, notou muitas manchas escuras em seu tapete novo. O Sr. J. sugeriu que as manchas provavelmente fossem tinta; mas a Sra. Mackenzie replicou: "Eu sei que foi queimado e contei cinco furos." Neste momento, acordou, intrigada.

Na manhã seguinte, um domingo, a Sra. Mackenzie contou o sonho à família na hora do café da manhã. Em seguida, foram todos ao culto anglicano. Ao sair do templo, o Sr. J. reuniu-se à família Mackenzie e voltou com eles para casa, para o almoço, algo que ele nunca fizera antes. Enquanto a família conversava com o Sr. J. na sala de visitas, a Sra. Mackenzie foi à cozinha inspecionar o almoço e, ao voltar à sala notou uma mancha no tapete. O Sr. J. achou que as manchas eram possivelmente de tinta e apontou outras manchas iguais. Nesse instante, a Sra. Mackenzie exclamou: "Meu sonho! Meu tapete novo está queimado!"

O tapete realmente havia sido queimado, como se verificou posteriormente, em cinco lugares, por uma empregada que, por descuido, deixara cair algumas brasas ao acender a lareira da sala de visitas...

PRESENTIMENTO

Afirma Léon Denis que o pressentimento é a vaga intuição do que vai acontecer.

Os pressentimentos, é ainda o filósofo, de Tours quem afirma, são difíceis de analisar-se sob o ponto de vista científico. Não são explicáveis, senão em certos casos, quando o acontecimento pressentido tem precedentes subjetivos ou objetivos.

Conta-se, a propósito o seguinte e intrigante caso: O navio "Titanian" transportava carvão de Tyne para o Canadá, e o marinheiro William Reeves, que estava de vigia numa noite de abril de 1935, começou a sentir estranho e inelutável pressentimento. Quando o navio atingiu o ponto onde os navios "Titan" e "Titanic" haviam naufragado, a sensação atingiu o máximo. Poderia Reeves parar o navio por causa de um pressentimento? Mas o fato o fez tomar a decisão: ele havia nascido no dia do acidente do "Titanic..." "Perigo à frente!", avisou à ponte de comando; logo em seguida, um imenso *iceberg* surgiu ameaçador da escuridão, e a embarcação pôde evitá-lo a tempo.

No "*Bulletin de la Société d'Études Psychiques de Nancy*" (fevereiro de 1902), citado por Léon Denis, o Coronel Collet conta que seu sogro, o Sr. Vigneron, emérito caçador e pescador, saía quase todos os dias para se entregar a seus prazeres favoritos, sem que por esse motivo sua mulher de modo algum se inquietasse. Um dia, porém, ela o quis impedir de ir à pesca. Ele não fez caso da advertência, e, ao regressar à noite, pôs-se a gracejar da puerilidade dos temores da esposa.

No dia seguinte, entretanto, confessava em particular ao seu genro que, tendo o seu barco soçobrado, ele só conseguira sair das águas lodosas, em que se ia afundando, graças a um ramo de salgueiro a que desesperadamente se agarrara a tempo.

Narra Antônio Cardoso, que fora talentoso redator da Revista "Estudos Psíquicos", de Lisboa, o seguinte episódio:

O ensaísta e poeta colombiano Jorge Gaitán Duram partiu em abril de 1962 em viagem à Europa. No entanto, pouco tempo antes fora invadido por um estranho pressentimento segundo o qual não regressaria à sua terra natal, pois a morte estava próxima.

Crendo absolutamente na veracidade de tal presságio, preparou os seus negócios de forma a deixar tudo em ordem. Empacotou diversos objetos com etiquetas e a indicação dos amigos a quem deveriam ser entregues. Igualmente chamou a sua primeira esposa, da qual vivia separado, pedindo-lhe que estivesse no aeroporto no dia da partida, com o filho que tivera desse matrimônio.

O avião partiu, chegando à Europa sem novidade. Mas, no regresso, o pressentimento se tornou em fatídica realidade: em Guadalupe, na rota entre Paris e a América Latina, o avião que levava Jorge Gaitán Duram caiu, causando-lhe a morte...

FIP — FUTURO INFLUENCIANDO O PRESENTE

Pessoas há que passam por experiências fisiológicas de pressentimento. São classificadas pelo termo FIP — Futuro Influenciando o Presente.

Vamos aos fatos:

Na sexta-feira, 21 de outubro de 1956, às nove horas e quinze minutos, um vasto monte de escória de carvão rolou pela encosta e soterrou uma aldeia do País de Gales (Reino Unido), chamada ABERFAN, causando a morte de 116 crianças e 28 adultos.

O Dr. J. C. Barker, de Shropshire, Inglaterra, visitou o local da tragédia. Devido a seu interesse em premonição, pressentimento e telepatia procurou saber, através de questionário publicado na imprensa, se uma tragédia de tais proporções fora prevista ou pressentida por alguém.

Trinta pessoas, cujas idades variavam de 11 a 73 anos, afirmavam ter sonhado com a tragédia. As demais declaravam ter tido visões e experiências de clarividência. Sete experimentaram fortes sensações de incômodo físico e mental antes do desastre; tais sintomas desapareceram tão logo elas tiveram notícia do acontecimento. Eis alguns desses fenômenos de FIP, ocorridos antes da trágica ocorrência de ABERFAN:

— Um homem de cinquenta anos, residente em Bristol (Inglaterra) escreveu que começava a trabalhar às oito horas daquele dia trágico e durante a manhã inteira pressentia que algo errado lhe dificultava o trabalho. Entre as nove e dez e nove e meia, ele disse a um colega: — "Sinto-me esquisito, como se devesse acontecer alguma coisa terrível." Às dez horas a sensação desapareceu. Às treze, teve notícia do desastre. Uma testemunha confirmou o relato do sensitivo.

— Um homem de trinta e um anos, escrevendo da cidade de Kent, relatou que quatro dias antes da avalanche, quando estava deitado, percebeu subitamente que algo horrível aconteceria na sexta-feira. Teve certeza de que haveria mortos. Na manhã seguinte, disse à sua secretária: "na sexta-feira vai haver algo horrível, relacionado com a morte". O pressentimento não o abandonou até que ele foi informado do infausto acontecimento. A secretária confirmou o relato.

— De Londres, uma mulher de cinquenta e dois anos escreveu para contar que acordara por volta das quatro horas da manhã, sufocada e lutando para respirar. Alegava já haver passado por esse tipo de experiência antes de duas catástrofes anteriores; mas, desta feita, ficou particularmente temerosa. Sentindo-se imensamente deprimida, relatou o fato a uma amiga, às oito horas da manhã em que se deu o desastre. Quando recebeu a notícia do fato, suas dificuldades respiratórias cessaram.

Embora nenhuma das pessoas cujas experiências acabamos de descrever afirme que sonhou com a tragédia, é importante notar o mal-estar físico — um pressentimento do desastre — que teve

início quando elas estavam deitadas, ou logo após acordarem. Afirma Elsie Sechrist (vide: *"Dreams — Your Magic Mirror"*, Contemporary Books, Inc.) que, por experiência, verificou que tais presentimentos matinais costumam resultar de um sonho, que foi inteiramente esquecido e deixou, apenas, uma indefinida sensação.

PREMONIÇÃO E MORTE APARENTE

O Dr. Kemmeth Ring — professor de psicologia da Universidade de Connecticut (EUA) e pesquisador do processo da "quase-morte", relata impressionantes experiências premonitórias de pessoas declaradas mortas, e depois reavivadas. Segundo o Dr. Kenneth Ring, esse fenômeno mostra que na hora da morte a consciência autônoma se desliga do corpo físico, atravessa tempo e espaço, mergulhando em regiões que denominamos "futuro". Assim, ela é capaz de descrever situações que, conforme nosso conceito de tempo, fixado casualmente, ocorrerão mais tarde.

Em artigo publicado no *"Brain-Mind Bulletin"*, o Dr. Kenneth afirma que os que estão morrendo não percebem apenas acontecimentos pessoais, mas, também, globais, tais como convulsões geológicas, desastres, e conflitos sociais e políticos etc. Uma pessoa reavivada previu a erupção do vulcão americano Saint Helen, visão considerada por sua família uma mera alucinação. Apenas duas horas mais tarde, a erupção realmente aconteceu.

Um outro caso descrito pelo Dr. Kenneth: um menino de dez anos estava morrendo durante uma cirurgia, viu a si mesmo com a idade de 28 anos, ao lado de sua mulher e dos filhos, em uma casa. Ao longo dessa visão ele observou em uma parede um objeto raro que não reconheceu e cuja função ignorava, naquele momento. Quando mais tarde, aos 28 anos reencontrou-se na situação antevista, ele reconheceu no objeto um aparelho de aquecimento, ainda não fabricado quando era criança...

Nesse caso, o menino não vira a cena familiar como um espectador: "Eu sabia que era casado, me senti casado. Era uma sensação extraordinária, impossível — não vi o futuro como algo por acontecer: *eu o vivi!* O futuro era naquele momento em que me encontrava prestes a morrer, durante a cirurgia a que me submetia!"

PREMONIÇÃO E LIVRE-ARBÍTRIO

A premonição e o livre-arbítrio são assuntos sempre levantados quando se questiona a respeito de determinismo e o futuro de cada indivíduo.

Ao nascermos teremos traçado para nós um destino a que não poderemos fugir? Tudo estará previamente determinado? Ou o livre-arbítrio nos dá a possibilidade de modificarmos, de acordo com nossas atitudes, o que o "destino" reservou para nossas vidas?

Até determinada época, não houve qualquer possibilidade de explicação para a faculdade de premonição: ver o futuro antes que ele ocorra e, ainda, impedir que ele aconteça, caso seja desagradável ou infeliz. Seria, então, o homem senhor do seu destino?

Por muito tempo, pensou-se que, caso a previsão fosse possível, não se poderia rejeitar a existência do determinismo, pois, se alguém previsse algo que vai acontecer é porque este acontecimento estaria "escrito" na trajetória do indivíduo.

O Professor Joseph B. Rhine concluiu, em "Nos Limites da Mente", o seguinte:

"Se a premonição fosse ou pudesse ser 100% precisa, o conhecimento desse fato iria afetar tão profundamente nossa filosofia de vida que as implicações seriam de arrepiar. Isso é verdade em especial se, ainda por cima, todos os tipos de acontecimentos num certo ponto no tempo fossem previsíveis, pois, se o fossem, obviamente seriam todos determinados e inevitáveis."

Assim, segundo Rhine, que se colocou contra o fatalismo, estando todos os fatos determinados eles seriam previsíveis e não haveria liberdade de escolha. Em caso de previsão de uma catástrofe, um naufrágio, por exemplo, a pessoa envolvida estaria fatalmente entre os naufragos.

Até hoje, pelo que se sabe, nenhum sensitivo conseguiu 100% de acerto em suas previsões do futuro. Como o próprio Rhine observou, não existe uma precisão absoluta entre premonição e determinismo em nossas vidas. Até mesmo em experiências realizadas em laboratórios, os resultados têm demonstrado que a premonição está sujeita a erros. Há muitas tentativas para explicar o mecanismo da faculdade de premonição; entretanto, ele não está ainda totalmente compreendido, e dificilmente se chegará a uma conclusão definitiva nem em curto ou médio prazo.

Por enquanto, dois caminhos se apresentam para interpretar a natureza dos fenômenos premonitórios:

— o que se prevê hoje, acontecerá no futuro exatamente como foi previsto?

— ou a previsão seria de possíveis futuras percepções do próprio perceptivo?

A primeira proposição seria explicada tomando-se por base a interpretação estatística do tempo proposta pela Teoria da Relatividade, de Einstein, segunda a qual, no contínuo espaço/tempo quadridimensional, todos os acontecimentos já existem e cada estágio de um acontecimento está representado por um ponto numa curva estacionária.

Na explicação do físico Costa de Beauregard, na obra "*The Voices of Time*" (*As Vozes do Tempo*):

"(...) a relatividade é uma teoria onde tudo já está escrito e onde a mudança só é relativa ao modo de perceber dos seres vivos. Os seres humanos e as outras criaturas... são levados a explorar aos poucos o conteúdo das quatro dimensões (tempo), enquanto cada um vai atravessando, sem parar ou voltar para trás, uma trajetória de tempo no espaço/tempo."

De acordo com essa interpretação, a manifestação do livre-arbítrio seria nula pois o indivíduo estaria ligado a um destino inflexível e fatal.

Por outro lado, considerando-se a segunda interpretação, dinâmica e ligada à teoria quântica, a previsão nada mais seria que possíveis percepções futuras do próprio indivíduo, não cabendo, portanto, o fatalismo.

Exatamente como observou Rhine, a teoria quântica coloca o futuro como algo provável e indeterminado, havendo ampla liberdade para tomada de diversas alternativas na direção dos acontecimentos futuros.

Caso ilustrativo de uma possível flexibilidade, quanto à ocorrência de fatos previstos, encontra-se na obra "*The Reach of the Mind*", de Rhine:

" — um homem planejava viajar de trem. Na noite anterior, ele sonhou que o trem que o levaria sofreria um desastre e ele ficaria gravemente ferido.

"Este sonho fez com que ele desistisse da viagem. Mais tarde, leu no jornal que o acidente ocorrera exatamente como vira em seu sonho, exceto pela sua ausência no trem.

"Por esse exemplo, chega-se a uma questão no caso das premonições: a sua imprecisão. Por que o homem estava no sonho e não estava no trem?"

De conformidade com a mecânica quântica, existem milhares de possibilidades, igualmente válidas, para que o fato ocorra, total ou parcialmente:

— o homem poderia ignorar o sonho, ter tomado o trem e se acidentado;

— o homem poderia ignorar o sonho, ter tomado o trem e não acontecer o acidente;

— o homem acreditou no sonho, não tomou o trem e não se feriu.

Tais alternativas são, perfeitamente, compatíveis com o livre-arbítrio. Ele sonhou e, preocupado, desistiu de viajar. Caso ele não tivesse sonhado, e fosse acidentado, naturalmente ele pensaria que estava escrito em seu destino passar por aquela situação.

Ainda há uma outra interpretação à luz da mecânica quântica, segundo a qual os acontecimentos relativos a cada indivíduo sofrem uma ação recíproca entre a premonição e o livre-arbítrio que estão ligados tanto à natureza da personalidade humana quanto à natureza dos acontecimentos, isto é, uma relação entre o que é "provável" e o que é "possível".

Em "O Livro dos Espíritos" — Allan Kardec questiona os Espíritos sobre a FATALIDADE. Preliminarmente, pergunta o Codificador:

(Questão 851) — Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, segundo o sentido ligado a essa palavra? Quer dizer, todos os acontecimentos são predeterminados, e, nesse caso, em que se torna o livre-arbítrio?

Resposta: "A fatalidade não existe senão para a escolha feita pelo Espírito, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova; ao escolhê-la ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria conseqüência da posição em que se encontra. Falo das provas de natureza física, porque, no tocante às provas de ordem moral e às tentações, o Espírito, conservando o seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou resistir."

Kardec indaga (Questão 860):

"Pode o homem, por sua vontade e pelos seus atos, evitar acontecimentos que deviam realizar-se e vice-versa?"

" — Pode, desde que esse desvio aparente possa caber na ordem geral da vida que ele escolheu.(...)-"

Adiante, em "Resumo teórico do móvel das ações humanas", lê-se:

"A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância. Se assim fosse, o homem seria uma máquina destituída de vontade. Para que lhe serviria a inteligência, se ele fosse Invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino? Semelhante doutrina, se verdadeira, representaria a destruição de toda a liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o homem, nem mal, nem crime, riem virtude. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar as suas criaturas por faltas que não dependiam delas, nem recompensá-las por virtudes de que não teriam o mérito. Semelhante lei seria a negação da lei do progresso, porque o homem, que tudo esperasse da sorte nada tentaria fazer para melhorar a sua posição, desde que não poderia torná-la melhor nem pior.

"A fatalidade não é, entretanto, uma palavra vã; ela existe no tocante à posição do homem na Terra e às funções que nela desempenha, como conseqüência do gênero de existência que o seu Espírito escolheu, como *prova*, *expição* ou *missão*. Sofre ele, de maneira fatal, todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências boas ou más que lhe são inerentes. Mas a isso se reduz a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. *Os detalhes dos acontecimentos estão na dependência das circunstâncias que ele mesmo provoque, com os seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos, através dos pensamentos que lhe sugerem.*

"A fatalidade está, portanto, nos acontecimentos que se apresentam ao homem como conseqüência da escolha de existência feita pelo Espírito; mas pode não estar no resultado desses acontecimentos, pois pode depender do homem a modificação do curso das coisas, pela sua prudência (...)"

CAUSA E EFEITO E FINALIDADE

A Lei de Causa e Efeito é a chave do destino humano, da moral humana, no seu destino particular e coletivo, no seu desdobramento individual e coletivo. Somos o que fomos, através da evolução; seremos o que somos de acordo com o evoluir da nossa personalidade. Passado, presente e futuro são frutos do nosso trabalho, das ações que desenvolvemos dentro de nós mesmos e dentro da sociedade, na lenta e sacrificial caminhada que empreendemos em (re)en-carnações sucessivas, com vista à perfeição.

O homem, portanto, analisado sob o ponto de vista da filosofia espírita, não é mais do que a soma das personalidades vividas, adquiridas e realizadas em todas as peregrinações que empreendeu pela face do Planeta.

Todos sabemos que existem na Natureza leis imutáveis, leis chamadas divinas, sobre as quais a nossa vontade não tem como influir. Conhecemos, e isso é evidente, a existência de uma lei de atração universal, que faz com que todos os corpos caiam sempre na direção do centro da Terra. Existem, também, leis imutáveis que obrigam os astros a seguir uma rota prefixada, a qual não podem abandonar. Essas são as leis de harmonia universal, sem o que não haveria estabilidade, nem possibilidade de vida em qualquer plano do Cosmos.

Para a garantia do conjunto harmônico espiritual, também existe um princípio superior, que se relaciona com a vida humana. Os que não ignoram esse princípio, como nós, espíritas, todos os nossos pensamentos, palavras e ações têm uma importância extraordinária, tanto nesta como em existências porvindouras. É graças ao poder divino desse princípio, que se consubstancia a LEI DE CAUSALIDADE, que o nosso pensamento medita nas expressões que pretende usar e nas atitudes mentais que procura transformar em atos objetivos. As conseqüências que derivam destes pensamentos, palavras e ações constituem o que se denomina Lei de Causa e Efeito.

Para se explicar a vida, em todas as suas nuances de integrações e desintegrações, de avanços e de recuos aparentes, de glórias e misérias, temos necessidade de estabelecer um antecedente causai, porque sem causas, que influam nas determinações da vontade humana de acordo com o processo moral de cada indi-

víduo, nenhuma ação se poderá explicar, e a vida não teria a menor finalidade.

Causa e efeito e finalidade são princípios filosóficos que se completam. Se assim não fosse, se ao antecedente causai faltasse um sentido diretor e seletivo, um fim moral e perfeito, cairíamos ou no determinismo fatalista ou no fatalismo determinista, isto é, no materialismo ou na teologia. Porque — e convém deixar estabelecido — o fatalismo teológico não exclui o determinismo, pois se as ações humanas se realizam de acordo com a presença de um deus que as previu e dispôs desde toda a eternidade, elas necessitam, para se realizarem, da objetividade das causas que as produziram, sem o que não se realizariam; e, se, por outro lado, as ações humanas se objetivam em virtude de um determinismo cego, sem sujeição a princípios morais inerentes ao Espírito, tal determinismo é fatalista e de um fatalismo mais funesto e desgraçado que o primeiro, porque este se cumpre, segundo uma vontade e uma inteligência, a um propósito, a um fim divino; e o homem não é mais que um instrumento da Providência, o qual tem a pretensão de crer que caminha voluntariamente, quando, na verdade, é Deus que o arrasta em direção ao seu destino oculto!

A filosofia espírita, e Kardec deixou lucidamente patenteada, é determinista, mas não é fatalista, nem no sentido teológico, nem no sentido materialista, porque o Espiritismo não admite que as ações humanas, nem as causas que as produzem, estejam fatalmente dispostas por Deus para a realização de cada fim individual. Por isso, para o ilustre mestre Nones, o homem é um ser realizando-se a si mesmo no processo infinito da evolução; superando-se em todas as noções e práticas do bem, da justiça e do amor; desenvolvendo as potências e as faculdades do Espírito; elevando-se a uma compreensão de sua personalidade e da natureza por meio da qual se manifesta. O princípio inteligente ou causa primária que rege o destino dos seres e das coisas não está fora do Universo e da Vida, nem, por conseguinte, fora do Homem, que também é Vida, Inteligência e parte integrante do Universo.

Esses raciocínios levar-nos-ão a afirmar que o Homem, quer proceda bem ou mal, jamais poderá insurgir-se contra os desígnios de Deus, pois que sendo a Criação uma resultante desses desígnios, não pode haver dentro dela nada de arbitrário. Daí concluir-se que os atos humanos, bons ou maus, morais ou amorais, livres ou

escravizados, estão sempre dentro das leis naturais, ou melhor, se quiserem, das leis divinas!

O homem, em verdade, na sua relativa inteligência e nos limites de suas faculdades, não pode senão estar em harmonia (harmonia dinâmica) com a causa criadora que rege os destinos dos seres. E quaisquer que sejam suas determinações morais, essas se entrosam, sempre, na harmonia viva e vivificante do Universo.

PREMONIÇÃO E PSICOCINESIA

O Dr. Milan Ryzl, pesquisador na área da Parapsicologia, manifestou-se da seguinte forma sobre a diferença entre premonição e psicocinesia:

"Comparando as semelhanças entre as leis da Parapsicologia e as da Física, descobrimos mais uma analogia. Os parapsicólogos têm dificuldade em estabelecer, com precisão, a diferença entre a premonição e a psicocinesia."

Em seguida, o Dr. Ryzl oferece o exemplo a seguir:

"Vamos imaginar que jogamos uma moeda no ar, tentando saber, antes dela cair no chão, qual dos dois lados ficará para cima. Nosso palpite dá certo e então acreditamos ter capacidade premonitória. Mas uma outra poderia dizer o seguinte: quando deu seu palpite, pensando que era uma prova para testar sua habilidade premonitória, você se utilizou de sua força psicocinética para influir no resultado, obtendo, assim, pleno sucesso."

O Dr. Ryzl admite (seguindo as pegadas de outros pesquisadores) a existência de um campo PSI¹⁴ — "psi-fild". De acordo com essa hipótese (imaginária) o espaço físico seria uma secção de um espaço de ordem superior, pluridimensional. A estrutura desse campo possibilita a eliminação de espaço e tempo. Em nível de precognição conclui-se que o presente e o futuro coexistiriam. Através, pois, desse campo psi o futuro seria alcançado em lapsos visionários, detectando-se, então, fatos que serão concretamente realizados no porvir.

¹⁴ PSI: termo retirado da letra grega de igual nome, pelos cientistas ingleses Thouless e Wiesner, para designar, em Parapsicologia, qualquer espécie de conhecimento que se não coaduna com as leis científicas conhecidas.

Chega-se, com a premonição, a um monumental impasse, que deveria ser alvo das cogitações dos pesquisadores espíritas:

— A INCOERÊNCIA NO TEMPO — O EFEITO ANTES DA CAUSA.

Atinge-se o conhecimento de um fato que ainda vai acontecer, sua prenhez ocorre antes que o futuro se realize. Resultado: — O EFEITO SE ANTECIPA À CAUSA? Como funcionaria, então, o espaço e tempo? Emanuel Kant estaria certo quando afirmou que o tempo é uma condição inata da sensibilidade?

Ou ainda mais certo seria Friedrich Wilhelm Nietzsche, quando pregou:

"Tudo é curvo; o próprio tempo é o círculo. Tudo o que pode acontecer, já deve ter acontecido."

E mais complexas seriam as concepções de Herman Minkowski...

AS PESQUISAS DE J. B. RHINE

Joseph Banks Rhine, expoente da Parapsicología, definiu a precognição em suas várias obras, como *"apreensão de eventos futuros extra-sensorial e extra-razionalmente"*. *"Percepção extra-sensorial independente do tempo."* *"Percepção extra-sensorial de um evento futuro por meios extra-sensoriais."* E esclarece o Professor da Duke University: *"Para qualificar-se como exemplo genuíno de precognição, uma experiência deve referir-se a um acontecimento vindouro a ponto de não ser meramente acidental; deve identificar um acontecimento futuro que não poderia ser inferido, e finalmente deve referir-se a um evento que não poderia suceder como consequência da predição."*

Para o Dr. H. Adrian Dobles ("TIMES AND ESP"), a precognição não se trata de um processo lógico, impessoal, mas de uma percepção intuitiva, subliminar, mediada pelo sistema nervoso central. Na precognição, ou no pregnóstico, há uma defasagem cerebral para a frente, um modo subjetivo de progresso no tempo, implicando em velocidade superior a da luz. Reações inconscientes do organismo às probabilidades objetivas dos fatos produzem as modificações subjetivas relevantes que constituem a precognição.

A Dra. Louise Rhine (esposa do Dr. J. B. Rhine), que analisou meticulosa e criteriosamente a precognição, viu nela "*uma experiência humana muito real*", "*uma aptidão para conhecer o futuro utilizando canais ocultos do Espírito*", uma "*experiência enigmática, pessoal, terrena, realista, intuitiva, compulsiva*", "*de aspecto inicial desconcertante*" mas "*forma normal, comum e familiar da vida mental*".

"*Além de espontânea*", observa a Dra. Adelaide Petters Lesa— "*a precognição tem sido provocada em laboratório*". De fato. Em 1943, às voltas com testes que pudessem isolar a precognição da clarividência, o Dr. Joseph B. Rhine distinguiu entre possíveis tipos de precognição experimental:

1) clarividência precognitiva — quando o sensitivo conhecia antecipadamente a ordem das cartas de um baralho tal como se apresentaria ao ser embaralhado mais tarde;

2) telepatia precognitiva — quando o sensitivo conhecia antecipadamente a mensagem telepática que um agente lhe enviaria mais tarde. Os efeitos de deslocamento observados nos testes de S. G. Soai ("*Modern Experiments in Telepaty*") com os sensitivos Shackleton e Stewart, de 1936 e 1943, são exemplos de precognição telepática, embora não se possa excluir a contra-hipótese da clarividência.

3) percepção sensorial precognitiva — ou a experiência antecipada de uma percepção sensorial futura — uma espécie de "*memória ao revés*". Ao prever a ordem das cartas de um maço a ser embaralhado mais tarde, o sensitivo poderia não alcançar em direção às cartas extra-sensorialmente, mas em direção à sua própria experiência visual.

PRECOGNIÇÃO ESPONTÂNEA COM INTERVENÇÃO DO AGENTE

A Dra. Louise Rhine relacionou uma série de casos dessa natureza. Eis alguns deles:

1º caso — aceitável.

Certa mãe sonhara que acampava com seus filhos menores e amigos em um lindo lugar sob as árvores, junto a um regato. Arma-ram-se as tendas de lona e a mãe lembrou-se de que tinha alguma roupa para lavar; carregou seu filho menor e a roupa, e escolheu um lugar favorável junto ao regato. Esquecera-se do sabão, porém,

enquanto o menino atirava pedrinhas nas águas, ela voltou ao acampamento. De retorno ao regato, encontrou seu filho afogado, com a face voltada para baixo, nas águas. A mãe acordou soluçando e chorando. O sonho a preocupou durante vários dias. No verão, foi acampar com amigos, esquecida do sonho. Quando ia voltar ao acampamento à procura do sabão (no exato lugar de seu sonho), viu seu filho com as mesmas roupas, sob o mesmo sol, atirando pedrinhas na água, e o sonho lhe voltou à memória. Agarrou a criança e voltou com ela para o acampamento. Os amigos riram da sua *"imaginação"*. Comentou ela em carta ao Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke: *"Tão fácil sair-se com essa resposta quando não se pode dar uma boa explicação."*

2º caso — aceitável.

Certa mãe, caminhando no campo com sua irmã e um filho de cinco anos, perdeu o caminho e seguiu uma rota no bosque que supôs daria numa casa. Via a criança correndo alguns metros adiante, quando a irmã lhe disse: — *"Chame o pequeno. Sonhei, na noite passada, com um lugar como este; havia um precipício além, e me vi segurando pelos dedos uma criança que para ele deslizara. Talvez nada signifique, mas chame o menino."*h mãe assim procedeu e adiante viram que o caminho terminava num mirante, sobranceiro a um precipício de onde se contemplava uma cascata do outro lado. No sonho, a tia salvou o menino por meios físicos, com as mãos, e na realidade, com um esforço mental do qual talvez o sonho fosse um símbolo.

3º caso — intervenção bem-sucedida.

Em vigília, certa mãe teve uma visão de seu filho mais velho, morto na banheira. A visão a perseguia, de modo que ela se extremava para que tudo ocorresse bem. Não contou ao filho mais velho, mas informou ao mais novo. Dois anos depois, voltando o mais velho de uma viagem, estava assobiando e cantando no banheiro. A mãe, vestida para sair, estranhamente não conseguia deixar a casa. Após algum tempo, não mais ouvindo o filho cantar, abriu a porta do banheiro e o viu, exatamente na situação preconhecida. O gás estava aberto, a janela fechada, e ele fora evidentemente asfixiado. Imediatamente, ela abriu as portas e janelas, providenciando, com urgência, socorro médico. O jovem sobreviveu.

4- caso — intervenção bem-sucedida.

Um maquinista de um trem de carga viu, em sonho, a colisão de outro trem de carga com um expresso, as máquinas arruinadas,

muitos passageiros mortos e outros feridos. Preocupou-se o dia inteiro, mas nada aconteceu. No dia seguinte, quando o acidente se delineava, ele recordou o sonho num relance, em toda a sua horrosa extensão; e, sem esperança, agarrou uma bandeira vermelha, correu para os trilhos e com os seus sinais parou o expresso a poucos metros do trem de carga. Havia nove vagões, todos repletos de passageiros, inclusive nas plataformas de entrada e saída.

Segundo preconiza a escola de J. B. Rhine, se a precognição é um meio de conhecer um futuro destinado a ocorrer, então por definição, esse futuro é inevitável; se, ao contrário, o evento, pode ser evitado, então não estava destinado a acontecer. Nesse particular, assim se manifesta a Dra. Adelaide Fetters Lessa ("PRECOGNIÇÃO"): *"A redefinição de precognição necessitaria a alteração dos conceitos estabelecidos de causalidade e tempo, e talvez seja este o coração da presente dificuldade. A mente racional atinge um impasse e há várias vias de fuga — uma é esperar por provas experimentais da intervenção; outra, é atacar o problema de adequação das provas, as interpretações, as limitações; e outra ainda, é examinar as pressuposições fundamentais da causalidade, a natureza da realidade e da experiência. Um punhado de casos"* — finaliza — *"deve ser útil para estimular o avanço em direção a novos vislumbres e inspirações."*

E o próprio Rhine conclui que — *"Quando um pesquisador científico quer descobrir se o espírito humano pode chegar, às vezes, ao conhecimento de modo parapsíquico ou extra-sensorial, deve abandonar os casos espontâneos de fenômenos psi, apesar de seu caráter apaixonante e dramático, e entregar-se a experimentos definidos e sistemáticos."*

E prossegue o ilustre autor de *"Precognition Reconsidered"*:

"Deve procurar descobrir por meio de provas, de testes repetidos, de escrupulosos métodos de laboratório, se existe algo por trás dos fatos relatados. Em resumo, esse problema deve afastar-se do plano anedótico e situar-se no campo da experimentação, antes que se possa classificá-lo de científico."

"Entretanto, ao passar do terreno da observação dos fatos curiosos ou assombrosos para o campo da experimentação, é justo reconhecer quanto devemos a essas histórias. Elas despertam o interesse de muitos espíritos, produziram forte impressão, suscitando a necessidade de saber se traziam em seu bojo algum significado. Impuseram a evidência de um problema a resolver."

AS CRIANÇAS E A PRECOGNICÃO ESPONTÂNEA

A Dra. Louise Rhine registrou e arquivou vários e interessantes casos de precognição em crianças. Eis algumas dessas surpreendentes manifestações, "*que não encontram na ciência*"— conforme afirma J. B. Rhine — "*soluções absolutamente finais de qualquer maneira*":

1º caso — Um menino de Michigan (EUA), de *quatro anos e meio*, sonhou várias vezes que uma serpente o havia apanhado, e certo dia encontrou, aterrorizado, uma no pátio. Os pais pensaram em simples coincidência, embora desde então não mais o acordassem pesadelos de serpentes depois de terem matado a que apareceu. Todavia, aos *seis anos* começou novamente a ter pesadelos: desta vez pensava cair em um buraco; durante três semanas acordou quase todas as noites, suando e gritando de terror. Um dia, o menino brincava no pátio do vizinho onde ainda se via neve no chão. Conta a mãe: "ouvi gritos terríveis que pareciam vir de grande distância. Corri em direção ao porão do vizinho. Parecia que os gritos vinham do chão. Foi quando vi um buraco na tampa estragada de uma fossa e Steve com água até a cintura mergulhando rapidamente. Eu e o vizinho o retiramos quando a água já lhe chegava aos ombros. Parece que a realização dos sonhos nada mais eram que tolice até que isto se deu."

2º caso — Em uma casa de New Jersey (EUA), em 18 de novembro de 1950, um menino de nome Craig, de *quatro anos*, acordou gritando. O pai foi vê-lo e, com dificuldade, conseguiu acalmá-lo. Então a criança contou o sonho que tivera: — "Sonhei que você tinha caído n'água, papai. Estava cercado de plantas altas. Chamei-o muitas vezes e você procurava sair de dentro d'água." Os pais esqueceram o episódio. Quem dá importância a sonhos de crianças? O pai tinha combinado com o irmão ir caçar patos, partindo dois dias depois do sonho de Craig. Os dois se esconderam no meio da vegetação alta durante a maior parte do dia. Antes de se prepararem para voltar, atiraram em dois patos que caíram dentro d'água. Entraram no bote para pegá-los. Dentro em pouco sobreveio terrível vendaval que os afastou para longe. As águas estavam muito agitadas e o bote virou. O irmão se afogou e o pai de Craig pensou que não poderia chegar à praia. Disse, depois, lembrar-se constantemente do sonho do filho...

3º caso — Frequentemente, a recordação de experiências precognitivas da infância deixa fortes e inapagáveis impressões. Uma senhora americana do Maine vivenciou, aos *dez anos de idade*, o seguinte episódio de PC. Conta ela mesma:

"Acordei naquela manhã muito assustada com um sonho em que vi um homem de pé à minha frente, no vestíbulo. Era moreno e as roupas estavam cobertas de lama. Acredito que o que mais me assustou foram os olhos — os mais maldosos que eu vira até então. Conte o sonho a minha mãe e ela me animou dizendo que era simplesmente um sonho e que eu fosse para a escola, esquecendo-me de tudo.

"Naquela noite, quando estávamos jantando, bateram na porta da frente e meu pai foi abrir. Ouvia-o falar e dentro de alguns minutos ele voltou para a sala de jantar e perguntou a minha mãe se era possível dar pousada a um estranho coberto de lama. Não era nosso costume mas, como sabíamos que as estradas estavam intransitáveis, concordamos que o homem passasse a noite em nossa casa. Meu pai foi com o estranho à estrebria para acomodar o cansado cavalo e voltou para a casa com o homem. Quando chegaram à sala de jantar para ceiar, quase desmaiei. Era o homem que eu tinha visto no sonho naquela madrugada — olhos maus e roupas sujas de lama. Nunca soubemos quem era: saiu de manhã cedo depois de ter tirado o trole de um buraco coberto de neve."

Um caso na Bahia

Este caso aconteceu na cidade do Salvador, nos idos de 1960. Rodrigo, de apenas *quatro anos de idade*, acorda no meio da noite, chorando e gemendo. A mãe levanta-se preocupada, e tenta acalmá-lo. A criança, soluçando, conta que teve um sonho. Viu um animal, que a mãe imaginou ser um boi, atravessando lentamente uma estrada, de uma margem para a outra. Aquela visão aparentemente insignificante e incompreensível, deixou o menino assustado e deprimido. A mãe ficou ali até que Rodrigo voltasse a dormir, o que realmente aconteceu. De repente, ele acordou sobressaltado, suando, abundantemente, dizendo que o sonho se repetira. Foi um custo fazê-lo dormir novamente. Nada mais aconteceu. Pela manhã, Rodrigo não mais se lembrava do sonho. Mas a mulher o

contou ao marido, que lhe não deu a menor importância. Com o passar dos dias, todos esqueceram o sonho de Rodrigo.

Era uma segunda-feira, o pai de Rodrigo se preparava para mais uma de suas viagens de negócio ao interior da Bahia. Abraçou o pequeno Rodrigo, beijou a esposa e partiu. Uma semana depois a terrível notícia — o seu automóvel chocara-se com um imenso boi que, altas horas da noite, atravessava a estrada que trazia o pai de Rodrigo de volta para casa. O choque fora tão violento que ele faleceu ali mesmo, na escuridão e no silêncio de uma noite quente do sertão baiano. O sonho de Rodrigo, infelizmente, se concretizou...

AS PESQUISAS DO DR. W. H. C. TENHAEFF

Willem Hendrik C. Tenhaeff nasceu na Holanda em 1894 e faleceu em 1981. Foi diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade Estatal de Utrecht, Holanda, onde desenvolveu importantes pesquisas sobre os mais expressivos fenômenos parapsíquicos, em que se destacam a psicomетria e a precognição.

Contou, para tanto, com a colaboração de numerosos médiuns, entre os quais destaca-se Gérard Croisset¹⁵.

Entre as inúmeras experiências realizadas por Tenhaeff no campo da precognição, ressalta-se o que ele chamou de "TESTE DA CADEIRA".

O Professor Tenhaeff submeteu Gérard Croisset ao "TESTE DA CADEIRA": escolhe-se, ao acaso, o número de uma cadeira, de esquema de assentos, para uma reunião pública prevista. Diz-se a Croisset qual é o número escolhido. Ele então descreve, com admirável precisão, a aparência, a personalidade e as principais características do homem ou da mulher que sentará nessa cadeira — às vezes, antes da pessoa ter decidido comparecer à reunião!

Eis o seguinte exemplo da extraordinária faculdade precognitiva de Croisset, submetida às habituais precauções do criterioso Tenhaeff:

¹⁵ Gérard Croisset nasceu em 1909. Aos vinte e cinco anos toma conhecimento de sua faculdade paranormal (1935). A partir de 1945, começa a ser pesquisado pelo Professor Tenhaeff e, posteriormente, pelo Professor Hans Bender e pelo Professor Andreas Resch. Croisset teve dois filhos, Gérard e Nanny. Atualmente, Nanny, Frau Veerman-Croisset, que reside na Willen de Zwysterstraat, 21, Utrecht, trabalha sob a direção parapsicológica do Professor H. Van Praag, Sprigweg, 3 — Utrecht.

Em 6 de janeiro de 1957, às duas horas da tarde, Gérard Croisset encontrava-se no Instituto de Parapsicologia com o Professor Tenhaeff, a jovem Annet Louweren, e dois professores da Universidade de Utrecht: L. H. Bretschneider, biólogo, e J. A. Smith, físico. Mostrou-se ao clarividente precognitivo um plano de disposição das cadeiras para uma reunião a realizar-se 26 dias depois, na casa da Sra. C. V. T., de Haia (Holanda), a qual nem Croisset nem Tenhaeff conheciam. A lista de convidados para as 30 cadeiras ainda não fora feita. Croisset escolheu a cadeira n^o 9.

Tenhaeff perguntou-lhe: "Pode dizer-nos algo sobre a pessoa que ocupará a cadeira n- 9.

O sensitivo colocou o dedo sobre o esquema das cadeiras, por um momento, e começou a falar ao microfone de um gravador:

"1. Na sexta-feira, 1^o de fevereiro de 1957, na casa de uma senhora em Haia, uma alegre mulherzinha, ativa e de meia-idade, sentará na cadeira n- 9. Ela tem grande interesse em cuidar de crianças.

"2. Entre 1928 e 1930, vejo que muitos de seus passos foram dados junto de Kurhaus e do Circo Strassburger, na cidade de Scheveningen.

"3. Quando menina, ela teve muitas experiências num distrito onde se fabricavam lotes de queijos. Vejo uma fazenda em fogo, onde alguns animais recebem queimaduras de morte.

"4. Vejo, também, três rapazes. Um se parece fisicamente comigo. Tem um emprego em alguma região além do oceano. Parece-me que se trata de um território inglês.

"5. Tem ela contemplado um retrato de um marajá? Vejo alguém da Índia... ele veste um traje de habitantes daquele país... um turbante com uma jóia grande.

"6. Quando menina ela deixou cair um lenço na jaula de animais selvagens? Vejo um pedaço de pano caindo. Estes animais parecem leões e rasgam o tecido em pedaços.

"7. Vejo um bloco de notas com o n^o 6 no alto. Antes escreveram 5, mas alterou para 6. Isto aconteceu nestes dias e ela teve muitas discussões a respeito.

"8. Ela sujou as mãos recentemente numa antiga caixa de tintas? Vejo uma caixa com pequenos tabletes de tinta... Ela se machucou de leve ao fazer isto? O dedo médio de sua mão direita.

"9. Foi ela visitada, recentemente, por uma amiga de cerca de 44 anos, não muito alta, bem constituída, robusta, de cabelo escuro, e que usa um vestido com várias pregas largas na frente? Esta mulher lhe falou de problemas sexuais e a senhora do nº 9 aconselhou-a a visitar um psiquiatra?

"10. Ela experimentou forte emoção com a ópera Falstaff? Esta é a primeira ópera a que ela assiste?

"11. Seu pai recebeu uma medalha de ouro por serviços prestados?

"12. Levou uma menina ao dentista? A visita produziu muita emoção? Vejo que isto vai acontecer na sexta-feira, 1² de fevereiro de 1957."

A gravação foi, posteriormente, ouvida por Croisset. Perguntado se queria adicionar mais alguma informação, ele disse que sim e assim o fez.

No dia seguinte, conforme haviam precombinado, o Professor Tenhaeff telefonou ao Dr. A. Tuyter, em Utrecht, dizendo-lhe: "O Sr. Croisset já gravou suas impressões para o teste da cadeira, a realizar-se em 1^o de fevereiro." Naturalmente, ele nada revelou sobre as informações do sensitivo. O Dr. Tuyter telefonou a Sra. C. V. T. ordenando que ela podia mandar os 30 convites.

A fim de garantir o bom êxito da experiência, o grupo de pesquisadores, tendo à frente o autor de "Hellshen um telepatie", adotou todas as providências que se faziam necessárias.

No dia 1² de fevereiro, Tenhaeff e sua equipe chegaram à casa da Sra. C. V. T. em Haia, às 19 horas. Os trinta convidados, já presentes, receberam uma explicação da técnica a ser usada no teste da cadeira. Todos receberam uma cópia das informações fornecidas por Croisset e lhes foi dito: leia cuidadosamente. Se algum desses itens se aplica a você, assinale no espaço à direita de cada item.

Nenhuma das informações prestadas por Croisset se aplicava aos 29 participantes da experiência, a não ser a ocupante, por sorteio, da cadeira nº 9, a Sra. M. J. D. Mais tarde, a 18 de maio, o Professor Tenhaeff se reuniu com a Sra. M. J. D., no Instituto de Parapsicologia, quando, com maiores detalhes, se confirmaram as declarações de Croisset.

Este teste da cadeira idealizado pelo Professor Tenhaeff, utilizando-se da extraordinária sensibilidade extra-sensorial de Crois-

set, inscreve-se entre os mais intrigantes fenômenos já investigados pela Parapsicologia.

TENHAEFF E OS SONHOS PROFÉTICOS

Em seu livro "Profecias de Guerra", publicado em 1948, Tenhaeff descreveu muitos sonhos proféticos interessantes e bem autenticados. Um deles envolvia um tal Sr. B. L. que, em 1939, relatou ao notável parapsicólogo o seguinte: sonhara que soldados germânicos entravam à força numa casa da Nieuwe Keizersgracht, em Amsterdam, que antes abrigava uma fábrica de camisas para lampiões. Em 1942, a casa vista no sonho foi comprada por uma organização engendrada pelo denominado "Conselho Judaico", que deveria cuidar dos assuntos referentes aos judeus. O Sr. B. L. foi trabalhar no estabelecimento. Em julho de 1943, soldados alemães realmente Invadiram a casa. "É muito improvável" — argumenta Tenhaeff — "que se tratasse de uma coincidência fortuita."

Em 1939, ocasião do sonho, não havia absolutamente o menor motivo para esperar que a casa sonhada pelo Sr. B. L. representasse qualquer papel especial na eventualidade de uma invasão dos alemães contra os Países-Baixos. Outro ponto importante: o Dr. Tenhaeff registrou o sonho em 1939, de modo que não há possibilidade de falsificação.

AS PESQUISAS DE SAMUEL G. SOAL

Em 1943, Samuel G. Soai (1890-1975), professor--adjunto de Matemática no "Queen Mary College", de Londres e membro da SPR — Sociedade para Pesquisas Psíquicas (mais tarde, seu presidente), alimentava a esperança de poder aprofundar os impressionantes resultados obtidos pelo Dr. J. B. Rhine, com as cartas idealizadas pelo Dr. Carl G. Jung.

As cartas que seriam utilizadas por Soai em nada diferiam das de Jung, com desenhos de círculos, quadrados, sinal de somar, linhas onduladas e estrelas. Na experiência, o investigado sentava-se de um lado de um painel opaco, e o Dr. Soai do outro lado, virando os cartões um a um enquanto eles iam sendo selecionados por um processo de embaralhamento automático. Da mesma forma que Rhine, Soai anotava meticulosamente as respostas da

pessoa comparando-as com os resultados que deveriam ter sido obtidos pelo acaso.

"Mas, ao contrário de Rhine" — esclarece a Dra. Danah Zohar (vide: *"Through the Time Barrier"*) —, "Soai parece não ter obtido êxito nenhum na demonstração da existência da telepatia." Ele comunicou a sua frustração a Rhine, cuja esposa e companheira de pesquisa, Lousie, comentou:

"Ele estava a ponto de chegar à conclusão de que ou as pesquisas americanas eram falsas ou os ingleses não têm percepção extra-sensorial (PÉS)."

Entretanto, Whately Carington,¹⁶ um amigo de Soai, sugeriu-lhe que procedesse a um reexame dos resultados que obtivera, desta vez observando não as adivinhações diretas mas as que se relacionassem diretamente com a *próxima carta*. No caso de uma pessoa, em particular o sensitivo Basil Shackleton (exaustivamente pesquisado por Soai), essa nova maneira de analisar a experiência produziu resultados tão impressionantes, que a possibilidade de ter acontecido o acaso era de bilhões por um. Sem pretender isso, *Soai havia aparentemente obtido uma prova experimental, devastadora, para a premonição*: enquanto Shackleton mostrara uma paupérrima capacidade telepática para a adivinhação da carta que acaba de ser virada, ele demonstrava um notável talento precognitivo, acertando, com admirável precisão, a figura da carta *que estava por ser virada*. Deve--se observar que, tanto Soai quanto os seus companheiros de pesquisas, desconheciam, por antecedência, qual deveria ser a figura da carta seguinte, pois elas eram embaralhadas, automaticamente, por uma máquina. Assim, a ordem das cartas só ela "conhecia"... Soai ficou tão impressionado com os resultados que conseguiu com essa nova interpretação dos dados coletados, que, iniciou, imediatamente, uma longa série de experimentos com Shackleton. Soai procurava provas ainda mais concludentes a respeito da premonição. Essas experiências demonstraram, mais uma vez, que a

¹⁶ Whately Carington (1884-1947), investigador psíquico inglês, membro da Society for Psychological Research — SPR. Seus trabalhos experimentais foram iniciados em 1939, quando empreendeu um criterioso e significativo estudo da transmissão telepática de desenhos, expressando os resultados obtidos em termos de probabilidades. As pesquisas de Carington forneceram as primeiras provas científicas da premonição. Carington serviu-se, para suas pesquisas, dos equipamentos do Laboratório de Psicologia da Universidade de Cambridge (Inglaterra). Carington sustentou a hipótese da sobrevivência da estrutura "psicônica" após a morte do homem.

premonição destruía quaisquer hipóteses que pudesse ser explicada pelo acaso.

AS EXPERIÊNCIAS DE RUSSELL TARG E HAROLD PUTHOFF

Desprezando as técnicas desenvolvidas através das cartas Zenner, Russel Targ e Harold Puthoff, físicos do Instituto de Pesquisas da Universidade de Stanford, trouxeram à luz impressionantes resultados decorrentes de suas investigações sobre "visão precognitiva em situação da vida real".

Em 1976 e 1977 levaram a efeito várias experiências com a sensitiva Helia Hammid, que ficava dentro do laboratório enquanto integrantes da equipe de pesquisas eram enviados a locais por eles anteriormente desconhecidos em veículos motorizados. A finalidade da experiência era verificar se o investigado poderia descrever, antecipadamente, detalhes visuais do lugar a ser visitado pelos assistentes da pesquisa em viagem.

Integrantes dos "controles" internos da investigação de R. Targ e H. Puthoff, os assistentes-viajantes não tinham a menor idéia antecipada do destino para onde iam.

"O objetivo de mantê-los na ignorância desse detalhe" — elucida a Doutora Danah Zohar — "era excluir qualquer possibilidade de telepatia entre eles e a pessoa no laboratório. Os assistentes saíam do laboratório carregando dez envelopes selados, cada um contendo instruções de viagem para algum lugar diferente. Os envelopes haviam sido selecionados de um conjunto muito maior de envelopes idênticos por meio de sorteio de números aleatórios".

Helia Hammid descreveu, precognitivamente, os lugares que seriam visitados pelos assistentes. Os acertos da sensitiva estavam muito acima de qualquer coisa que pudesse ser explicada por sorte ou por alguma coincidência. Os pesquisadores Targ-Puthoff se convenceram da realidade científica da premonição. Pesquisa semelhante seria, mais tarde, desenvolvida no Mundelin College, em Chicago, promovida por uma equipe de psicólogos, obtendo-se resultados impressionantes.

É claro que os resultados colhidos em ambas as pesquisas contrariariam, como efetivamente encontraram, acerbos questionamentos, especialmente de parte dos Doutores D. Marks e R. Kammann, da Nova Zelândia, no que foram refutados por Targ-Puthoff, considerando sem valor as conjeturas de Marks-Kammann, porque destituídas de base experimental. O que ambos os dentistas queriam dizer, na verdade, é que se tentam contestar as pesquisas

paranormais e espíricas sem quaisquer fundamentos, emitindo-se meras opiniões.

Ao longo da história das investigações sobre a fenomenologia anímico-mediúcnica, alguns corifeus do materialismo decadente têm saído a campo, com unhas e dentes (apenas com unhas e dentes) para desacreditar o trabalho de laboratório de uma plêiade de honoráveis pesquisadores que tentam demonstrar à Humanidade as realidades do Espírito.

AS PESQUISAS DE GERALD FEINBERG

O físico norte-americano Gerald Feinberg (citado pela Doutora Danah Zohar) apresentou no Congresso de Física Quântica e Parapsicologia que ocorreu na cidade de Genebra, Suíça, em 1974, um DOCU-MENTO-ENSAIO, a que deu o título de "A LEMBRANÇA DAS COISAS FUTURAS".

Ele se baseava nas equações de eletromagnetismo de Maxwell, e sugere — pelo menos em teoria — seria possível receber informações tanto do futuro quanto do passado; sua finalidade era comparar as propriedades comuns da premonição, como estava registrada, e a memória recente, na esperança de que uma pudesse lançar alguma luz sobre a outra.

Essas comparações entre a premonição e a memória recente estão se tornando cada vez mais comuns entre os pesquisadores cujo trabalho faz uma ponte sobre as lacunas existentes entre a Parapsicologia e a Física, e a Parapsicologia e a Psicologia. Afirma, então, Zohar: "Encarar a premonição como uma espécie de 'memória ao contrário' pode não ser de muita valia para arranjar algumas das questões mais espinhosas na física da premonição, mas poderá ajudar a esclarecer o mecanismo fisiológico real pelo qual essa capacidade funciona."

E comenta: "A teoria de Feinberg supõe a existência de 'ondas avançadas', ou seja, ondas eletromagnéticas que viajam para trás no tempo. Esta abordagem suscitou mais ceticismo do que interesse entre os físicos. Entretanto, um modelo de premonição de memória recente deveria ser compatível com a física da premonição sugerida por Minian Marshall."

A teoria do Dr. Marshall, em suma, se prestaria a uma simples explicação da mecânica quântica de como uma 'futura coisa qual-

quer' pode ser vista no presente, mesmo que não tenha ainda acontecido.

A TEORIA DAS COINCIDÊNCIAS

A teoria das coincidências vem interessando pensadores de todos os tempos, especulando-se sobre o seu significado.

Os antigos cosmologistas criam que o mundo era sustentado por algum tipo de princípio de unidade.

Hipócrates, conhecido como o pai da Medicina, e que viveu aproximadamente entre 460 e 375 a.C, acreditava que o universo era mantido coeso por "afinidades ocultas", e escreveu: "existe um fluxo comum, uma respiração comum, todas as coisas estão em simpatia". Essa teoria de Hipócrates leva a crer que as coincidências poderiam ser explicadas pela tendência dos elementos "simpáticos" entre si a se atraírem.

Pico Delia Mirándola, notável filósofo renascentista, escreveu nos idos de 1557: "Primeiramente existe uma unidade nas coisas, pela qual cada coisa é una. Em segundo lugar, existe a unidade pela qual cada criatura é ligada às outras, e todas as partes do mundo constituem um só mundo."

Essa crença prevaleceu inalterada em épocas recentes. Por sua vez, o filósofo Arthur Schopenhauer (1778-1860) considerou a coincidência como "a ocorrência simultânea de fatos cujas causas não estão ligadas". Chegou a sugerir que fatos simultâneos correm em linhas paralelas, e que "fatos semelhantes são um elo unido de cadeias totalmente diferentes, que, no entanto, têm seu lugar em ambas, de modo que o destino de um indivíduo é invariavelmente igual ao do outro; cada um é o herói de seu próprio enredo, enquanto, simultaneamente, figura num enredo alheio: isto é algo que ultrapassa a nossa capacidade de compreensão e só pode ser concebido como algo possível graças a uma maravilhosa harmonia preestabelecida. Todos dela participam. Logo, tudo é interligado e mutuamente afinado."

O INCONSCIENTE COLETIVO

A idéia de um "inconsciente coletivo" — um reservatório subterrâneo de memórias através do qual todas as mentes podem se comunicar — tem sido discutida por muitos pensadores. Uma das teorias mais complexas para explicar as coincidências foi desenvolvida pelo matemático inglês Adrian Dobbs, nos anos 60. Afirma Perrott Phillips (vide: *"When the Impossible Happens"*, editado pela "Orbis Publishing Ltd., Londres) que Dobbs cunhou o termo 'psitron' para descrever uma força desconhecida que sonda, como um radar, uma segunda dimensão de tempo que é probabilística, em vez de determinística. O 'psitron' absorveria probabilidades futuras e as transportaria para o presente, ignorando os sentidos humanos normais, e de alguma forma transferindo a informação diretamente para os centros nervosos.

Deve-se observar que a primeira pessoa a estudar, cientificamente, as leis da coincidência foi o Dr. Paul Kammerer, diretor do Instituto de Biologia Experimental de Viena (Áustria). Desde os vinte anos, esclarece Perrott Phillips, ele começou a elaborar uma tabela de coincidência. Muitas delas eram essencialmente triviais: nomes de pessoas que surgiam em conversas separadas, bilhetes de teatro ou de vestiário com números iguais, uma frase de livro que reapareceria na vida real.

O Dr. Kammerer chamou o fenômeno de SERIA-LIDADE, e em 1919, publicou suas conclusões na obra *"Das Gesetz der Serie"* ("A Lei da Serialidade"). Segundo ele, as coincidências ocorriam em série — "uma recorrência ou agrupamento no tempo e no espaço, apesar de os números individuais da seqüência não estarem ligados pela mesma causa ativa".

As coincidências, conclui Kammerer, seriam apenas a ponta do *iceberg* de um princípio cósmico maior que a Humanidade ainda não aprendeu a perceber.

Mais tarde, despontam as teses de Wolfgang Pauli (Prêmio Nobel de Física) e do psicólogo suíço Carl Gustav Jung inseridas no tratado sob o título — "Sincronicidade, um Princípio Conectivo nao-Causal". Na verdade, ambos os geniais pesquisadores aprofundavam, no referido tratado, a teoria da serialidade de Kammerer.

Segundo Pauli, as coincidências eram "os traços visíveis de princípios intraçáveis". Já Jung admitiu que, isoladas ou em série,

as coincidências eram manifestações de um princípio universal pouco conhecido, que operaria independentemente das leis estabelecidas pela Física. Intérpretes dessa teoria concluíram que a telepatia, a premonição e as próprias coincidências são manifestações de uma força misteriosa do universo que tenta impor sua própria disciplina na confusão geral da vida humana.

Ao lado das postulações de Pauli e de Jung, surgem as concepções de Arthur Koestler, que resumiu o fenômeno das coincidências na expressão: "charadas do destino". Uma dessas "charadas" foi relatada a Koestler nos seguintes termos, pelo jovem Nigel Parker:

"Muitos anos atrás, o autor de histórias de terror, o americano Edgar Allan Poe, escreveu um livro chamado 'A Narrativa de Arthur Gordon Pym'. O Sr. Pym estava viajando num navio que naufragou; os quatro sobreviventes ficaram num bote, à deriva, durante muitos dias, até que decidiram matar e comer um grumete chamado Richard Parker.

"Alguns anos mais tarde, no verão de 1884, o primo do meu bisavô era grumete do veleiro 'Mignonette', que afundou, e os quatro sobreviventes ficaram num bote, à deriva, por muitos dias. Com o passar do tempo, os três mais velhos da tripulação mataram e comeram o grumete. O nome dele era Richard Parker..."

Incidentes como esse, estranho e aparentemente sem significado, conjectura Perrott Phillips, são abundantes. Não haveria alguma explicação para eles além de mera coincidência?

Ainda é Arthur Koestler, em sua obra "O Desafio da Possibilidade", que especula: "Podem as coincidências ao menos servir como indicadores de um único grande mistério: a aparição espontânea da ordem a partir da desordem, e, incluindo nesse conceito, o desafio filosófico. E se isso soa muito racional ou muito oculto, colecionar coincidências continua sendo um divertido jogo de salão."

Admite-se, ainda, que, se a coincidência pode vencer as barreiras do tempo e do espaço, em sua tentativa de criar "ordem a partir do caos", não é de surpreender que também possa se estender para além do túmulo.

Quando fazia uma temporada pelo Texas, em 1899, o ator canadense Charles Francis Coghlan ficou doente em Galveston e morreu. Sua cidade natal ficava muito distante para que enviassem o corpo para lá: a Ilha Príncipe Eduardo no Golfo de São Lourenço

— mais de 5.600 quilômetros por via marítima —, e ele foi enterrado num caixão de chumbo, num jazigo de granito. Menos de um ano depois, o grande furacão de setembro de 1900 atingiu Galveston, inundando o cemitério. O túmulo foi destruído, e o caixão flutuou até o Golfo do México. Lentamente, vagou pela costa da Flórida e pelo Atlântico, onde foi apanhado pela corrente do Golfo e carregado para o norte.

Oito anos se passaram. Num dia de outubro de 1908, alguns pescadores da Ilha Príncipe Eduardo avistaram uma caixa longa e um pouco danificada pela intempérie, flutuando próximo à praia. O corpo de Charles Francis havia voltado para casa... Sorte, destino, um truque do acaso?

A verdade é que entre o Céu e a Terra, entre o Ser e o Eterno, há mistérios que desafiam a nossa limitadíssima percepção.

CONCEITO DE ESPAÇO E TEMPO

Considerando o caráter extra-temporal, extra-espacial e não causal da função precognitiva, Jan Ehrenwald (*"New Dimensions of Deep Analysis"*) escreveu: *"Não se pode negar que os psifenômenos contradizem nossos conceitos costumeiros de espaço e tempo. Mas se isto é verdade, só existe uma conclusão prática a retirar deste estado de coisas: temos de tentar captar as ocorrências dentro de um novo quadro de referência científica de onde tenham sido removidas as placas de sinalização de tempo, espaço e causalidade."* Schopenhauer, que exerceu notória influência sobre Jung, chegou a conclusão idêntica e sugeriu que os fenômenos sonambúlicos fossem mantidos fora das categorias Kantianas de espaço, tempo e causalidade. As barreiras que separam pessoa de pessoa pertencem ao mundo da mera aparência, e a interação não prejudicada por obstáculos espaço-temporal é um fato no reino da coisa-em-si¹⁷.

Em seu livro *"An Experiment with Time"* (Londres, 1937), J. W. Dunne dedica um capítulo à apreciação sobre o tempo, elabo-

¹⁷ Kant, em sua obra "Sonhos de um Vidente de Espírito, Explicados Pelos Sonhos da Metafísica" (1766), já percebera a complexidade do assunto perguntando: "Deve ele (Kant) admitir sequer uma destas histórias? Que importante seria este reconhecimento, e que consequência veríamos diante de nós se pudéssemos supor que uma só dessas ocorrências (de precognição) fosse provada!" Ao longo do tempo, as investigações sobre precognição têm avançado, mas não se chegou, a bem da verdade, a conclusões absolutamente satisfatórias.

rando apreciável teoria que pretende decifrar o enigma da precognição. Essas idéias de J. W. Dunne, a respeito de um mundo de sucessivas dimensões de tempo e de *"tempo progressivo"*, constam de outro livro de sua autoria, *"The Serial Universe"* (1937). Segundo Alfred Still, que analisou a obra de Dunne, em *"Borderlands of Science"*, este admite que *"não existe muita gente, neste pós--guerra (2ª Guerra Mundial), que, após lera estimulante Introdução, fique empolgada com o que se segue. O autor deixa de solucionar o mistério do tempo, em parte porque, ao tratar dele como quarta dimensão, retém as antiquadas idéias de tempo e movimento"*. Vem, então, em socorro não exatamente de J. W. Dunne, mas da veracidade do fenômeno precognitivo, as seriíssimas pesquisas do Dr. Joseph Banks Rhine, desenvolvidas especialmente na Universidade de Duke, Carolina do Norte (EUA). Em *"New Frontiers of the Mind"*, N. Y., 1937, Rhine considera o problema tempo, afirmando que há muitos casos de sonhos proféticos que se concretizam em quase metade dos casos registrados; o sonho precede, na realidade, a ocorrência. Reporta-se aos trabalhos desenvolvidos pelo Dr. H. F. Satmarsh, da Inglaterra, e do fundador da Metapsíquica Charles Richet. Mas, a despeito das inestimáveis pesquisas desses criteriosos investigadores, incluindo as de J. W. Dunne, submete o fenômeno a severos testes experimentais antes de enunciar que a precognição tenha sido firmada, em definitivo, como fato indiscutível. Entretanto, as inúmeras provas evidenciam que os sonhos, em incontáveis situações, premunem os acontecimentos.

A questão é, realmente, Instigante, suscitando, destarte, a indagação: QUANDO É AGORA? À luz das concepções formuladas pelos pesquisadores, deve-se admitir que *"somente o que existe AGORA é real"*, negando, sem dúvida, a realidade do que existiu e do que ainda está para vir. Vivemos no AGORA e fazemos parte dele; tudo mais é irreal!

"Tal modo de pensar" — tenta esclarecer Alfred Still — *"não nos ajudará a aproximar-nos mais de um meio de compreendermos o tempo. A concepção de um AGORA destituído do tempo — o que não é irrazoável — aumenta as dificuldades para pensar sensatamente sobre o futuro."* E adiante, questiona: *"Quanto tempo dura o agora? Pode ser longo ou cunco, dependendo do que entendemos como longo e curto. Falamos do curto período da vida do homem e, em relação a um período muito longo, é curto."*

Em seguida, o autor de *"Borderlands of Science"* conclui que o passado, presente e futuro — que constituem o espaço da vida humana — podem ser o AGORA de um ser imortal. Em outras palavras: Todos os acontecimentos de uma existência humana são apenas um instante na eternidade.

Por sua vez, e com base na idéia de que se possa conhecer o futuro como uma espécie de matriz, na qual jaz o presente, é desenvolvida por Hereward Carrington em sua obra *"Story of psychic Science"*. Ele sugere que, se o futuro existe, poderá haver certas condições sob as quais podemos vislumbrá-lo. E oferece interessante analogia: "Imagine estar na plataforma da cauda de um trem em movimento. A vista, de cada lado, estará continuamente mudando à medida que novos cenários são percebidos e outros desaparecem. Mas o novo cenário não está sendo criado no momento em que você o percebe, tinha existência real antes de você tê-lo visto. E também: quando a paisagem recua, não é destruída; ainda existe, embora não para você; no que lhe diz respeito ela desapareceu. Desse modo, os acontecimentos podem-se julgar existentes em algum mundo *"real"*. Conquanto o homem mortal os perceba, como fenômenos, somente no momento da percepção."

"O futuro" — acrescenta Alfred Still — *"é sempre vago e um tanto misterioso... Isso não se dá com o presente; vivemos nele e pertencemos a ele. Falamos do presente com confiança; estamos aqui AGORA e o sabemos. Mas se o presente é, realmente, da mesma formação que o futuro e o passado, uma parte da fantasia destes a ele pertence"*. E retoma, ainda intrigado, a despeito de tantas especulações: *"Quando é AGORA?"*

A TEORIA DA RELATIVIDADE E A MECÂNICA QUÂNTICA

Essas teorias suscitaram fundamentais mudanças nos conceitos de ESPAÇO E TEMPO, MATÉRIA E CAUSA E EFEITO, evidenciando, ainda que fragmentariamente, uma outra dimensão diferente da que vivemos diuturnamente. A física quântica nos revela um universo que se apresenta como uma complicada teia de relações entre as partes e o todo. Em tal nível, as partículas não podem ser decompostas e estudadas como se fossem unidades independentes e separadas; elas só podem ser observadas em termos de suas interações.

Segundo a psicóloga clínica Julika Czismás Kiskos, membro da American Society for Psychical Research, *"a descrição desta dimensão*

aproxima os físicos das narrativas místicas". Dois grandes cientistas, Werner Heisenberg e Max Planck, referem-se a ela assim:

"Portanto o mundo se revela como um complicado emaranhado de eventos, no qual diferentes tipos de relações ou se alteram ou se sobrepõem, ou se combinam, determinando, desta forma, a composição do todo."

Na física moderna é impossível chegarmos às leis que estamos procurando, a não ser que consideremos o sistema físico como um todo. Segundo a moderna teoria de campo, cada partícula individual do sistema está, num certo momento, simultaneamente em cada parte do espaço ocupado pelo sistema.

Outra teoria que concorreu para a reformulação de conceitos geralmente aceitos é a da relatividade. Conforme explica essa teoria, o espaço não é tridimensional e o tempo não é uma entidade separada dele. Ambos se encontram intimamente ligados e constituem um CONTINUUM espaço-tempo de quatro dimensões. O que Einstein afirma é que não há espaço e tempo — há, apenas, ESPAÇO-TEMPO, formando um contínuo que não pode se dissociar — assim, vivemos em um continuum ESPAÇO-TEMPO de quatro dimensões, e não como imaginamos viver, no cotidiano, o tempo e espaço como entidades separadas.

Deve-se observar que o continuum espaço-tempo é estático. Pudéssemos ver a nossa realidade a partir das quatro dimensões, perceberíamos que tudo o que acontece à nossa frente, à medida que o tempo passa, JÁ EXISTE! De igual modo ocorre, em que, na realidade apreendida pelos sensitivos, as coisas simplesmente SÃO! Chega-se à conclusão de que tudo o que foi é... Não seria sem razão que os orientais afirmam: *"O absoluto é tudo que existe. Este absoluto tornou-se o universo. Tempo, espaço e causalidade são como a lente através da qual o absoluto é visto; e quando é visto; aparece como sendo o universo. O que podemos depreender disto é que, no absoluto, não há tempo, nem espaço, nem causalidade... O que chamamos de causalidade começa depois que o absoluto se decompõe fenomênicamente e não antes."*

A unificação de tempo e espaço conduziu à constatação de que há uma equivalência entre a massa e a energia de uma partícula (isto é — a massa nada mais é do que uma forma de energia), o que contribuiu para alterar o conceito de matéria. É voz corrente, nos arraiais da física moderna, que massa não é mais entendida como uma substância material; daí por que as partículas neste nível

de realidade não são mais pensadas como sendo objetos tridimensionais estáticos.

Conforme o pensamento de David Bóhm (*"Who-venes and the Implicate order"*), o que parece ser um mundo estável, tangível e audível nada mais é do que uma ilusão dos nossos sentidos. O mundo é dinâmico e caleidoscópico) — não está realmente "lá". O que normalmente vivenciamos é a ordem explícita das coisas, como se estivéssemos vendo um filme. Mas existe uma ordem subjacente e implícita.

Karl Pribram, da Universidade de Stamford, admite que as experiências psíquicas permitem uma entrada nesse nível de realidade. Assim, a informação necessária para o evento ocorrer já está lá.

Nessa linha de raciocínio, conclui-se que no processo precognitivo as coisas "são" e não "acontecem"; destarte, a informação está "à disposição" de quem possa captá-la...

A TEORIA DO MATEMÁTICO C. H. HINTON

O matemático C. H. Hinton, citado por S. G. Soai (*"Modern Experiments in Telepaty"*), pensou em todos os objetos e acontecimentos passados, presentes e futuros como estando espalhados ao longo da dimensão-tempo. Nossos cérebros e corpos também estão estendidos no tempo. Em outras palavras, nossos corpos são objetos de quatro dimensões, e nossa aparência, digamos, à idade de quarenta anos, é simplesmente uma seção tridimensional de nossa realidade de quatro dimensões.

C. Hinton considerava nossa consciência não como uma coisa com extensão no tempo, como ser material, mas como uma coisa extensiva ou como um filme de duas dimensões que se movia ao longo da dimensão do tempo, desde o berço até o túmulo. Mais exatamente, ele teria de considerar a consciência como movendo-se ao longo da extensão temporal do cérebro e escrutando este seu caminho.

Segundo a teoria de Hinton, os eventos passados assim como os futuros existem no presente eterno de um universo estático. Como observou, por sinal, Arthur Stanley Eddington (*"Fundamental Theory"*), "eventos não acontecem; nós os encontramos em nossa passagem".

"Sem dúvida" — observa Soai — "é pitoresco pensar em nossa consciência como sendo um carro com lanternas traseiras mas sem os faróis dianteiros, correndo ao longo de uma estrada escura. Ficamos sentados dentro de um círculo de luz clara a que chamamos o movimento presente. Atrás de nós fica o pedaço da estrada que percorremos fracamente iluminado pela memória, mas na frente tudo é silêncio e trevas. Os eventos futuros da nossa vida já estão LÁ à espera de serem apanhados por nossos faróis". Tais imagens — conclui o ilustre pesquisador — "são românticas, mas ilusórias".

Foi provavelmente devido a essa errônea concepção de C. Hinton que J. W. Dunne baseou sua célebre teoria sobre precognição, obedecendo os seguintes pressupostos:

a) O tempo tem extensão, divisível em passado e futuro.
b) Essa extensão não ocorre em qualquer espaço conhecido, mas numa quarta dimensão.

c) Passado e futuro não são observáveis; todos os fenômenos observáveis se encontram num campo situado num instante único do tempo: o presente.

d) Este campo de observação presente move-se, por algum meio esquisito, sobre a linha do Tempo, movimento chamado "paisagem" do Tempo. Ora, o movimento do tempo deve ser mensurável, e o tempo que mede o Tempo deve ser um 3^2 Tempo; assim *ad infinitum*, objeção fundamental à idéia de Newton sobre o fluxo do tempo.

H. G. Wells, em "A Máquina do Tempo", foi o primeiro, segundo J. W. Dunne, a insistir na necessidade de encarar o Tempo como 4ª dimensão. Qualquer corpo real devia ter, de acordo com Wells, comprimento, largura, altura e direção. A matéria, para Wells, estendia-se (durava) no tempo. "Um homem é um ser quadridimensional, fixo e inalterado, do qual os seus retratados de 8, 15, 17 e 23 anos são evidentemente seções, representações tridimensionais."

Nenhuma diferença Wells estabeleceu entre as três dimensões espaciais e a temporal. Nossa consciência é que se move intermitentemente numa dimensão temporal até o fim de nossas vidas.

O Professor C. D. Broad (Vide: "Mr. Dunne's Theory of Time") e outros pesquisadores mostraram que a teoria de J. W.

Dunne é uma construção lógica sem bases, mas que possivelmente poderia ser modificada para evitar o infinito regresso de tempos e de observadores que constitui o aspecto mais questionável. O Professor Broad, notou, ainda, que para explicar a precognição segundo J. W. Dunne não é necessária a série infinita de tempo e de observadores. Na opinião do Professor Broad a precognição assemelha-se mais à memória que caminha para a frente em vez de para trás. Sugere que o tempo tem uma segunda dimensão que fica em ângulo reto com a dimensão linear que experimentamos através de nossa consciência normal.

"De acordo com essa teoria"— elucida Soai — "os acontecimentos seriam simbolizados não por pontos em uma linha, mas por linhas ou áreas em um plano. Um acontecimento pode estar no futuro, em relação à dimensão de tempo de nossa consciência normal, e já pode estar no passado em relação à segunda dimensão de tempo. Por conseguinte, se possuímos uma consciência extra-sensorial capaz de apreciar os campos fantasmagóricos do tempo que ficam à direita ou à esquerda da linha, podemos tornar-nos cientes de um acontecimento antes que nossa consciência normal a tenha alcançado".

E o Professor Soai vai mais longe em sua análise da teoria, supondo que o próprio Prof. C. D. Broad não tenha muita fé nessa idéia de uma segunda dimensão de tempo em ângulo reto com a primeira. *"Sem dúvida", arremata, "as tentativas de pensar no tempo em termos de geometria, ou como sendo uma espécie de espaço, são provavelmente tolices".*

A verdade é que dificilmente surgirá uma teoria de valor até que seja feito grande número de experiências sobre presciência.

Em seguida o Professor Soai cita C. T. K. Chari (*"Time as Minkowski's Fourth Dimension"*), que observa: *"quando os ocultistas falam voluvelmente de consciência 'movendo-se' ao longo de linhas metafísicas terrenas, estendidas estáticamente em um superespaço, estão entregando-se a uma vasta ignoratio elendri".* Em verdade, acrescenta o Prof. Soai, *"não há justificação filosófica para a introdução do movimento presente que tanto agradou à imaginação popular".*

A VISÃO ESPIRITUAL

"Se sairmos do âmbito das coisas puramente materiais — ensina Kardec em "A GÊNESE" — e entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos o mesmo fenômeno (predição) produzir-se em maior escala. Os Espíritos são como o homem na montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas, a extensão e a penetração da vista são proporcionais à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. (...)

"Bem se compreende, pois, que, de conformidade com o grau de sua perfeição, possa um Espírito abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos, mesmo de muitos milhares de anos, porquanto, que é um século em face do infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que, nesse período, constituem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir dizer-nos com certeza: tal coisa acontecerá em tal época, porque essa coisa ele a vê como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem. Se assim não procede, é porque poderia ser prejudicial ao homem o conhecimento do futuro, conhecimento que lhe perdia o livre-arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que lhe cumpre executar a bem do seu progresso. O se lhe conservarem desconhecidos o bem e o mal com que topará constitui para o homem uma prova.

"Se tal faculdade, mesmo restrita, se pode contar entre os atributos da criatura, em que grau de potencialidade não existirá no Criador, que abrange o Infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos lhe são o presente. Dentro desse panorama imensurável, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

"Entretanto, como o homem tem de concorrer para o progresso geral, como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode convir que, em casos especiais, ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar pronto a agir, em chegando a ocasião. Por isso é que Deus, às vezes, permite se levante uma ponta do véu; mas, sempre com fim útil, nunca para satisfação de vã curiosidade. Tal missão pode, pois, ser conferida não a todos os Espíritos, porquanto muitos há que do futuro não conhecem mais do que os homens, porém, a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la. Ora, é de notar-se que as revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais, ou, pelo menos,

muito raramente, em resposta a uma pergunta direta." (...) Pela sua ambigüidade, elas se prestam a interpretações muito diferentes, de tal sorte que, conforme o sentido que se atribua a certas palavras alegóricas ou convencionais, de acordo com a maneira por que se efetue o cálculo, singularmente complicado, das datas e, com um pouco de boa vontade, nelas se encontra quase tudo o que se queria.

"Seja como for, não se pode deixar de convir em que algumas apresentam caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que a forma velada tenha tido, em certo tempo, sua razão de ser e mesmo sua necessidade. Hoje, as circunstâncias são outras; o positivismo do século dar-se-ia mal com a linguagem sibilina. (...)" Os Espíritos, acrescenta Kardec, "quase sempre motivam a opinião que manifestam, por não quererem que o homem anule a sua razão sob uma fé cega e desejarem que este último lhe aprecie a exatidão".

SELETA BIBLIOGRÁFICA SOBRE PROFECIA E PRECOGNIÇÃO

Há uma série de obras que tratam da PROFECIA e da PRECOGNIÇÃO. A maioria jamais chegou ao Brasil, mesmo na língua em que foram escritas. Deve-se, pois, admitir que as fontes de consulta, em língua portuguesa, são, sobretudo, restritas. Daí por que recorremos à bibliografia alienígena.

Seria inoportuno destacar este ou aquele autor; entretanto, deve-se fazer justiça ao Professor Charles Richet, ao notável astrônomo Camille Flammarion e ao admirável casal Rhine. Eles desenvolveram, realmente, um metucioso trabalho de pesquisa, coletando dados e informações sobre os mais diversificados casos de profecia e precoguição, sobre eles canalizando toda a perspicácia e a percuciência que lhes granjearam lugar de reconhecido valor no contexto da comunidade científica da época em que viveram e de épocas posteriores.

1. L'Inconnu et les Problèmes Psychiques La Mort et son Mystère *Camille Flammarion*
2. Traite de Métapsychique
L'Avenir et la Premonition *Charles Richet*
3. Le Marveill dans les Jeux de Hasard *César Baudi de Vesme*
4. Encyclopédie de la Divination *Rene Alleau*
5. Las Guerres et les Prophéties Célebres *Joanny Bríxaud*
6. Devant le Mystère de la Neurose *Emile Agnin*
7. Dei Fenomeni Premonitori *Ernesto Bozzano*
8. Predictions er Prophéties *Joelle Grabelaíne*

9. Prophétie et Divination *Alfred Guillaume*
10. L'Essence du Prophétisme *André Neher*
11. Prophéties *Nostradamus*
12. Prophètes et Scaldes Suédois *P. Alterbom*
13. Peut-on Connaitre L'avenir? *Charles Gerber*
14. La Cpnnaissance Supranormale *Eugene Osty*
15. Human Personality and its Survival of Bodily Death *Frederic W. H. Myers*
16. Through the Time Barrier: a Study of Precognition and Modern Physics
DanaZohar
17. Das Zweite Gesicht-Neure Vorgeschichte *Frederich Zur Bonsen*
18. Thérapeutique Suggestive *A. A. Liébeault*
19. Some Cases of Prediction *E. Lyttelton*
20. Evidence of Displacement in a Precognition Fest *G. L Mangan*
21. New Dimensions of Deep Analysis *Jan Ehrenwald*
22. Preliminary Experiments in Precognitive *Whatley Carington*
23. L'énergie Spirituelle *Henri Bergson*
24. Frequency of Types of Experience in Spontaneous Precognition
Precognition and Intervention *Louise R. Rhine*
25. Extra-Sensory Perception *Joseph Banks Rhine*
26. On the Evidence for Premonition *E. M. Sidgwick*
27. Modern Experiments in Telepathy *S. G. Soal e F. Bateman*
28. Precognition Reconsidered *J. B. Rhine*
29. Previsions of Disaster *Hans Bender*
30. La Connaissance de l'Avenir *Maurice Maeterlinch*
31. Twentieth Century Prophecy *James Bjornstad*
32. Prophecy: the Search for Certainty *Charles J. Cazeau*
33. An Experiment With Time *J. W. Dunne*
34. True Experiences in Prophecy
Prophecy in our Time *Martin Ebon*